



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ANA PAULA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO MARCA IDENTITÁRIA  
NA UNIVERSIDADE**

---

Londrina  
2023

ANA PAULA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO MARCA IDENTITÁRIA  
NA UNIVERSIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dircel Aparecida Kailer

Londrina  
2023

A532v Silva, Ana Paula.  
VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA COMO MARCA IDENTITÁRIA NA UNIVERSIDADE  
/ Ana Paula Silva. - Londrina, 2024.  
157 f.

Orientador: Dirce Aparecida Kaller.  
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2024.  
Inclui bibliografia.

1. Variantes Linguísticas - Tese. 2. Universitários - Tese. 3. Marcas de identidade - Tese. 4. Falar culto - Tese. I. Kaller, Dirce Aparecida. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

ANA PAULA SILVA

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO MARCA IDENTITÁRIA NA UNIVERSIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dircel Aparecida Kailer  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline Ortelan Maia Botassini  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Cristina Ferreira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 07 de fevereiro de 2024.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito central investigar a presença de variação linguística na fala culta de estudantes, oriundos de regiões distintas, dos cursos de Letras, Direito e Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina (UEL), utilizando os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; 2010). O estudo possui o objetivo geral de descrever as variantes morfofonológicas desses alunos, buscando entender se enfrentaram situações de constrangimento, estigma ou preconceito linguístico, além de avaliar as variantes predominantes e analisar a constituição da identidade linguística desses informantes no ambiente universitário. As hipóteses levantadas sugerem que estudantes de diferentes localidades e anos de curso podem apresentar variações linguísticas distintas, e as variantes cultas devem prevalecer na fala dos universitários, independentemente do curso ou ano. Em se tratando do construto teórico, este estudo se embasa em autores como Brandão e Oliveira (1996), Orlandi (1995; 1996; 2002), Hall (1997), Eckert (2000; 2012), Woodward (2000), Bagno (2005), Guy (2001), Labov (2008), Weinreich, Labov e Herzog (2008), Faraco (2008), Freitag e Lima (2010), entre outros. Para atingir os objetivos estabelecidos, foi empregado um roteiro de entrevista, baseado em modelos anteriores de Pinto e Fraga (2011), Botassini (2013) e Oushiro (2015), aplicado a 12 alunos estratificados em sexo, idade, curso e ano de graduação. Quatro variantes linguísticas foram analisadas quantitativamente: palatalização de /t/ e /d/, variantes róticas, /s/ como marca de plural e apagamento de /d/ no gerúndio. Em adição à análise quantitativa, analisou-se também, num segundo momento, qualitativamente as respostas obtidas nas entrevistas com os 12 participantes. Os resultados revelaram que os estudantes tendem a se aproximar das variantes que consideram de prestígio de outros sujeitos do mesmo grupo, como a realização do /s/ como marca de plural de forma categórica pelos estudantes do curso de Letras, mesmo em trechos mais espontâneos da fala. Ademais, notou-se que a norma culta predominou na fala de todos os participantes. Em suma, este estudo contribui para a compreensão da variação linguística na fala de estudantes universitários, destacando a importância da identidade linguística e das práticas discursivas no contexto acadêmico.

**Palavras-chave:** variantes linguísticas; universitários; marcas de identidade; prestígio; falar culto.

# LINGUISTIC VARIATION AS AN IDENTITY MARKER IN THE UNIVERSITY

## ABSTRACT

This research aims to investigate the presence of linguistic variation in the educated speech of students from different regions, enrolled in the courses of Literature, Law, and Education at the State University of Londrina (UEL), using the theoretical and methodological principles of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008; 2010). The study has the general objective of describing the morphophonological variants of these students, seeking to understand if they have faced situations of embarrassment, stigma, or linguistic prejudice, as well as to evaluate the predominant variants and analyze the constitution of the linguistic identity of these informants in the university environment. The hypotheses raised suggest that students from different locations and years of study may present distinct linguistic variations, and educated variants should prevail in the speech of university students, regardless of the course or year. Regarding the theoretical framework, this study is based on authors such as Brandão and Oliveira (1996), Orlandi (1995; 1996; 2002), Hall (1997), Eckert (2000; 2012), Woodward (2000), Bagno (2005), Guy (2001), Labov (2008), Weinreich, Labov, and Herzog (2008), Faraco (2008), Freitag and Lima (2010), among others. To achieve the established objectives, an interview script was employed, based on previous models by Pinto and Fraga (2011), Botassini (2013), and Oushiro (2015), applied to 12 students stratified by gender, age, course, and year of graduation. Four linguistic variants were quantitatively analyzed: palatalization of /T/ and /D/, rhotic variants, /S/ as a plural marker, and deletion of /D/ in the gerund. In addition to the quantitative analysis, the responses obtained in the interviews with the 12 participants were also qualitatively analyzed in a second moment. The results revealed that students tend to approach the variants they consider prestigious from other subjects within the same group, such as the realization of /S/ as a plural marker categorically by students of the Literature course, even in more spontaneous speech passages. Furthermore, it was noted that the educated norm prevailed in the speech of all participants. In summary, this study contributes to the understanding of linguistic variation in the speech of university students, highlighting the importance of linguistic identity and discursive practices in the academic context.

**Keywords:** linguistic variants; undergraduate students; identity marks; prestige; cultivated speech.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - Estruturação dos dados extralinguísticos

**Figura 2** - Bibliotecas utilizadas para a estruturação dos dados

**Figura 3** - Biblioteca *Regular Expressions* aplicada ao código

**Figura 4** - Contagem dos dados

**Figura 5** - Análise estatística dos dados

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1** - Realização e apagamento de /S/ como marca de plural

**Tabela 2** - Atuação da variável sexo no uso do /S/ como marca do plural

**Tabela 3** - Atuação da variável ano do curso no uso do /S/ como marca do plural

**Tabela 4** - Atuação da variável curso de graduação no uso do /S/ como marca do plural

**Tabela 5** - Atuação da variável vogal da sílaba alvo na palatalização da oclusiva /d/

**Tabela 6** - Atuação da variável vogal da sílaba alvo na palatalização da oclusiva /t/

**Tabela 7** - Realização e apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/

**Tabela 8** - Atuação da variável sexo no uso de /d/ no morfema de gerúndio /NDO/

**Tabela 9** - Atuação da variável curso de graduação no uso de /d/ no morfema de gerúndio /NDO/

**Tabela 10** - Atuação da variável classe de palavra na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

**Tabela 11** - Atuação da variável sexo na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

**Tabela 12** - Atuação da variável curso de graduação na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

**Tabela 13** - Atuação da variável ano do curso na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

**Tabela 14** - Atuação da variável coda na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

**Tabela 15** - Atuação da variável dimensão da palavra na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1** - Banco de Teses e Dissertações da Capes

**Quadro 2** - Definição dos Róticos do PB

**Quadro 3** - Quadro Geral dos Participantes

## LISTA DE SÍMBOLOS DO ALFABETO FONÉTICO

Símbolos do IPA (International Phonetic Alphabet), utilizados nas transcrições.

### Consoantes

- [d] Oclusiva alveolar vozeada
- [dʒ] Africada alveopalatal vozeada
- [n] Nasal alveolar vozeada
- [r] Tepe vozeado
- [ɹ] Aproximante retroflexa
- [h] Fricativa glotal surda
- [x] Fricativa velar surda
- [s] Fricativa alveolar desvozeada
- [t] Oclusiva alveolar desvozeada
- [tʃ] Africada alveopalatal desvozeada
- [∅] Apagamento ou zero fonético

### Vogais

- [e] Vogal média alta anterior não arredondada
- [i] Vogal alta anterior não arredondada
- [ɪ] Vogal alta anterior não arredondada
- [o] Vogal média alta posterior arredondada
- [ʊ] Vogal alta posterior arredondada
- [u] Vogal alta posterior arredondada

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
NURC	Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta
PB	Português Brasileiro
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
TXT	Arquivo de Texto
UCLA	Universidade da Califórnia em Los Angeles
UEL	Universidade Estadual de Londrina

## SUMÁRIO

- 1 PRIMEIRAS PALAVRAS: RUMO À COMPREENSÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE**
- 2 RAÍZES E EVOLUÇÃO: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA**
- 3 AS TRAMAS SOCIAIS DA LINGUAGEM: COMUNIDADE DE FALA, IDENTIDADE, PRECONCEITO E NORMA CULTA**
  - 3.1 Na Rota da Interação: Comunidade de Fala e Comunidade de Prática
  - 3.2 O Reflexo na Palavra: (des)construindo identidades
  - 3.3 Entre Linhas e Estigmas: Desvendando as Complexidades do Preconceito Linguístico
  - 3.4 Rigor e Flexibilidade: Explorando as Dimensões da Norma Culta
- 4 EXPLORANDO AS MUDANÇAS: MORFOFONOLOGIA EM FOCO**
  - 4.1 /S/ Como Marca de Plural
  - 4.2 Palatalização das Oclusivas Alveolares /D/ e /T/
  - 4.3 Apagamento de /D/ no Morfema de Gerúndio /NDO/
  - 4.4 Variantes Róticas em Coda Silábica
- 5 NOS BASTIDORES DA PESQUISA: CAMINHOS E ESCOLHAS NA INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA UNIVERSITÁRIA**
  - 5.1 Cenário da Pesquisa - Um Breve Histórico da UEL
  - 5.2 Roteiro da Entrevista
  - 5.3 Participantes da Pesquisa
  - 5.4 Coleta de Dados
  - 5.5 Variáveis Analisadas
  - 5.6 Métodos Quantitativos

**6**            **SONS DA UNIVERSIDADE: VARIANTES  
MORFOFONOLÓGICAS MAIS PRODUTIVAS NA  
FALA UNIVERSITÁRIA**

- 6.1            /S/ Como Marca de Plural
- 6.2            Palatalização das Oclusivas Alveolares /D/ e /T/
- 6.3            Apagamento de /D/ no Morfema de Gerúndio /NDO/
- 6.4            Variantes Róticas em Coda Silábica

**7**            **VOZES E IDENTIDADES: UM RETRATO LINGUÍSTICO DOS  
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

- 7.1            Homem - Direito - Primeiro Ano
- 7.2            Mulher - Direito - Primeiro Ano
- 7.3            Homem - Direito - Último Ano
- 7.4            Mulher - Direito - Último Ano
- 7.5            Homem - Pedagogia - Primeiro Ano
- 7.6            Mulher - Pedagogia - Primeiro Ano
- 7.7            Homem - Pedagogia - Último Ano
- 7.8            Mulher - Pedagogia - Último Ano
- 7.9            Homem - Letras - Primeiro Ano
- 7.10           Mulher - Letras - Primeiro Ano
- 7.11           Homem - Letras - Último Ano
- 7.12           Mulher - Letras - Último Ano

**8**            **NO FIM, UM RECOMEÇO: DESAFIOS, DESCOBERTAS E  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO DA VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE**

**REFERÊNCIAS**

**ANEXOS**

ANEXO 1 - Aprovação do Comitê de Ética

ANEXO 2 - Roteiro para a entrevista

## **1 PRIMEIRAS PALAVRAS: RUMO À COMPREENSÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE**

O estudo da língua e os fenômenos linguísticos constituem importantes discussões que são abordadas sob inúmeros ângulos, desde visões mais abstratas até perspectivas mais concretas. Dentro desses caminhos teóricos percorridos nos estudos linguísticos, tem-se a Sociolinguística, que apresenta uma importante abertura de horizontes no que diz respeito às considerações de aspectos externos e como estes se relacionam com os aspectos estritamente linguísticos. Assim, nota-se uma ponderação sobre o aspecto social e a importância do mapeamento e da análise da fala de uma determinada comunidade linguística.

Dentre os diversos temas abordados pela Sociolinguística, destaca-se a variação, uma das bases dessa área de estudo, que evidencia a diversidade linguística, não só como um processo intrínseco ao falar de uma sociedade, mas como processo que reflete aspectos culturais e ideológicos e identitários. A língua não é vista apenas como decodificação do mundo, mas como a lente com a qual ele é visto, forjada a partir das vivências socioculturais e históricas dos indivíduos e de seus grupos sociais. Isto posto, vê-se que, em um país com dimensões continentais como o Brasil, o cenário linguístico faz-se ainda mais diversificado, intensificando a importância dos estudos variacionistas, sejam eles de caráter fonético-fonológico, sintático, morfológico ou lexical. A partir do estudo dessas características, pode-se construir um panorama que descreva as estruturas linguísticas e sociais em interação, bem como as transformações pelas quais elas passam de maneira que acompanhem as evoluções da sociedade.

Assim sendo, a presente dissertação constitui justamente um empreendimento relacionado a esses aspectos: traz o resultado do estudo reflexivo sobre as principais teorias da Sociolinguística Variacionista, especificamente as teorias labovianas, priorizando a abordagem dialógica a partir da qual foram propostos os recortes epistemológicos que deram origem a essa pesquisa, bem como um plano de realização empírico a ser realizado. Este estudo volta-se para o ambiente acadêmico enquanto espaço que agrega pessoas de diferentes regiões do Brasil e, conseqüentemente, diferentes falares. Essas variantes carregam não apenas a origem geográfica, mas parte da identidade do falante em relação a si mesmo e aos outros. Essa visão que se tem a partir do contato com o dialeto do

outro pode ser pacífica ou gerar conflitos entre os sujeitos, podendo caracterizar-se como preconceito linguístico. Traz-se, em vista disso, uma pergunta norteadora da pesquisa: há variação linguística na fala culta de estudantes dos cursos de Letras, Direito e Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL)? Em consonância, o objetivo geral deste estudo é descrever as variantes morfofonológicas dos estudantes de três cursos de graduação, Direito, Letras e Pedagogia, da UEL. Ademais, tendo como finalidade realizar o objetivo geral, foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- Verificar se os alunos dos diferentes cursos passaram por situações de constrangimento, estigma ou preconceito linguístico devido à variante linguística utilizada por eles;
- Avaliar as variantes predominantes de uma universidade do Norte do Paraná por meio da análise da fala de universitários de três cursos de graduação: Direito, Letras e Pedagogia;
- Analisar a constituição da identidade linguística desses informantes no ambiente universitário.

Tomando como base estudos anteriores realizados dentro da área e os objetivos propostos, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- Estudantes dos primeiros anos de outras localidades trazem variantes linguísticas que diferem daquelas que caracterizam o falar londrinense e, por isso, sofrem preconceito linguístico;
- Estudantes dos últimos anos de outras localidades incorporam variantes linguísticas que caracterizam o falar londrinense;
- As variantes cultas predominam no falar dos informantes universitários, independentemente do ano e do curso;
- Há variantes linguísticas que caracterizam o falar dos informantes de cada um dos cursos.

Em vista disso, observa-se que a realização desta pesquisa se justifica pelas dimensões científica, social e pessoal. Ao examinar quantitativamente o catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), percebe-se que há certa defasagem, e mesmo uma descontinuidade temporal, de trabalhos cuja temática seja a sociolinguística na universidade, em especial tendo os universitários como parte do *corpus* da pesquisa, como é possível observar no quadro abaixo:

**Quadro 1** - Banco de Teses e Dissertações da Capes

Palavras-chave pesquisadas	Total apresentado pelo banco de teses e dissertações da Capes
Varição linguística na universidade	120
Perfil linguístico na universidade	112
Identidade linguística na universidade	280
Sociolinguística na universidade	182
Falar culto na universidade	33
Norma culta na universidade	42
Variantes de prestígio na universidade	7

Fonte: autoria própria

Dentre os trabalhos encontrados ao pesquisar as palavras-chave descritas no quadro acima, a maior parte deles se voltava para a aquisição de línguas adicionais, a influência da oralidade na escrita, a formação docente e a pedagogia da variação. Poucas pesquisas, de fato, traziam os estudantes universitários e o falar desses estudantes como foco da pesquisa. Afunilando essa breve revisão, destacam-se dois trabalhos que conversam diretamente com a pesquisa que se deseja aqui realizar: a dissertação de mestrado de Loneide Negromonte de Vasconcelos Rocha (2010) sobre a gíria na fala de acadêmicos da graduação em agronomia da grande Dourados e a dissertação de mestrado de Thais Regina de Andrade Correa (2019) sobre a variação na realização de /T/ e /D/ na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe. Tais trabalhos dialogam com esta pesquisa por investigarem as produções orais dos estudantes universitários, no entanto, o espaçamento temporal entre eles mostra que existem muitas lacunas a serem preenchidas, o que sustenta as motivações deflagradoras da pesquisa. Cabe ressaltar que, para além das contribuições citadas, a existência desses trabalhos evidencia a relevância da temática para a área de estudo e a importância de se ter uma continuidade científica deste objeto.

Ainda observando os trabalhos encontrados no repositório da Capes, notou-se uma predominância de enfoque nas variantes estigmatizadas. No entanto,

as variantes de prestígio também passam por mudanças e variações e estão sujeitas à avaliação dos falantes. Nesse sentido, o ambiente universitário, embora não colocado como enfoque nas pesquisas dentro da Sociolinguística, mostra-se profícuo, uma vez que se delineia como um espaço de constante contato de sujeitos de distintas regiões e, conseqüentemente, distintas variantes linguísticas. Portanto, faz-se necessário que as pesquisas se voltem para o ambiente acadêmico na qualidade de *corpus*.

Em relação à dimensão social, e levando em consideração que as universidades e as variantes de prestígio são objetos de pesquisa pouco explorados, este estudo visa focar a variação presente no ambiente acadêmico, entendendo este como multidialetal e, por isso, com a interação de várias identidades. Encontros estes que podem ser pacíficos ou conflituosos e que vão interferir no falar dos indivíduos. Assim, esta dissertação mostra sua relevância social, especialmente para a comunidade acadêmica, ao procurar entender as dinâmicas sociais e linguísticas que definem e alteram o caráter identitário, retificando a ideia de que a fala culta é uma substância linguística homogênea e desconstruindo o conceito, presente na sociedade, de que existe hierarquia entre os diferentes falares e, conseqüentemente, entre os diferentes grupos.

Ademais, a abordagem da relevância da diversidade linguística assume um papel de destaque, pois não apenas se atesta como fundamental para a promoção da inclusão social, mas ressalta a relevância transversal da matéria em distintos domínios profissionais. No âmbito educacional, a conscientização sobre a diversidade linguística se torna imperativa para os professores e pedagogos, cujo cotidiano está intrinsecamente vinculado a ambientes escolares multifacetados. Paralelamente, a compreensão da pluralidade linguística se revela indispensável para os futuros operadores do direito, a saber, advogados, promotores e juízes, que necessitam internalizar não apenas conhecimentos legais, mas um profundo respeito pela riqueza linguística que constitui um elemento indissociável da identidade singular de cada indivíduo. A consideração e a incorporação desses elementos no contexto acadêmico e profissional são premissas para a construção de sociedades mais inclusivas.

Por fim, quanto à justificativa pessoal, a autora deste trabalho faz parte da comunidade universitária investigada desde sua graduação, o que lhe proporcionou o contato com os sujeitos desse ambiente, uma vez que ela também fazia parte do

grupo. Por ser natural de Aracaju, Sergipe, a pesquisadora pôde vivenciar e observar interações linguísticas, tanto positivas quanto negativas, enquanto indivíduo que trazia consigo traços linguísticos e, por consequência, identitários distintos da localidade de Londrina. Dessa forma, houve um interesse em investigar se as experiências pessoais vividas se aplicavam ao grupo e de que forma elas aconteciam, bem como a quais sujeitos desse grupo elas se aplicavam com maior intensidade ou frequência. Assim, a experiência individual da investigadora tornou-se a motivação inicial para a realização desta dissertação que, posteriormente, teve sua relevância reiterada pelos âmbitos social e científico.

Passando para o aspecto estrutural, esta dissertação se organiza em oito capítulos. Este primeiro capítulo abordou as justificativas, hipóteses e objetivos desta dissertação. O segundo capítulo traz um panorama histórico dos pressupostos teórico-metodológicos escolhidos para guiar esta pesquisa e sobre as três ondas que compõem as fases de pesquisa na área da Sociolinguística. O terceiro capítulo divide-se em quatro partes: a primeira parte discute os conceitos de comunidade de fala e comunidade de prática, bem como suas interligações, apesar de terem abordagens e focos distintos. Na segunda, aborda-se o conceito de identidade e como ele está intrinsecamente ligado ao conceito de diferença, sendo ambos elementos cruciais para os estudos sociolinguísticos. Na terceira, traz-se a questão do preconceito linguístico, entendendo-o como processo estrutural, socioeconômico e cultural, especificamente no Brasil, além de abordar o conceito de estigma. A quarta traz uma breve discussão sobre a norma culta, com destaque para a norma culta falada, o perfil de seus falantes e suas implicações identitárias.

Seguindo no aspecto estrutural, o quarto capítulo vai trazer os principais estudos já realizados acerca dos fenômenos linguísticos a serem analisados, ressaltando o que já foi pesquisado e as contribuições de estudos anteriores na área para a temática desta dissertação. O quinto capítulo apresenta as escolhas metodológicas que guiaram as análises realizadas. Esse capítulo se divide em seis seções: cenário da pesquisa, roteiro da entrevista, participantes da pesquisa, coleta de dados, variáveis analisadas e métodos quantitativos. No sexto capítulo, realiza-se a análise quantitativa dos dados, em que se trazem as variantes mais produtivas na fala universitária. Já o sétimo capítulo volta-se para a análise qualitativa, em que se discutem os aspectos particulares que explicitam a marca identitária de cada entrevistado. Por fim, com base nos dados analisados, apresentam-se as

considerações finais, as possíveis contribuições deste trabalho para a área e as possibilidades de expansão da pesquisa.

## 2 RAÍZES E EVOLUÇÃO: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo, discorre-se sobre a constituição da Sociolinguística como uma área de estudo interdisciplinar e as suas três fases, ondas, teórico-metodológicas.

A linguagem é para o homem mais do que uma ferramenta simbólica que permite a ele se expressar, é uma forma de interação que redimensiona a realidade, de forma a converter as experiências humanas em signos. Assim, entende-se que os sistemas comunicativos desenvolvidos ao longo da história não são simplesmente conjuntos de palavras ou sentenças que fazem sentido quando postos juntos, mas sim um sistema que se liga intrinsecamente aos aspectos sociais e interacionais. Já no século XIX, Wilhelm von Humboldt atesta que o pensamento existe a partir da linguagem e que esta determina seus limites e delimita os limites do que o homem pode expressar.

Dentro de um paradigma comparativista, antes de a Linguística se tornar uma disciplina independente, tem-se a Antropologia, na qual os estudos linguísticos estavam integrados, contribuindo significativamente para o que, posteriormente, iria se constituir a Sociolinguística. Dentre os nomes da Antropologia Linguística que fizeram parte dessas contribuições, faz-se relevante destacar três: Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin L. Whorf.

Na vista das pesquisas realizadas, Franz Boas aproxima a etnografia dos estudos linguísticos, como se observa em seu artigo "On Alternating Sounds", no qual ele investiga a incapacidade de indivíduos com diferentes línguas maternas de fazer a distinção de alguns fonemas, condição que ele nomeia como daltonismo sonoro. De acordo com Boas, esse impedimento ocorre não porque haja de fato uma alternância entre os sons em si, mas há uma percepção variante relacionada com a língua materna de cada um. Ou seja,

Por esse motivo, defendo que não há tal fenômeno como sons sintéticos ou alternantes, e que sua ocorrência não é de forma alguma um sinal de primitivismo da fala na qual se diz que ocorrem; que os sons alternantes são, na realidade, apreensões alternantes de um mesmo som. Um estudo completo de todos os supostos sons alternantes ou sons sintéticos mostrará que sua existência pode ser explicada por apreensões alternantes. (Boas, 1889, p. 52, tradução do autor).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>For this reason I maintain that there is no such phenomenon as synthetic or alternating sounds, and that their occurrence is in no way a sign of primitiveness of the speech in which they are said to occur; that alternating sounds are in reality alternating apperceptions of one and the same sound. A thorough study of all alleged alternating sounds or synthetic sounds will show that their existence may be explained by alternating apperceptions (Boas, 1889, p. 52)

Com isso, ele afirma que o estudo da linguagem deve ser feito a partir de seus próprios termos, demonstrando como as línguas humanas são distintas entre si e como afetam diretamente o seu falante. Seguindo a trilha dos estudos de Boas, tem-se Edward Sapir (1929) e a sua concepção de que a língua é tanto comportamento, intimamente ligado ao social, quanto produto, sendo entendida como um mecanismo cultural passível de mudança a depender do contexto. Para o autor, o conhecimento de mundo se dá quando se transformam as informações recebidas do meio social e dos signos em código, conceitos verbais, para que, só então, possa haver sua transmissão. Dessa maneira, a linguagem ocupa um papel de guia para o estudo de uma determinada comunidade, ou cultura, uma vez que tece sua rede de padrões:

A linguagem é um guia para a “realidade social”. Embora a linguagem não seja normalmente considerada de interesse essencial para os alunos de ciências sociais, condiciona poderosamente todo o nosso pensamento sobre os problemas sociais e processos (Sapir, 1929, p. 209).

Entende-se, portanto, que a sociedade é cravada na língua e esta, por sua vez, relaciona-se com seus fenômenos culturais, sendo um produto sociocultural. Essa característica a faz ser capaz de (re)interpretar e (re)modelar as experiências, por vezes sendo auxílio, por vezes interferindo negativamente no processo de explorar as nossas vivências (Sapir, 1949).

Outro conceito de Sapir que será elucidativo para pesquisadores posteriores é a teoria de deriva linguística, que declara o movimento da língua ao longo do tempo, a partir de uma trajetória que é inerentemente sua, mesmo que esse curso, ou essas tendências prefiguradas, por vezes, não sejam perceptíveis (Sapir, 1969). A partir da discussão trazida por Sapir, Benjamin Lee Whorf (1956), um de seus alunos, destaca uma concepção mais empirista da linguagem, nomeada hipótese da relatividade linguística ou hipótese Sapir-Whorf, estabelecendo uma relação direta entre o que se entende por estruturas do pensamento e de percepção e as estruturas dos sistemas linguísticos.

Sendo assim, a partir dos estudos mencionados, depreende-se que o homem se ajusta à sua realidade a partir da língua, utilizando-a para comunicar-se, refletir sobre o mundo e mesmo construir costumes e práticas coletivas. O estudo desse processo e suas consequências, tanto para o indivíduo como para o social, a partir

de pesquisas em Antropologia Linguística, foi precursor para a Sociolinguística e sua origem interdisciplinar (Alkmin, 2001, p. 29-30).

Na vista da transição do método, por volta de 1916, a partir do ponto que se tem a Linguística enquanto ciência autônoma, marco creditado a Saussure, o material linguístico é dividido em duas abordagens diferentes: a sincrônica e a diacrônica. Fixa-se também, neste momento, uma opção de caráter metodológico que preconiza analisar as relações internas da *langue* em detrimento do estudo da *parole*, como comenta Freitag e Lima (2010):

A Linguística, a partir do momento em que se constitui como ciência autônoma, tem como objeto de estudo a *langue*, estrutura homogênea. Sua preocupação básica passou a ser a análise das relações internas entre os elementos linguísticos, estabelecendo-se, assim, a chamada “linguística estrutural”, sem se preocupar com as relações entre a linguagem e a sociedade. Esta foi uma opção de caráter eminentemente metodológico, pois Saussure reconhece a língua como um fato social. A opção de se estudar a *langue*, ao invés da *parole*, dá-se principalmente por conta das barreiras e dificuldades encontradas neste tipo de abordagem. (Freitag e Lima, 2010, p. 8).

Esse viés de pesquisa se sustenta como predominante por um longo tempo, no entanto, a partir da década de 60, tem-se uma intenção de ampliar os estudos linguísticos, refletindo mais sistematicamente as relações entre língua e sociedade, encaminhando-se, portanto, para a constituição da Sociolinguística como um campo específico de estudo.

Em 1964, William Bright, linguista americano e professor na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), organizou um congresso com diversos pesquisadores, que posteriormente seriam nomeados autores clássicos na área, e buscou desenvolver uma escola teórica desse novo campo em desenvolvimento. Nesse congresso, não só foi fixado o termo 'Sociolinguística', como também se definiu seu objeto de estudo. Bright projeta que essa área deve tratar da diversidade linguística e "demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social". Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade (Bright, 1974, p. 34).

A ideia inicial resgatava estudos anteriores de outras áreas, como os da Antropologia Linguística, e procurava avançar no que diz respeito à identificação dos fatores, ou conjunto de fatores, que se definiam socialmente e que compunham a explicação da diversidade linguística. A partir da definição desse roteiro

teórico-metodológico, Bright traz alguns aspectos que, segundo ele, podem vir a explicar a diversidade linguística, os quais são: identidade social do emissor ou do falante; identidade social do receptor ou ouvinte; o contexto social; o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas (Alkmin, 2001, p. 28-29). Tais aspectos colocam-se como base para os estudos seguintes e serão desenvolvidos e aprofundados posteriormente.

Dentre os pesquisadores que estiveram presentes no congresso de 1964 na UCLA e que auxiliaram na fundação e fundamentação da Sociolinguística enquanto campo de estudo independente, faz-se importante destacar William Labov com seus estudos, vistos como pioneiros, são um marco dentro da disciplina e influenciam as pesquisas feitas até o presente momento. Suas contribuições introduziram novos debates sobre a heterogeneidade da língua e mesmo sobre a própria base dessa área.

Para além do que foi posto por Bright (1974) sobre a questão da diversidade e da variação linguística, Labov acrescenta aspectos relacionados ao estigma social e ao preconceito linguístico. Ele sumariza o objeto da Sociolinguística como a relação do contexto sociocultural com o estudo da *parole*, da língua falada, tendo como ponto de partida o conjunto de indivíduos com quem esse sujeito interage e compartilha regras e normas de uso, ou seja, a comunidade linguística, pois "não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (Labov, 2008, p. 21). Sob essa perspectiva que suscita um estudo empírico das comunidades de fala, dissociar o caráter social da língua é fazê-la perder sua característica intrínseca, dando a ela um tratamento mecânico, desconexo da realidade em que ela se encontra e insípido, visto que a língua se estrutura pelas contribuições do coletivo. Assim, essa "heterogeneidade linguística" não só está profundamente ligada ao cotidiano da língua em seu uso, como permite identificar e delimitar as diferenças sociais de um determinado grupo ou comunidade, sendo parte da competência linguística dos falantes (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 101).

Sob esse prisma, William Labov publica, em 1963, um estudo na ilha de Martha's Vineyard, localizada na costa leste dos Estados Unidos, objetivando investigar as variações linguísticas presentes na comunidade e sua relação com fatores socioculturais, evidenciando o papel crucial desses fatores na elucidação da

variação linguística constatada. Segundo ele, "isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico" (Labov, 2008, p. 19) seria possível se houvesse a correlação entre o padrão linguístico e as diferenças na estrutura social. Ademais, Labov comprova, nesse estudo, a associação de aspectos como idade, sexo, ocupação, origem e atitude a partir do que foi observado por ele na fala dos habitantes locais.

Martha's Vineyard era uma comunidade de agricultores e pescadores, separada do continente, sazonalmente muito frequentada por turistas, e que apresentava uma variação linguística característica, em especial nos ditongos /ay/ e /aw/, cada uma dessas variantes podendo apresentar três variantes: [ay], [əy], [ey] e [aw], [əw], [ew]. Para a seleção dessas variáveis, Labov utiliza os seguintes critérios:

Primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que o comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade. Existem alguns critérios contraditórios, que nos empurram para direções diferentes. Por um lado, gostaríamos que o traço fosse saliente, tanto para nós quanto para o falante, a fim de estudar as relações diretas entre atitudes sociais e comportamento linguístico. Mas, por outro lado, valorizamos a imunidade contra a distorção consciente, o que simplifica muito o problema da confiabilidade dos dados (Labov, 2008, p. 26).

Para a coleta de dados, Labov utilizou a entrevista, com perguntas de caráter lexical que apresentavam os ditongos em estudo, como em *house* e *right*, seguidas de questões que se voltavam para o juízo de valor que o informante possuía em relação a questões sociais e linguísticas e, por fim, a leitura de um texto. Após a análise desses dados, o autor constatou que a utilização de cada uma dessas variantes estaria condicionada a um fator que extrapola o estritamente linguístico, embora este também seja essencial e tenha sido analisado, indo para o plano da identidade dos sujeitos e do sentimento de pertencimento a um local ou a uma determinada comunidade, como comenta Tarallo (1986):

Os habitantes da ilha começaram a ressentir a invasão dos veranistas e a exploração econômica decorrente: assim, atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado. A tendência ao exagero da forma conservadora é ainda mais acentuada entre os jovens da comunidade que, após um tempo de permanência no continente, voltaram e

se estabeleceram na ilha. [...] a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade. (Tarallo, 1986, p. 14).

Assim, para a realização do estudo, foram considerados os fatores prosódicos, ambiente fonético, influência estilística e considerações lexicais, ligadas aos fatores linguísticos, e as questões históricas, sociais e culturais do lugar e dos falantes, ligadas aos fatores externos, que, conectados sistematizam, de maneira panorâmica, o perfil dos falantes daquela comunidade. Notou-se, à vista disso, que a pronúncia variava segundo o grupo etário dos falantes e seu vínculo com a ilha: os mais jovens que se identificavam com os habitantes locais tendiam a apresentar uma pronúncia mais tradicional; já os mais jovens que não se identificavam tanto com a comunidade local e com a ilha utilizavam a pronúncia padrão.

Esse estudo em Martha's Vineyard é visto como pioneiro no que tange à aplicação dos métodos científicos utilizados para averiguar as variações linguísticas de uma dada comunidade. Labov atestou que a variação não era aleatória, mas que estava entrelaçada a fatores sociais e identitários, enfatizando a relevância de avaliar o contexto social na análise das mudanças linguísticas. Os resultados obtidos impactaram diretamente o campo da Sociolinguística, sendo base teórica para estudos posteriores sobre variação e mudança, por auxiliar na compreensão de como a língua se faz intrínseca à identidade de uma comunidade.

Ainda que esse primeiro estudo tenha sido crucial e relevante para a área, Labov (2008) aponta três limitações da pesquisa que se relacionam com o tamanho da amostra coletada, a saliência da amostra e o rigor do controle das entrevistas:

Assinalamos no início que uma limitação deste estudo decorre do fato da variável selecionada não ser saliente. Essa limitação, combinada com o tamanho reduzido da população de Martha's Vineyard, tornou impraticável explorar em profundidade a reação subjetiva dos falantes nativos aos ditongos centralizados. Outros problemas da técnica usada em Martha's Vineyard podem ser vistos no método de amostragem, que está longe de ser rigoroso. [...] Por fim, pode-se notar que a técnica de entrevista não foi controlada com o rigor que se esperaria: foram feitas muitas mudanças na estrutura da entrevista à medida que o estudo progredia. (Labov, 2008, p. 61-62).

Por esses problemas encontrados, Labov afirma que o estudo realizado posteriormente em Nova York, com um maior grau de refinamento apesar de seguir os mesmos moldes de Martha's Vineyard, são mais substanciais para compreender o mecanismo da mudança e variação.

Em 1964, Labov elabora uma pesquisa sobre a estratificação social do inglês em Nova York com base na estratificação social dos vendedores das lojas *Saks Fifth Avenue*, *Macy's* e *S. Klein*, na qual estabelece um modelo para descrever e interpretar o fenômeno linguístico em comunidades urbanas, nomeado Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Como variável foi selecionado o /R/ em posição pós-vocálica, pois, segundo o autor, "se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r)." (Labov, 2008, p. 65). No entanto, observar isso de forma mais rigorosa é mais complicado ao se selecionar uma amostra muito ampla de grupos sociais, pois a complexidade dos fatores tende a deixar mais sutil os aspectos que se objetiva verificar. Dessa forma, justifica-se a escolha por apenas um grupo, os vendedores, para a análise da estratificação.

As primeiras noções gerais de Labov trazem a utilização do /R/ em posição pós-vocálica quando pronunciada, ou não, poderia ser um diferenciador social. Ademais, o pesquisador buscava testar se episódios rápidos e anônimos de fala seriam capazes de ser usados para um estudo mais sistemático da língua. Com esse olhar, ele elabora a hipótese a ser testada:

Uma vez que o produto da diferenciação e da avaliação social - por menor que seja - revela a estratificação social dos empregados das três lojas, a hipótese prevê o seguinte resultado: vendedores da loja de status mais alto vão apresentar os valores mais altos de (r); os da loja de status médio vão apresentar valores intermediários de (r); e os da loja de status mais baixo vão apresentar os valores mais baixos. Se tal resultado se verificar, a hipótese terá sido confirmada em proporção ao rigor do teste (Labov, 2008, p. 66).

Aqui, diferentemente do que foi feito em Martha's Vineyard, Labov decidiu não gravar entrevistas com os vendedores, dando preferência a anotar as pronúncias que ouvia. Ao chegar na loja, o entrevistador pedia informações sobre o departamento de sapatos femininos, agindo como um cliente, de forma a obter a resposta "fourth floor"(quarto andar) do atendente. Essa resposta possibilitava a observação do /R/ em dois contextos: tanto no meio da palavra quanto no final, ambos em posição pós-vocálica. Quanto ao grau de monitoramento de fala, para conseguir obter os dois estilos de fala, o monitorado e o não monitorado, ele repetia a resposta do vendedor como se não a tivesse ouvido, enfatizando a variável: fourth

floor. Dessa forma, ele conseguia obter um segundo enunciado, dessa vez mais monitorado e consciente.

Esse processo foi realizado nas lojas selecionadas, categorizando a variável dependente, /R/, em quatro ocorrências, duas casuais e duas enfáticas, além de categorizar as variáveis independentes: a loja, o andar da loja, o sexo, a idade, o cargo, a raça e o sotaque (Labov, 2008). Tais categorizações permitiram a percepção de que os usos linguísticos se diferenciam a partir das estratificações sociais existentes, comprovando a hipótese inicial da pesquisa. Isto posto, compreende-se que o estudo nas lojas em Nova York, apesar da limitação de não gravação dos dados e do método de obter a fala mais monitorada, conseguiu se mostrar produtiva para a Sociolinguística no que tange, de forma principal, às entrevistas como uma fonte rica de dados sobre a estrutura de uma comunidade ou grupo. Vê-se, portanto, que existem pressões determinantes que regem as mudanças e as variações que não estão associadas apenas ao plano linguístico, mas também ao social. Ao avançar nas reflexões acerca da articulação desses dois fatores, observam-se os princípios empíricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e quais são os questionamentos que devem ser pensados e respondidos ao longo de uma pesquisa dentro dessa área.

Esse trabalho realizado nas lojas de Nova York, por sua estruturação e metodologia, é considerado como um estudo de primeira onda. Segundo Eckert (2012), a Sociolinguística, a partir da sua concepção enquanto área de estudo, é composta por três grandes ondas que se diferenciam quanto ao foco e à metodologia. Apesar dessa distinção de caráter epistemológico e cronológico, não se entende que deva haver uma substituição, mas sim uma interação entre elas, uma vez que cada uma delas irá trazer enfoques e abordagens diferentes que são relevantes para a área.

Quanto à primeira onda elucidada por Eckert (2012), destaca-se a questão da Variação Linguística e Mudança, na qual se desenvolvem metodologias de análise das variações fonética, morfológica e lexical das comunidades linguísticas. Como mencionado anteriormente, Labov, de forma particular, coloca-se como pioneiro desses estudos, apontando que a língua, apesar de sistemática, não é uniforme, sendo diretamente influenciada por elementos sociais e contextuais. À vista disso, a primeira onda de estudos enfoca a investigação de padrões gerais de comunidades

de fala, a partir de análises quantitativas, documentando, portanto, a variação e a mudança nesses grupos.

Vê-se que, nas pesquisas de primeira onda, é central conceitos como o de variantes de uma dada variável e o aspecto de prestígio que o falante passa a possuir ao escolhê-la. Ademais, fatores como a classe socioeconômica e sua relação com o estilo são vistos como condicionantes para a produção de uma variável. Faz-se necessário, no entanto, notar que essa perspectiva tende a limitar o elemento social da variação a macrocategorias sociais às quais os indivíduos pertencem, fazendo com que a identidade do falante se emaranhe com as categorias analisadas (Mendoza-Denton, 2002). Para Eckert (2012), essa concepção leva a um tratamento secundário dos significados sociais, restringindo-os. Além do que se coloca como limitação dentro dessa onda, a linguista pontua cenários que são desconsiderados nesse primeiro momento, tais como a agentividade social do indivíduo, pois os sujeitos são ativos que carregam intenções e não podem ser vistos como peças passivas.

De forma a evitar as restrições vistas na primeira onda, a segunda utiliza-se de métodos etnográficos para focalizar elementos locais dentro de grupos sociais menores. Assim, embora continue carregando o caráter quantitativo dos primeiros estudos, bem como ainda averiguar as conexões entre as variáveis linguísticas e as macrocategorias sociais, a segunda onda diverge ao compreender que o vernáculo de uma comunidade é a sua forma de expressão, de identidade, estando, portanto, no sujeito, a agentividade social. Essa identidade, como explicita Eckert (2012, p.91), pode ter uma avaliação negativa num âmbito social mais amplo, mas, ao mesmo tempo, pode apresentar uma avaliação positiva e um valor positivo para a comunidade que a utiliza.

Os estudos da segunda onda vão, como visto, compreender as categorias sociais como elementos mais definidos localmente. A exemplo, tem-se o estudo de Milroy (1987) acerca da variação fonológica em Belfast, na Irlanda do Norte. Nessa pesquisa, analisou-se a correlação entre a interação de indivíduos da classe trabalhadora e a realização da fricativa interdental sonora em contexto intervocálico (brother). Segundo Barcellos (2020), Milroy:

[...] evidenciou o efeito da "força da rede": redes sociais mais densas, em que há forte interação entre os indivíduos (são colegas de trabalho e vizinhos, por exemplo) valorizam positivamente o vernáculo (apagamento de (th)), enquanto indivíduos que participam de redes dispersas e apresentam

orientação para fora do grupo tendem a preferir a variante padrão. Dessa forma, a autora concluiu que o comportamento linguístico dos falantes é influenciado pela força de suas redes sociais e que práticas locais podem funcionar como resistência a normas supralocais. (Barcellos, 2020, p. 58).

Ainda dentro da segunda onda, destaca-se o estudo de Eckert (2000) em uma escola de ensino médio da periferia de Detroit, onde ela analisa dois grupos da escola Belten High: os *jocks* e os *burnouts*. O primeiro grupo é composto por alunos de classe média, cuja expressão identitária se define a partir dos valores da escola e dos professores. Já o segundo grupo é formado por alunos vindos da classe trabalhadora, os quais tendem a rejeitar os valores da escola e firmar-se identitariamente no seu bairro e no seu grupo urbano. De maneira geral, notou-se que o alçamento e a posteriorização das vogais baixas e médias, como em *bought*, além da negação, a exemplo *I don't know nothing*, eram constituintes dos estilos dos dois grupos e expressavam valor identitário positivo entre os *burnouts*. Dessa forma, essa proposta enfoca nas normas e nas crenças que são compartilhadas por esse grupo social e como esses elementos carregam o caráter identitário desses sujeitos, como comenta Barcellos (2020):

A pesquisa de Eckert evidenciou ainda que, apesar de existir alguma correlação entre o comportamento linguístico dos grupos e a categoria social dos pais, os padrões de variação continuaram se desenvolvendo na adolescência, mostrando claramente que tais padrões não são definidos na infância, mas servem como recursos na construção da identidade mais tardiamente na vida. Essa constatação indica que “correlações mais amplas de classe não são simplesmente consequências da educação, ocupação e renda, mas refletem a dinâmica local enraizada em práticas e ideologias que moldam e, por sua vez, são moldadas por classe” (Eckert, 2012, p. 92) (Barcellos, 2020, p. 59).

Em linhas gerais, a segunda onda vai concentrar-se nas atitudes linguísticas, entendendo a relação entre linguagem e identidade social, analisando como as interações sociais e o *status* social dos indivíduos era afetado pelas variedades linguísticas. Ademais, há, nesse momento, uma atenção à ideologia linguística, no que tange às crenças, aos estereótipos e aos valores das variedades linguísticas e nas relações de poder. Passa-se, portanto, a considerar, de maneira mais sistemática, questões como a estigmatização e a estruturação das identidades sociais. Apesar desses avanços, é perceptível um foco em categorias sociais estáticas, mesmo que não mais pertencentes a um ambiente macro, permanecendo uma imposição dos padrões sociolinguísticos de cima para baixo (Eckert, 2012).

Refletindo sobre esses aspectos, surge a terceira onda, que difere da segunda ao não mais entender as características linguísticas como índice das categorias sociais e sim trazer as características linguísticas como índices dos significados sociais (Moore; Podesva, 2009). Assim, para essa nova onda, a mudança está presente, mas não se coloca como o foco, deslocando o centro das discussões para o posicionamento dos sujeitos em relação ao ambiente em que eles interagem e expressam a sua identidade. Isso leva a um entendimento diferente do que seja a variação, que passa a ser analisada enquanto prática linguística na qual o falante se coloca ativa e estilisticamente no social (Eckert, 2012, p. 93-94).

Entende-se, isso posto, que a corrente da terceira onda constitui a variação como “um sistema sociossemiótico capaz de expressar toda a gama de preocupações sociais de uma comunidade” (Eckert, 2012, p. 94). Para isso, o conceito de estilo se coloca como fundamental. Enquanto a primeira e a segunda onda vão trazer a variação como um aspecto quase acidental do âmbito social, a terceira vai colocar o falante como um ser performático de vários estilos, ou seja, há uma projeção de uma persona no momento de interação, sendo, portanto, a variação uma característica essencial da linguagem.

Dentre os trabalhos da terceira onda, evidencia-se aqui o de Podesva (2007), o qual analisa o estilo na fala de Heath, um médico gay norte-americano em situações distintas: no seu consultório, onde atua como médico, e em uma reunião com os amigos. Mediu-se, a partir das gravações, o *pitch* da fala de Heath nas variáveis de /T/ e /D/ (fat e mad), analisando em quais situações notava-se esse elemento com maior evidência e que, como consequência, poderiam ser entendidas como facilitadoras de seu uso. No ambiente de trabalho, Heath propende a não realizar o apagamento das oclusivas, demonstrando formalidade, mas acolhimento, aspecto necessário uma vez que ali ele ocupa a persona de médico, carregando o papel de ser zeloso, comedido e atencioso com os pacientes. No entanto, quando Heath interage com os amigos, ele se apropria de uma outra persona, gay diva, que destoa da persona do médico, sendo mais expressiva, animada, ousada e informal, além de ser mais ligada a uma noção mais vista como pertencente ao universo feminino. Com isso, a realização de /T/ e /D/ também sofre mudança, passando a ter uma frequência maior de apagamento.

Os resultados da pesquisa revelam que os falsetes são mais recorrentes em um ambiente informal, onde Heath interage com amigos, enquanto que são menos

recorrentes em um ambiente mais formal, nas suas interações com os pacientes e demais pessoas do consultório. Observa-se que as duas personas assumidas são vistas positivamente nos ambientes em que se revelam, mas não necessariamente seriam aceitas no outro contexto, por exemplo, a persona gay diva poderia ser vista com estranhamento pelos pacientes na mesma medida em que a persona médico seria vista com estranhamento pelos amigos. Dessa forma, esses significados, essas variações, são mais nítidos quando vistos em conjunto do que quando isolados. Além disso, esse material de análise pode não estar diretamente conectado às macrocategorias sociais, mas estão presentes em microcategorias e definem os significados e interações sociais.

De forma geral, as pesquisas desenvolvidas pela terceira onda buscam salientar como as variantes linguísticas e seus significados vão ser distintos ao serem colocados em interação com outros elementos do que seriam quando vistos isoladamente. Ademais, vão trazer com mais força a agentividade do falante e a possibilidade de escolha e, conseqüentemente, de mudança de seu estilo a depender do contexto e dos seus objetivos com aquela interação.

Em resumo, a Sociolinguística busca estudar a relação entre a língua e a sociedade, seja no âmbito macro ou no micro, observando aspectos sociais, culturais e contextuais que vão intrinsecamente influenciar a variação e a mudança. Ao longo do tempo, a área passa por transformações e refinamentos de métodos, bem como mudanças de foco e das discussões, sendo essas modificações vistas como ondas diferentes. As três ondas representam suas distintas fases de desenvolvimento e auxiliam no entendimento da constituição da área não devendo, no entanto, serem vistas como ciclos sobrepostos, mas como partes de um todo (Camacho, 2010, p. 158), uma vez que cada uma delas traz contribuições relevantes, ricas e cruciais para os estudos sociolinguísticos.

Este capítulo dissertou sobre a constituição da Sociolinguística enquanto uma área de estudo pertencente ao campo da Linguística, mas que dialoga com diversas áreas, particularmente para as que se voltam aos estudos socioculturais. Iniciou-se trazendo um panorama histórico que remete aos antropólogos Boas, Sapir e Whorf que introduzem discussões sobre a proximidade dos estudos sociais com os estudos da linguagem. Avançando, foi comentada a instituição da Linguística enquanto ciência e a ampliação dos estudos que levam em conta a relação de Língua e Sociedade na década de 60, onde se destacam nomes como Bright e, de maneira

especial, Labov. Apresentaram-se, por fim, as contribuições de Labov e as três ondas que compõem os estudos sociolinguísticos: a primeira onda, que tem como foco a descrição e a documentação dos padrões linguísticos mais gerais de uma comunidade apoiando-se em um viés quantitativo; a segunda onda que volta seu olhar para as atitudes linguísticas mais localmente definidas e a partir de grupos menores, prezando pela abordagem etnográfica; e a terceira onda que pensa na variação e na mudança como reflexos das identidades dos sujeitos e das personas que são assumidas na prática linguística, adotando uma perspectiva estilística.

No próximo capítulo, trazem-se os aportes teóricos dos conceitos de comunidade de fala, comunidade de prática, identidade, preconceito, estigma e norma culta, de forma a estabelecer quais definições teóricas guiam este trabalho.

### **3 AS TRAMAS SOCIAIS DA LINGUAGEM: COMUNIDADE DE FALA, IDENTIDADE, PRECONCEITO E NORMA CULTA**

Neste capítulo, apresentam-se seis conceitos fundamentais que orientam a presente dissertação: comunidade de fala, comunidade de prática, identidade, preconceito, estigma e norma culta. Para cada um desses conceitos, são oferecidos aportes teóricos que contribuem para a compreensão de suas definições e estabelecem conexões com os temas abordados nesta pesquisa.

#### **3.1 Na Rota da Interação: Comunidade de Fala e Comunidade de Prática**

Veremos, nesta seção, que, para a Sociolinguística, e especialmente para autores como Eckert (2000), Figueroa (1994), Guy (2001), Hudson (1996), Milroy (1982), Pagotto (2004), Patrick (2004), os conceitos de comunidade de fala e comunidade de prática estão, de certa forma, interligados, apesar de apresentarem abordagens e focos diferentes.

De maneira geral, a comunidade de fala faz referência a um grupo social de sujeitos que interatuam através da linguagem e, por isso, compartilham um conjunto de normas linguísticas, variações e padrões linguísticos que identificam os indivíduos como parte desse grupo. Por outro prisma, a comunidade de prática refere-se a um grupo que realiza uma atividade específica e se reúne para compartilhar práticas associadas a ela. Nesse sentido, a linguagem pode não ser necessariamente o foco, mas tem um papel crucial na construção do seu conhecimento e vivência, sendo, portanto, integrante à comunidade e elemento que, ao ser analisado, coloca-se como um indicativo da negociação dos significados, do estabelecimento das normas e, conseqüentemente, da construção das identidades sociais. Em resumo, a comunidade de fala tem seu foco na interação sociolinguística e na variação dentro de uma unidade social, enquanto a comunidade de prática desloca o foco da linguagem e o traz para o objetivo comunicativo do uso da linguagem, ou seja, o contexto específico da atividade compartilhada por aquele grupo.

Traçando um rápido percurso histórico, a comunidade de fala surge enquanto conceito para a Sociolinguística por volta da década de 60, segundo Patrick (2004). A partir desse momento, a comunidade de fala passa a se constituir como objeto de

estudo da área, obtendo mais peso e destaque após as pesquisas desenvolvidas por Labov no final da década. Gumperz (1996, p. 362) evidencia, inclusive, que a sociolinguística moderna tem como um de seus marcos o prisma de que as forças linguísticas e sociais trazem a comunidade de fala como o ponto de partida da análise. Isso denota, portanto, que a unidade de estudo deve ser a comunidade de fala e não o sujeito em si ou a língua como um todo.

Ao longo da trajetória desse conceito, observa-se, ao ler autores como Figueroa (1994), Hudson (1996), Milroy (1982), Pagotto (2004), Patrick (2004), entre outros, certa dificuldade em sua definição. A multiplicidade de conceituações se interliga diretamente com a própria essência da comunidade de fala no que tange aos seus diversos aspectos: sociais, linguísticos, culturais, psicológicos; e a qual deles se deseja dar foco. Buscando algumas perspectivas acerca do assunto, nos deparamos com Bloomfield (1926, p. 42), que traz uma definição simples: "é um grupo de pessoas que interage por meio da fala". Apesar de correta, essa ideia ainda é bastante ampla.

Assim sendo, Gumperz (1968) busca abordá-la de forma mais restrita, definindo que a comunidade de fala se compõe de um conjunto de falantes que compartilham regras e normas de uma língua, existindo distinções claras, específicas e sistemáticas em relação a falantes que não participam desse grupo. Alguns anos depois, em 1996, o mesmo autor volta a discutir o assunto, dessa vez ressaltando a diversidade presente dentro de uma dada comunidade, uma vez que ela se constitui de redes sociais que se interligam à interpretação linguística e aos padrões de uso: "se o significado reside nas práticas interpretativas, e estas estão localizadas nas redes sociais em que alguém é socializado, então as unidades portadoras de "cultura" e "linguagem" não são nações, grupos étnicos ou similares... mas sim redes de indivíduos interagindo" (Gumperz, 1996, p. 11, tradução do autor).<sup>2</sup>

Dell Hymes (1972) traz a comunidade de fala como "uma comunidade compartilhando regras para a conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de pelo menos uma variedade linguística. Ambas as condições são necessárias. O compartilhamento de regras gramaticais (de variedade) não é

---

<sup>2</sup> if meaning resides in interpretative practices, and these are located in the social networks one is socialized in, then the "culture-" and "language-" bearing units are not nations, ethnic groups or the like ... but rather networks of interacting individuals (Gumperz, 1996, p. 11).

suficiente.”<sup>3</sup> (Hymes, 1972, p. 54, tradução do autor). Percebe-se que, para ele, o prisma está deslocado em direção aos aspectos sociais em detrimento dos outros, o que não deve ser interpretado como um abandono dos outros elementos. Há também a percepção da heterogeneidade presente, tanto no que diz respeito às diferenças sistemáticas dentro do grupo quanto ao fato de os indivíduos terem a possibilidade de participação em mais de uma comunidade de fala.

Para além da ideia mais voltada para o social, Wardhaugh (2002) traz aspectos individuais que auxiliam na delimitação do conceito. Segundo o autor, “cada indivíduo cria o sistema para seu comportamento verbal a fim de que ele possa se parecer com aqueles do grupo ou dos grupos com os quais, de tempos em tempos, ele possa se identificar” (Wardhaugh, 2002, p. 27). Assim, a partir da perspectiva do indivíduo, entende-se que ele pode escolher o grupo com o qual se identifica, processo este que pode se dar de maneira consciente e, até mesmo, planejada. Esse prisma também elucidada que o sujeito pode fazer parte de vários grupos e, dessa forma, de várias comunidades de fala, transicionando entre elas a depender da circunstância e do contexto, sendo um curso identitário fluido e dinâmico. Nessa perspectiva, há o senso da fluidez não só da comunidade em si, mas da própria identidade do falante.

Ainda dentro desse enfoque mais individual, Le Page e Tabouret-Keller (1985) destacam que:

[...] reconhecer alguma entidade como parte de uma entidade maior; nesse sentido, podemos nos identificar com um grupo, uma causa ou uma tradição. [...] exemplificam como os atos de identidade no primeiro sentido estão em uma relação simbiótica com aqueles no segundo sentido - em outras palavras, como o comportamento idiossincrático do indivíduo reflete atitudes em relação a grupos, causas e tradições, mas é limitado por certos fatores identificáveis; e como a identidade de um grupo reside nas projeções que os indivíduos fazem dos conceitos que cada um tem sobre o grupo (Le Page; Tabouret-Keller, 1985, p. 2, tradução do autor).<sup>4</sup>

Compreende-se, portanto, que cada sujeito pertencente a um determinado grupo (re)cria e (re)formula seu comportamento e escolhas linguísticas de maneira a

<sup>3</sup> A community sharing rules for the conduct and interpretation of speech, and rules for the interpretation of at least one linguistic variety. Both conditions are necessary. The sharing of grammatical (variety) rules is not sufficient (Hymes, 1972, p. 54).

<sup>4</sup> [...] to recognize some entity as a part of some larger entity; in this sense, we can identify ourselves with a group or a cause or a tradition. [...] exemplify how acts of identity in the first sense are in a symbiotic relationship with those in the second sense - in other words, how the individual's idiosyncratic behaviour reflects attitudes towards groups, causes, traditions but is constrained by certain identifiable factors; and how the identity of a group lies within the projections individuals make of the concepts each has about the group. (Le Page; Tabouret-Keller, 1985, p. 2).

se aproximar ou se afastar dos outros indivíduos de uma comunidade. Labov (2010, p. 193), em consonância com Le Page e Tabouret-Keller, vai afirmar que, nesse processo, o falante se habilita a identificar os grupos, observar seus sistemas comportamentais e, com isso, ter motivação para adaptar-se àquele contexto, desde que ele tenha a capacidade e a oportunidade de aprender.

Passando para uma perspectiva laboviana, tem-se que uma comunidade de fala compartilha normas, regras e atitudes sociais ante uma língua. Essa comunidade não se define por nenhuma espécie de acordo acerca do uso de determinados elementos da língua, mas pela participação conjunta nesses elementos:

A comunidade linguística não é definida por um acordo marcado no uso de elementos da linguagem, tanto quanto pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas normas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativo e na uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariáveis em relação a níveis específicos de uso (Labov, 1972, p. 120-121, tradução do autor).<sup>5</sup>

Labov, portanto, ao delimitar o que é uma comunidade de fala, traz o elemento da consciência das atitudes do sujeito em relação às regras e normas do grupo a que ele pertence ou deseja pertencer. Assim, entende-se que esses membros não compartilham um falar idêntico, mas sim uma avaliação convergente. À vista disso, vê-se a escolha de manter uma relativa homogeneidade no que tange às atitudes sociais dos falantes no que diz respeito à língua (Labov, 1972, p. 248). Ao fazer isso, Labov garante certa uniformidade em seu objeto de estudo, esta sendo, de certa forma, mais adequada para a análise que objetivava realizar.

Para além do processo consciente, as fronteiras de uma comunidade de fala se delimitam também a partir do inconsciente e que se faz internalizado pelo falante. Esses dois processos vão se interligar e definir o pertencimento ou não de um determinado sujeito a um grupo. O nível de consciência que se tem sobre uma variável conecta-se à categorização dos constituintes linguísticos a partir da avaliação dessa comunidade. Essa categorização se divide em três tipos: os indicadores, os marcadores e os estereótipos. O primeiro está em um nível mais próximo ao inconsciente do falante e opera com baixa ou nula motivação de estilo e,

---

<sup>5</sup>The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage (Labov, 1972, p. 120-121).

consequentemente, com baixa força avaliativa, tratando muito mais da diferenciação etária, regional ou social dos indivíduos. O segundo, como o primeiro, opera no âmbito mais inconsciente, no entanto, diz sobre as estratificações sociais e estilísticas, sendo elas identificáveis a partir de testes subjetivos. O terceiro, por fim, é reconhecido pelos falantes, uma vez que é socialmente marcado, e, por vezes, passa por estigmatização, levando a um processo mais acelerado de mudança linguística e mesmo extinção dessa forma.

Faz-se importante considerar, no entanto, que os estereótipos podem carregar uma qualidade tanto negativa quanto positiva, a depender da comunidade em que ele se encontra e da avaliação que esse grupo faz dessa determinada forma, podendo tratá-la como um traço de sua identidade, mesmo que ela não tenha prestígio em outros espaços. Assim, em resumo, entende-se que as regras e normas definidas e compartilhadas dentro de uma comunidade de fala podem estar em um nível inconsciente, como se dão os indicadores, ou podem ser percebidas, acessadas e analisadas, como é o caso dos estereótipos e marcadores.

Dialogando com Labov, Guy (2001) apresenta três critérios que resumem as propriedades de uma comunidade de fala: as características linguísticas compartilhadas, que vão dizer o que são as construções utilizadas naquela comunidade e que a difere de outros grupos; a densidade da comunicação, que traz a ideia de que existe uma assiduidade comunicativa entre aqueles falantes, ou seja, que eles têm maior frequência interativa com os outros integrantes daquele grupo do que com integrantes de outros grupos; e as normas compartilhadas, que apontam para uma conformidade das normas e atitudes daqueles integrantes em relação à linguagem em uso. Para o linguista:

Ser membro de um grupo é, em parte, acidental, determinado pelas circunstâncias de nascimento e residência, e pelo acesso comunicativo a outros. Mas é também parcialmente intencional, determinado pelas nossas atitudes sociais e linguísticas, pelas nossas decisões sobre com quem queremos nos associar, e quem queremos emular. Adotar a gramática da comunidade é, em parte um ato de identidade. (Guy, 2001, p. 37).

Portanto, fica claro que os três critérios elaborados por Guy (2001) precisam estar associados a outros elementos, uma vez que sozinhos não são capazes de explicar as razões de um indivíduo desejar integrar ou não uma determinada comunidade. Essas características, quando associadas às atitudes dos sujeitos em

relação ao uso da língua e ao contexto da fala, esclarecem sobre os limites de uma comunidade e sobre os traços identitários que a permeiam.

À vista disso, Guy (2001) entende que a comunidade de fala para a Sociolinguística conecta o individual, os idioletos dos falantes, com o que é característica do grupo, relacionando-os e distinguindo-os de outras comunidades. São essas conexões compartilhadas que fazem o sujeito ser atuante e participativo em um grupo, bem como o que faz que ele entenda que faz parte daquela comunidade e que também garante a conformidade dos traços linguísticos definidos. Analisando a partir desse prisma e considerando que os falantes não participam de apenas uma comunidade de fala, vê-se que há uma sobreposição de traços linguísticos e, conseqüentemente, um encaixe dessas comunidades, que gradativamente ascendem a níveis cada vez maiores, saindo do grupo e passando para regionais e até mesmo nacionais. Essa ótica permite que haja uma observação tanto de comunidades locais quanto de comunidades mais gerais e amplas, bem como a análise de interseções de traços linguísticos (Guy, 2001).

Elaborando uma crítica aos modelos labovianos de comunidade de fala, Figueroa (1994) aponta que não há uma concepção clara no que tange à relação entre o sujeito e a comunidade de fala, uma vez que ele se encontra subordinado ao grupo, dificultando a análise do comportamento linguístico individual, já que este se encontra determinado pela comunidade. Além disso, Figueroa tece sua discordância em relação ao levantamento de dados, afirmando que, se os dados utilizados são coletados a partir de falas individuais desses membros, faz-se difícil certificar como a língua se localiza na comunidade (Figueroa, 1994, p. 89). Têm-se, então, nessa perspectiva, que, na teoria laboviana, a particularidade seria removida, sendo o sujeito tratado a partir de um tipo social, ou seja, sua caracterização passaria a ser feita a partir de atribuições mais gerais, tais como classe, gênero, idade, que serviriam quase que exclusivamente para os fins metodológicos, esvaziando o sujeito de sua operacionalidade agente e estrutural do sistema linguístico.

A partir desse delineamento feito do modelo laboviano, que vê a comunidade de fala como homogênea pela similaridade de atitudes compartilhadas, Romaine (1980) traz seus questionamentos. Para ela, a pluralidade dos contextos em que a língua pode ser utilizada já é, por si só, um fato que coloca em xeque o posicionamento de Labov. Outro fator que, segundo ela, aponta para a heterogeneidade são as mudanças que ocorrem no grupo não serem uniformes e

não atingirem os sujeitos da mesma maneira, pelo contrário, são individuais e operam com valores sociais distintos e com variantes linguísticas diferentes. Entende-se, assim, que os fatores linguísticos e sociais não estão apenas conectados às formas utilizadas, mas aos diferentes graus em que isso se dá na comunidade. Levando esses aspectos em consideração, Romaine (1994) apresenta sua definição para o conceito, na qual a comunidade de fala é um grupo intrinsecamente social, e não linguístico, não tendo necessidade de compartilhar as mesmas normas e regras ou mesmo a língua. Nessa concepção, portanto, as atitudes e valores dos indivíduos são inerentes a eles e aos seus ideais e perspectivas.

Constata-se, ao observar esse panorama, que o conceito de comunidade de fala vem se delineando ao longo do tempo a partir de vários prismas distintos. Dentro da ótica laboviana, ele se delimita em torno do compartilhamento de atitudes, normas e regras em relação à língua, conferindo um grau de homogeneidade ao conceito. Essa noção é contestada por alguns pesquisadores, como Figueroa e Romaine, que deslocam a comunidade de fala para uma caracterização mais heterogênea, enxergando as mudanças linguísticas como aspectos locais e individuais que compõem valores distintos dentro de um mesmo grupo. Tais movimentos conceituais trazem a necessidade de refletir, de forma crítica e aprofundada, sobre as relações entre os sujeitos, a sociedade, a língua e os aspectos identitários. A partir desse olhar, percebe-se a importância de voltar-se não só para aspectos macro, mas para dimensões micro, tendo uma subdivisão metodológica dentro desse grupo social por conta das particularidades de seus integrantes. Os objetos de estudo, dessa forma, passam a trazer unidades de análise centradas em porções menores, a exemplo das noções de redes sociais e de comunidades de prática.

Segundo Milroy (2002; 2004), redes sociais são as relações, de diferentes intensidades, nas quais os sujeitos estão envolvidos e que suprem as dinâmicas interativas de sua vida social cotidiana. Assim, essas redes são formas de entender as dinâmicas dos indivíduos de um grupo e como, apesar de estarem dentro de uma mesma comunidade, fazem uso da língua nos diferentes contextos e interações com os quais se deparam. Nessa abordagem, a força da relação desses integrantes vai depender do grau dos vínculos estabelecidos, ou seja, do engajamento do sujeito em uma determinada relação, independentemente da natureza dessa relação. A

pesquisadora, portanto, divide as redes em dois grupos: as de primeira ordem e as de segunda ordem. Fazem parte das redes sociais de primeira ordem as que se constituem pela família e pelos amigos, já as de segunda ordem são formadas por pessoas que têm contato constante, mas não necessariamente intimidade ou proximidade emocional. São com as redes sociais de primeira ordem que o indivíduo vai ter contato com as características da comunidade de fala, iniciando o processo de pertencimento e identificação social, enquanto com as redes de segunda ordem há uma ampliação desse processo.

Milroy (2002) também afirma que, quanto mais integrada é uma pessoa a uma determinada rede, mais ela passa a utilizar as variantes ali presentes. Britain e Matsumoto (2005) comentam sobre esse aspecto, pensando, especificamente, por um lado mais metodológico, de forma a traçar estratégias de definir e analisar as estruturas de uma comunidade a partir da densidade de suas redes. Pensar no envolvimento dos indivíduos, ou seja, em suas conexões emocionais, no tempo de interação, de convivência, na intimidade e na reciprocidade que ele tem dentro do grupo é crucial para entender em que medida o comportamento linguístico será afetado. Para os autores, quanto maior e mais fortes forem esses fatores, mais densa a rede social e maior a possibilidade de um determinado comportamento linguístico ser reforçado e, por consequência, o uso de dialetos mais locais. Da mesma forma, em redes sociais menos densas, mais fracas, esses mecanismos locais perdem força, sendo mais propícios a interferências externas, facilitando mudanças comportamentais e, com isso, as linguísticas.

Passando para a comunidade de prática, Eckert (2000) a define como um grupo que compartilha um objetivo comum e que, por isso, compartilha também práticas. Tomando essa perspectiva, indivíduos que participem das mesmas categorias macro sociais, como idade, sexo, escolaridade ou origem, podem diferir em sua participação social e, por conseguinte, em sua fala. Milroy (2004) segue nessa mesma linha e comenta que, dentro das comunidades de prática, o social está ligado por aspectos da língua, onde seus comportamentos, significados e mudanças são construídos cooperativamente. Wardhaugh (2002) ressalta que a noção de comunidade de prática não pode ser vista como algo dado ou como um conceito fechado, mas que precisa passar por constante reflexão, uma vez que “um indivíduo pertence a várias comunidades de fala ao mesmo tempo, mas em alguma ocasião particular somente a uma delas, a identificação particular depende do que é

especialmente importante ou contrastivo nas circunstâncias” (Wardhaugh, 2002, p. 121).

Para além do engajamento dos indivíduos em uma determinada atividade ou objetivo, a comunidade de prática destaca a noção de compartilhamento de práticas, repertórios, das mais diversas naturezas, inclusive a linguística. Especificamente sobre esta última, vê-se que as variantes linguísticas que compõem aquele grupo assumem significado social, mas sem deixar de considerar o estilo pessoal e único de cada um. De acordo com Meyerhoff (2004), é possível pensar em três aspectos de uma comunidade de prática: 1) seus membros devem estar engajados e juntos nas práticas específicas daquele grupo; 2) esses membros estão em consonância no que diz aos seus objetivos; 3) o repertório desses membros é compartilhado e se constitui do resultado progressivo e cumulativo das negociações feitas dentro do grupo. Assim, a língua se coloca como instrumento de comunicação, mas como elemento de negociação, existindo um processo constante de trocas sociais e linguísticas.

Constata-se, dessa forma, que a delimitação dos conceitos aqui abordados é complexa, contínua e requer constante revisão, além de estar relacionada ao enfoque metodológico desejado por cada pesquisador, de forma que não se sobrepõem, mas se interligam e complementam. No entanto, é perceptível que o caminho percorrido se volta para um foco cada vez mais específico de análise, passando de conceitos mais amplos, como a comunidade de fala, para conceitos mais específicos, como os de comunidade de prática e redes sociais, que deslocam seu olhar para o sujeito. Nesses contextos menores, não só a heterogeneidade é considerada, mas a explicitação de como as relações ocorrem e como se dão as suas diferenças. Um estudo sociolinguístico que trate de variantes de um grupo deve trazer, de maneira intrínseca e essencial, as relações sociais entre os indivíduos para que, de fato, se possa ter um olhar mais preciso e claro daquela comunidade.

Se entendemos que a comunidade de prática é um grupo que realiza uma atividade específica, com práticas próprias e objetivos característicos, em que a linguagem tem papel crucial para a comunicação, mas não é, necessariamente, o foco, vemos que os cursos de graduação se encaixam nessa definição. Os alunos têm por objetivo em comum com seus colegas de curso formar-se na graduação escolhida. Para isso, eles terão práticas específicas e desenvolverão, ao longo do curso, habilidades e competências similares que os auxiliarão futuramente a exercer

a profissão. Algumas dessas atividades podem ser convergentes em alguns cursos, se pensarmos, por exemplo, nas licenciaturas, cujo objetivo geral é aproximado, no entanto, serão concebidas de formas diferentes, uma vez que terão públicos-alvo, temáticas e conteúdos distintos, mas, de maneira geral, sempre terão contrastes entre si. Percebe-se que o foco para esse grupo é o objetivo final dessa atividade: preparar profissionais capacitados para exercer determinada função, e não a linguagem utilizada por eles, apesar de ela estar presente e ser fundamental para a construção do conhecimento compartilhado por eles.

Pode-se questionar que alunos de anos e semestres distintos de uma mesma graduação não partilham das mesmas experiências e não tenham contato, o que colocaria em xeque a sua constituição como uma comunidade de prática. Contudo, ao analisarmos a dinâmica universitária, vemos que eles estão presentes em espaços comuns que os interligam, a exemplo as atléticas e as representações estudantis. Esses espaços são ocupados por estudantes de todos os anos, o que os permite participar da mesma rede e compartilhar vivências, conectando-os enquanto grupo.

Essas comunidades de prática, apesar de distintas, têm pontos de contato e semelhanças que as unem e que as tornam pertencentes a uma mesma comunidade de fala, a UEL. Esses estudantes, apesar de compartilharem um mesmo objetivo geral, não compartilham práticas e objetivos específicos, no entanto, interagem através da linguagem e partilham normas, regras, variações e padrões linguísticos. Enquanto estudantes da mesma universidade, o foco está na interação sociolinguística, mesmo que não haja contato entre todos os sujeitos. Dessa forma, se mantém uma ideia de pertencimento a esse grupo, tanto pela assiduidade de contato com membros da comunidade, ainda que não com todos os participantes dela, quanto pela adequação social e linguística, necessária para a inserção do sujeito nesse coletivo.

De maneira geral, nesta seção, discutiram-se as diferenças essenciais entre os conceitos de comunidade de fala e comunidade de prática, tendo o primeiro um enfoque na língua e em suas variações, enquanto o segundo, apesar de também considerar a interação sociolinguística como elemento crucial, tem o foco voltado para o objetivo comunicativo num contexto específico e numa atividade compartilhada por um grupo. Levando isso em consideração, parte-se para um âmbito mais específico ao tema desta pesquisa. Ao observar a comunidade

universitária como um todo e as suas segmentações em cursos de graduação a partir dos autores aqui trazidos, é possível identificar que a UEL se configura como uma comunidade de fala, enquanto cada curso se constitui de uma comunidade de prática.

### 3.2 O Reflexo na Palavra: (des)construindo identidades

Na presente seção, é apresentado o conceito de identidade nas perspectivas de autores como Hall (1997), Rajagopalan (1998), Silva (2000) e Woodward (2000), de maneira a discutir como o conceito de identidade se constitui, tanto de forma geral como dentro da área da Sociolinguística.

Dentro das pesquisas realizadas na área da Sociolinguística, tem-se o hábito metodológico de desenvolver os estudos a partir de categorizações sociais dos indivíduos, seja o sexo, o gênero, a faixa etária, a escolaridade ou a localidade que levam a hipotetizar sobre determinados comportamentos linguísticos. A relação desses dois fatores, dentro de estudos variacionistas, tenta explicar a forma pela qual os sujeitos revelam as suas identidades a partir das suas escolhas e construções linguísticas. Apesar disso se mostrar uma fundamental forma de análise, Mendoza-Denton (2004) tece críticas a trabalhos que utilizam essa metodologia de forma restritiva, de forma a limitar a investigação a uma mera verificação estatística e não trazer, de fato, as identidades e os comportamentos do grupo escolhido como objeto de estudo. Penna (1992) também comenta sobre essa temática, enfatizando a complexidade do conceito de identidade:

A identidade não está na condição de nordestino, de classe ou de mulher, mas sim no modo como estas condições são apreendidas e organizadas simbolicamente. As marcas de identidade não estão inscritas no real, embora os elementos sobre os quais as representações de identidade são construídas sejam dele selecionadas. Estão em pauta, portanto, os processos de apreensão do mundo social: esta apreensão dá-se, sempre, através de atos de pensamento e linguagem, cujas coordenadas são geradas social e culturalmente (Penna, 1992, p. 167).

Dessa maneira, nota-se que as críticas trazidas sobre essa forma de análise vão questionar não a metodologia utilizada em si, mas a falta de aprofundamento nos conceitos identitários e a não consideração de fatores como a posição social, a atuação deles na comunidade e as suas intenções, sociais e linguísticas. O que se coloca, por fim, é que se deve adicionar, nas pesquisas, o sujeito como um agente

social que traz intrinsecamente em si um leque de práticas sociais, com as quais ele vai construir ou desconstruir suas identidades.

Para avançar na discussão, faz-se necessário pensar no conceito de identidade. Woodward (2000) entende que existe uma intrínseca relação entre identidade e diferença, ou seja, a identidade se dá por aquilo que lhe é externo, de outra que não seja ela, que seja distinta dela. No entanto, existem diferenças que se mostram mais marcantes e significativas que outras, principalmente se levados em consideração o contexto e o momento particular em que essas identidades são colocadas em contraste. A diferença se sustenta não só na exclusão, mas no grau em que ela ocorre.

Outro ponto trazido por Woodward (2000) é o caráter simbólico das identidades. A língua se concretiza por elementos simbólicos, a identidade também se marca por símbolos, encontra-se uma associação entre identidade de um sujeito e as coisas que ela utiliza, assim como na língua se apresenta a relação entre significante e significado. Portanto, as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (Woodward, 2000, p. 8), ou seja, essa representação auxilia na construção e na atuação simbólica de classificações do mundo e das relações que permeiam a vida social dos indivíduos (Hall, 1997). Sendo a língua um elemento constitutivo de elementos tanto simbólicos quanto sociais, sendo um cravado no outro de forma indissociável, entende-se que os indivíduos vão conceber suas identidades tanto pelo simbólico quanto pelo social através da linguagem, como afirma Rajagopalan (1998):

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa (Rajagopalan, 1998, p. 41).

Essa afirmação também traz um tópico base dentro da discussão sobre identidade, uma vez que existem divergências entre as perspectivas essencialistas e não-essencialistas sobre a estabilidade das identidades. A visão mais essencialista vai entender que existe um determinado conjunto de atributos que todos os sujeitos de um grupo compartilham, que constituem suas identidades, e não muda ao longo do curso da história. Por sua vez, uma visão não-essencialista opta por focar nas diferenças dos sujeitos de um determinado grupo e no contraste entre esse grupo e

outros, além de observar as modificações que ocorreram ao longo dos anos nas particularidades dessa comunidade. Ao se colocar uma dessas identidades em um lugar de superioridade ou destaque, isso leva, segundo Woodward (2000, p. 12-13), a dois movimentos específicos: 1) tem-se uma conseqüente desvalorização da identidade do outro; 2) tem-se uma busca por características identitárias, por parte do grupo que é visto como superior, que não tenham passado por mudanças ao longo do tempo na tentativa de requerer uma identidade “autêntica”.

Hall (1997) diz que todo esse processo identitário, seja ele visto por seus elementos mais estáveis ou por suas diferenças e mudanças, conecta-se diretamente com a cultura de uma comunidade. Assim, ao buscar investigar os sistemas de representação, faz-se crucial observar os vínculos entre cultura e significado, uma vez que a percepção dos significados que compõe o sistema só acontece se existe um entendimento sobre as posições de sujeito que são produzidas e como os indivíduos são alocados nelas, como comenta Woodward (2000):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (Woodward, 2000, p. 17).

Vê-se que a cultura tem um papel fundamental na identidade do sujeito e em como ele vai moldá-la e apresentar seus aspectos e sua subjetividade. A identidade, assim, vai ser tecida a partir da junção de aspectos da história, da cultura, do econômico e do social, seja consciente ou inconsciente, revelando os processos de subordinação e dominação de sujeitos e de seus grupos (Rutherford, 1990, p. 19-20). Essa interação, como se pode notar, nem sempre é pacífica, mas pode trazer conflitos, presentes como forças que contribuem para a mudança social e linguística. Esse movimento também vai demandar dos indivíduos diferentes posicionamentos, que assumam diferentes identidades, a depender do contexto em que se encontrem e com que grupo estejam interagindo. Dessa forma, o sujeito não

só se posiciona em um determinado lugar, mas posiciona o outro, sendo uma ação que vai, portanto, nas duas direções.

Pensando mais especificamente nas práticas sociais, constata-se que elas são simbolicamente marcadas e as identidades que estão inseridas nelas vão ser diversas e versáteis, adaptando-se aos momentos sociais em que se encontram e aos sistemas simbólicos que devem colocar em ação para que sejam posicionados dentro da comunidade. A partir disso, como afirma Tabouret-Keller (1997, p. 315), pode-se compreender que “atos linguísticos são atos de identidade”. A língua é uma prática social pertencente a um grupo, muito antes de pertencer a um sujeito particular, e que só tem o seu propósito se vista enquanto objeto social. Por isso, determinadas comunidades a utilizam como elemento de diferenciação e de marca identitária, de forma que aqueles que a dominam, bem como conhecem suas particularidades, são parte do grupo e aqueles que não a possuem são vistos como diferentes e são colocados à margem. Dessa maneira, a posse da língua é a posse de um lugar de pertencimento, que vai ser constantemente negociado através da própria língua e de outros meios semióticos (Mendoza-Denton, 2004, p. 475).

Desse modo, as identidades são constituídas na diferença e as marcas desse processo vão se mostrar a partir dos sistemas simbólicos de representação e, enquanto prática social, vão se apresentar na forma de exclusão social, já que, na interação de dois elementos em oposição binária, haverá um desequilíbrio de poder entre eles. Traz-se, em vista disso, que “a identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios” (Woodward, 2000, p. 40).

Esses dois integrantes, para além do que foi colocado anteriormente em relação à sua interdependência, também compartilham uma particularidade crucial, uma vez que ambas são atos de criação linguística, ou seja, ambas precisam ser produzidas de forma ativa. Levando isso em consideração, entendendo-as como ato linguístico, considera-se, por consequência, que elas irão obedecer às propriedades que caracterizam a linguagem e que seus sentidos não podem ser compreendidos fora desse sistema. Aqui se coloca em xeque a estabilidade da linguagem, bem como da identidade, como traz Silva (2000):

Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. Dizer isso não significa, entretanto, dizer que elas são

determinadas, de uma vez por todas, pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhe dão definição. Ocorre que a linguagem, entendida aqui de forma mais geral como um sistema de significação, é, ela própria, uma estrutura instável (Silva, 2000, p. 78).

Assim, enquanto definidas pela linguagem, sistema passível de mudança, a identidade e a diferença também vão ser perpassadas pela indeterminação e instabilidade. Entretanto, não se pode deixar de considerar que esses fluxos identitários e linguísticos são guiados por forças externas que trazem relações sociais de poder. Como comenta Silva (2000, p. 81), não se constituem por elementos que são definidos, mas que são, em certa medida, impostos, não são processos harmônicos e pacíficos, mas são contestados e disputados. A identidade e a diferença, e, conseqüentemente a língua, portanto, estão intrinsecamente ligados às relações de poder que regem a sociedade. Da mesma maneira, ter uma determinada identidade linguística como norma é uma forma concreta de demonstrar a hierarquização das identidades e das diferenças, como trata Silva (2000):

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como a identidade (Silva, 2000, p. 83).

Desse olhar para a sua própria identidade e para a do outro e ao posicioná-las em determinado lugar social, vão surgir movimentos que constituem imagens unitárias, ou seja, surge o *eu* em contraste e em mediação com o *outro*, o sujeito se enxerga a partir da visão do outro. Entretanto, para que isso aconteça, é necessário que ambos estejam imergidos em uma estrutura simbólica comum, como apresenta Chnaiderman (1998). Esse curso, por fim, vai trazer a ideia de valor para a língua, suas normas e variantes, colocando-as em uma hierarquia que responde aos anseios das relações de poder e que pouco diz da qualidade das estruturas linguísticas.

À vista do que foi colocado nesta seção, observou-se que o conceito de identidade é mutável e não se coloca como algo fixo e apenas individual, pelo contrário, trata-se de um processo de criação de sentidos e significados que passa pelo pessoal, mas também, de igual forma, pelo coletivo. Esse fator externo e social vai construir sentidos cravados em uma matriz cultural, histórica e ideológica, nas

quais o sujeito não exerce controle, mas que irão influenciar e, por vezes, impor aspectos identitários no indivíduo.

### 3.3 Entre Linhas e Estigmas: Desvendando as Complexidades do Preconceito Linguístico

Esta seção apresenta uma discussão sobre o conceito de preconceito linguístico, apontando-o como um processo tanto estrutural quanto socioeconômico e cultural no Brasil, além de abordar sobre a concepção de estigma e a diferenciação desses dois conceitos.

Dissertar sobre o preconceito é abordar uma determinada concepção previamente concebida, sem a devida análise ou conhecimento de fatos e contextos que compreendem um processo, uma situação, um indivíduo ou um grupo social, ou, como definem Marcondes e Japiassu (1996):

Preconceito é uma opinião ou crença admitida sem ser discutida ou examinada, internalizada pelos indivíduos sem se darem conta disso, e influenciando seu modo de agir e de considerar as coisas. O termo possui um sentido eminentemente pejorativo, designando o caráter irrefletido e frequentemente dogmático dessas crenças [...] (Marcondes; Japiassu, 1996, p. 219).

Ao pensar esse conceito atrelado ao conceito linguístico, tem-se a expressão da austeridade a variedades da língua que carregam em si marcas identitárias de desprestígio, sendo ele social, cultural, político, econômico, entre outros, e que se colocam distantes daquelas variedades que são vistas pela comunidade como modelo. Avaliando a sociedade brasileira, nota-se que o preconceito linguístico se faz evidente em diversos contextos e a ideia de que determinados usos linguísticos são superiores remonta a própria origem e formação étnico-cultural do país, desde sua diversidade e expansão geográfica até os seus abismos socioeconômicos.

Ao se fazer uma rápida recapitulação do preconceito linguístico no Brasil, evoca-se a Lei do Diretório dos Índios, válida a partir de 1758, que estabeleceu, incisiva e categoricamente, a língua portuguesa no país. Com a implantação dessa medida, não só se impõe o português, mas se prescreve um processo de silenciamento das línguas que aqui já estavam, como as pertencentes aos índios e aos negros. Segundo Oliveira (2000) e Cunha (1985), a instituição desse regulamento não se deu de forma pacífica, pelo contrário, foi palco de conflito e

hostilidade, fato que ambos os pesquisadores comentam não ter destaque na história do país, mas que é crucial para entender o processo do preconceito linguístico que hoje se apresenta em nossa sociedade.

Ainda conforme Oliveira (2000), durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, por volta do início da década de 40, vê-se outro movimento de imposição linguística, desta vez voltando-se para os grupos de imigrantes, principalmente da região Sul, mas com a mesma justificativa de buscar um purismo e uma homogeneização da língua. No decorrer desse período, foi estabelecido por lei que não poderia haver uso linguístico que não fosse expresso em português. Ademais, também foram regulamentadas as práticas culturais e educacionais desses grupos, com o fundamento de se proteger e fortalecer a identidade nacional. Tal regime afetou diretamente as identidades desses sujeitos, que, de forma repentina, eram obrigados a abandonar sua bagagem cultural. Faz-se necessário ressaltar que essa marca não se limitou aos que testemunharam essa intervenção linguística, mas está presente até hoje nos descendentes desses imigrantes, como apontam os estudos de Sturz e Fiepke (2017), Bueno (2006), Mazzelli (2019).

Observa-se que o preconceito linguístico no Brasil acompanha a história do país e se coloca como um processo estrutural da formação da própria sociedade brasileira. Para além desse aspecto estrutural histórico, Bagno (2005) comenta que o preconceito linguístico está associado à intercambialidade errônea dos termos "língua" e "gramática normativa", que leva à ideia de que o Português é uma unidade homogênea, sem variação e sem dialetos. Entretanto, o PB traz em si uma grande diversidade, fruto não só de sua dimensão continental, que vai dar origem às diferenças regionais, mas também por seus abismos sociais, que geram abismos linguísticos entre os falantes, principalmente entre os das variedades não-padrão e os da variedade culta (Bagno, 2005).

Como discutido no capítulo anterior, todo sujeito falante de uma língua sabe suas normas, portanto sabe como ela funciona e sabe, de maneira natural, empregar as regras estruturais para que haja comunicação. Apesar disso, persiste a ideia de que a Língua Portuguesa é difícil, complicada e que nem todo falante é completamente habilitado a utilizá-la da maneira correta, seja na oralidade ou na escrita. Bagno (2005) afirma que a permanência dessa concepção não tem motivação linguística, mas sim social, em que se utiliza esse entendimento como instrumento para manter o privilégio das classes que já se encontram no poder. Para

que isso seja perpetuado, elege-se uma norma, insolitamente a mesma da classe dominante e a mais afastada da maioria da população, como mais correta e a legítima a partir de três instâncias: a escola, a gramática (normativa) e o dicionário. Dessa forma, vê-se que o preconceito linguístico se volta para uma determinada variedade por ela pertencer:

[...] a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite e, por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada "feia", "pobre", "carente", quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. [...] Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social (Bagno, 2005, p. 42-43).

Assim, um primeiro passo em direção à quebra desse tipo de preconceito é desconstruir a imagem de que existe uma norma superior e, conseqüentemente, uma inferior. Com esse propósito, deve-se reconstruir a visão que os falantes têm sobre as variedades presentes na língua e sobre a preciosidade de cada uma delas enquanto representação da cultura de um grupo. Ademais, essa reflexão precisa estender-se à norma culta e ao papel social que ela ocupa, não para bani-la, mas para enxergá-la como uma dentre várias outras, e não como norma absoluta e invariável. Instigar a mudança é essencial, uma vez que permanecer nas mesmas condições impositivas observadas ao longo da história é escolher preservar atitudes e estruturas antigas, que não só foram negativas no passado, como também são nocivas no presente. Entretanto, o processo não é automático rápido e, muito menos, simples, ao contrário, é um movimento gradativo e que deve ser constante, visto que:

[...] os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito (Bagno, 2005, p. 75).

Outro ponto a atentar-se acerca do preconceito linguístico é o caráter de censura que ele carrega. Tendo que o preconceito “se realiza individualmente ou por pequenos grupos, ou raças, mas é de natureza sócio-histórica, sendo regido pelo econômico [...]” (Orlandi, 2009, p. 223), pode-se entender que a própria organização hierárquica social, com sua verticalização entre aqueles que possuem mais e aqueles que possuem menos, se beneficia do preconceito linguístico na medida em

que ele atua como censura, ou seja, tem-se sentidos que são possíveis, mas que se determina que não podem ser ditos. Desse modo, o preconceito linguístico relaciona-se intrinsecamente com a política do silêncio, discutida por Orlandi (1995) e delineada pela autora como aquela que “se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 1995, p. 73). Essa correlação se dá a partir da interdição do dizer, da fala do outro, a partir do escárnio, fruto do preconceito, que leva a um ciclo de silenciamentos, tanto sociais quanto linguísticos.

Orlandi (1995; 1996; 2002) afirma como imprescindível, ao se pensar no fluxo da língua como um bem público, ponderar sobre as práticas sociais ao longo do tempo e os distintos processos de exclusão e de desvalorização de sujeitos, ou grupos, pelo seu modo de falar. A autora ainda destaca que estabelecer normas e regras não se configura, em sua concepção primária, como uma forma de preconceito, uma vez que elas são necessárias para o funcionamento da sociedade e da língua. São nas diferenças que existem entre os indivíduos e nas hierarquias e nos valores que os constituem que reside o preconceito e, por consequência, os processos excludentes. Portanto, é pela forma que se significa a diferença em um determinado imaginário social que se estabelece o preconceito. Sendo a língua parte desse imaginário social, a norma passa a ocasionar uma segregação dos sujeitos, colocando-os como qualificados, habilitados ou não.

Ao se tratar de preconceito linguístico, não há como esquivar-se do conceito de estigma, definido por Bacila (2005) como um termo que:

[...] não se refere somente a atributos físicos, mas também à imagem social que se faz de alguém para inclusive poder controlá-lo e até mesmo de linguagem de relações, que compreende que o estigma gera profundo descrédito e pode também ser entendido como defeito, fraqueza e desvantagem. Daí a criação absurda de duas espécies de seres: os estigmatizados e os normais, pois, se considera que o estigmatizado não é completamente humano (Bacila, 2005, p. 24- 25).

Dentro das relações humanas, delineia-se um intrincado processo de avaliação, autorreflexão e categorização dos sujeitos, conformando-se como uma dinâmica contínua, constante e cíclica. Goffman (2017, p. 5) destaca que, quando um indivíduo se desvia da categoria predefinida pela rotina das relações sociais em uma comunidade específica, certa atenção é direcionada a ele, uma vez que, de acordo com a norma estabelecida, sua presença nesse contexto não é prevista. Esse fenômeno instiga uma análise por parte dos demais sujeitos acerca da

identidade social que o desviante carrega, ou daquilo que a sociedade presume que ele traga consigo, conduzindo, por vezes de maneira equivocada, à tentativa de encaixá-lo em outra categoria social considerada mais apropriada.

Observa-se, portanto, que as categorias sociais transcendem a mera ocupação de lugares pelos sujeitos, configurando-se como instâncias reguladas normativamente nos variados contextos sociais. Essas categorias, ao colocarem qualquer indivíduo à margem de uma determinada norma social, tendem a categorizá-lo como estranho, desencadeando, por conseguinte, processos de julgamento e avaliação. Essa suposição sobre os sujeitos emerge das expectativas e exigências construídas coletivamente enquanto sociedade, permeando, muitas vezes de forma inconsciente, a percepção individual de cada membro.

Nesse sentido, o estigma linguístico emerge como uma faceta particular desse processo, evidenciando-se como uma forma de categorização que se manifesta no âmbito da linguagem. Tal estigma se materializa quando determinadas formas de expressão linguística são percebidas como desviantes das normas estabelecidas, conferindo ao falante uma posição marginalizada no contexto social. Dessa forma, o estigma linguístico torna-se um veículo através do qual a sociedade expressa suas expectativas e padrões linguísticos, tornando-se uma ferramenta sutil, mas poderosa, de exclusão e marginalização.

Faz-se importante compreender que a análise das categorias sociais e do estigma linguístico não se restringe apenas ao âmbito individual, mas projeta-se sobre a esfera coletiva, influenciando dinâmicas sociais mais amplas. Nesse sentido, uma abordagem mais aprofundada e reflexiva desses fenômenos se faz necessária para desvelar as complexidades subjacentes aos processos de categorização e estigmatização linguística, contribuindo, assim, para uma compreensão mais abrangente e crítica das interações sociais e das dinâmicas linguísticas presentes em nossa sociedade. Logo,

As exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas "efetivamente", e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial - uma caracterização "efetiva", uma identidade social virtual. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real. [...] um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (Goffman, 2017, p. 6).

Dessa forma, o que se nota é a classificação de um grupo como inferior a partir dos tributos que ele carrega, que são vistos como negativos pelo resto da comunidade. Nesse sentido, por conseguinte, o estigma será o termo utilizado para referenciar um atributo depreciativo estabelecido na interação social. Este atributo que estigmatiza o sujeito não carrega qualidade positiva ou negativa, mas, quando visto em contraste a outros atributos, pode vir a confirmar a "normalidade" ou apontar a diferença.

A partir do que foi colocado neste capítulo, emerge uma clara distinção entre os conceitos de preconceito linguístico e estigma, sendo crucial salientar que, embora ambos estejam intrinsecamente relacionados, não podem ser empregados de maneira intercambiável, uma vez que delineiam nuances estruturais distintas no que concerne à carga negativa subjacente a cada um. Esta diferenciação, segundo as considerações de Bergamaschi (2006, p. 46), revela que o estigma transcende o preconceito, manifestando-se como uma força mais intensa e inibidora. A autora enfatiza que o termo estigma evoca atitudes adversas que perduram indefinidamente, marcando irrevogavelmente o estigmatizado ao longo de sua vida.

Seguindo uma linha de argumentação análoga, Botassini (2013, p. 66) destaca que "o preconceito linguístico seria, assim, um 'estigma amenizado'". Esta perspectiva sugere que, embora o preconceito linguístico possa manifestar-se em graus variados de intensidade, o estigma permanece intrinsecamente forte, carregando consigo sempre a conotação de aversão, elemento ausente no preconceito. Desse modo, compreende-se que, enquanto o preconceito linguístico pode se apresentar como um fenômeno tanto forte quanto sutil, o estigma emerge como uma força invariavelmente intensa, impregnada de hostilidade e perpetuando-se como uma marca.

Com esta seção, pode-se explorar os conceitos de preconceito linguístico e estigma, tomando por base autores como Orlandi (1995; 1996; 2002; 2009), Oliveira (2000), Bacila (2005), Bagno (2005), Bergamaschi (2006), Botassini (2013), Goffman (2017). De forma geral, conclui-se que as categorias sociais, bem como os grupos e as comunidades que as compõem, apresentam expectativas sobre os sujeitos a partir do que consideram por padrão, por normal. Assim, aquele que não apresenta essas características é marcado como estranho, estigmatizado e, por não dominar as regras estabelecidas, sofre preconceito. Ademais, distinguiram-se os termos preconceito linguístico e estigma a partir de dois princípios fundamentais: o grau de

negatividade presente na avaliação e a presença ou não de aversão em relação ao sujeito ou a alguma de suas características.

### 3.4 Rigor e Flexibilidade: Explorando as Dimensões da Norma Culta

Nesta seção, é discutido, com base em Faraco (2008), o conceito de norma para a linguística, a pluralidade de normas dentro de uma comunidade de fala e, por fim, o conceito de norma culta, especificamente da norma culta falada, o perfil de seus falantes e suas implicações identitárias.

A língua, como já discutido nos capítulos anteriores, é, em sua essência, heterogênea, por se tratar de um elemento socialmente constituído e atender às necessidades comunicativas dos sujeitos que a utilizam, apesar de apresentar padrões e regularidades, mesmo na variação, que a fazem ser um sistema. A partir desse olhar, pode-se pensar nas normas que a regularizam e organizam seus arranjos sociocomunicativos possíveis. Faraco (2008) define a norma, num primeiro momento, como "cada um dos diferentes modos sociais de realizar os grandes esquemas de relações do sistema." (Faraco, 2008, p. 36). Assim, compreende-se que ela é um recurso fundamental, uma vez que alicerça o falar da comunidade de forma a manter sua unidade naquilo que se coloca como fundamento estrutural para que haja comunicação.

Num segundo momento, Faraco (2008) traz uma ampliação do conceito de norma, como sendo um "determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala." (Faraco, 2008, p. 37). Aqui, entende-se a norma tomando como ponto de partida a prática, aquilo que, de fato, ocorre e nos é palpável, ou seja, a língua em sua forma concreta, servindo de elemento comunicativo e sociocultural. Logo, o que se observa é a norma como um integrante que revela aquilo que se fala e o como se fala de um grupo de pessoas que interagem entre si, linguística e socialmente. Essa ampliação do conceito revela uma outra característica da norma: sua pluralidade. Se entendemos a norma como o linguajar habitual de um grupo, inferimos, por conseguinte, que grupos diferentes terão normas distintas, que podem ter pontos de contato e, inclusive, interferir umas nas outras. Além disso, seguindo essa linha de pensamento, mesmo que haja diferenças entre os grupos, não existe grupo sem normas e que não siga o essencial

da estrutura da língua utilizada pela comunidade, ou seja, que tenha uma organização estrutural linguística.

Refinando ainda mais a concepção de norma, Faraco (2008) afirma que grupos sociais distintos usarão a língua de forma característica e, portanto, terão suas próprias regras e normas. Assim, o falante, sujeito que participa de diversos grupos sociais, vai dominar diferentes normas e vai ser capaz de transitar entre elas, selecionando a mais adequada para uma determinada interação. Este fator também demonstra a complexidade existente, uma vez que:

[...] na verdade, cada comunidade linguística tem várias normas (e não apenas uma). Nesse sentido, uma comunidade linguística não se caracteriza por uma única norma, mas por um determinado conjunto de normas. Essa diversidade está diretamente correlacionada com a própria heterogeneidade da rede de relações sociais que se estabelecem no interior de cada comunidade linguística. (Faraco, 2008, p. 39-40)

Dessa forma, a norma passa a ser mais do que um fator de unidade linguística ou a materialização do que se fala e o como se fala de uma comunidade, passa a ser um elemento que incorpora as identidades dos sujeitos e serve como agente de identificação de um grupo, que agrega as experiências e os valores daqueles indivíduos e concretiza-os na fala, a partir de forças atrativas ou repulsivas, como declara Faraco (2008):

Assim como há uma tendência dos falantes a se acomodar às práticas linguísticas normais de seu grupo social (e isso pode se transformar em motivo de orgulho e, eventualmente, em fator de resistência a processos sociais sentidos como ameaçadores ao grupo), o desejo de se identificar com outro(s) grupo(s) ou a própria pressão das redes de relações sociais externas ao grupo podem levar os falantes a buscar o domínio de outra(s) norma(s). (Faraco, 2008, p. 43)

No entanto, faz-se importante destacar que os grupos sociais não estão isolados, ao contrário, eles interagem entre si, o que reforça o caráter de, por vezes, interposição das normas, uma vez que o contato entre esses grupos e sujeitos é constante e, até mesmo, inevitável, mesmo que não seja intencional.

Tendo o conceito de norma em vista, pode-se pensar mais estritamente no que seja a norma culta e em suas implicações sociais. Em seus estudos, Faraco (2008), baseado nas pesquisas do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC), afirma que a norma culta brasileira se constitui pela variedade característica de falantes do contínuo urbano com escolaridade superior completa que estejam em situação de monitoramento. Esta determinação transparece o “matiz

aristocrático” (Faraco, 2008, p. 49) que transpassa essa norma, visto que é colocada como parte da identidade de uma elite letrada. Por vezes, esse aspecto da norma culta a coloca em evidência em relação às outras, fazendo que os falantes, tanto os que fazem parte do grupo social que a falam quanto os que não a dominam mas a conhecem, emitam juízo de valor, colocando-a como superior a outras normas. Tal associação é problemática, pois induz a uma valoração negativa de normas, e de sujeitos, que se afastem das características da norma culta.

Para além disso, a norma culta precisa ser pensada criticamente, visto que, como aponta Faraco (2008), a própria denominação "cultura" infere que existe outra, em oposição, que seja "inculta", cujos falantes têm menor valor social, cultural e linguístico. No entanto, como já discutido anteriormente, não existe grupo social que não apresente norma, organização, ou seja, a valoração é de cunho social e não linguístico, dado que estruturalmente todas as normas apresentam igual relevância e legitimidade. Desse modo, é necessário ter em mente, ao trabalhar com a norma culta, que essa designação não deve carregar juízo comparativo em relação a outras normas, mas deve ser entendida e analisada por aquilo que, de fato, se constitui, ou seja:

[...] a expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau maior de monitoramento), por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita. (Faraco, 2008, p. 56).

Ademais, não se deve deixar de considerar que os falantes da norma culta não estão apenas dentro de uma categoria linguística, mas também de uma categoria social, o que não pode ser perdido de vista, uma vez que o caráter sociocultural vai trazer nuances da língua como instrumento de controle e de manutenção de poder. Não há como considerar os confrontos linguísticos sem analisar o panorama sociocultural construído, em que a designação da norma como culta foi forjada por seus próprios usuários e colocada como a correta ou melhor pela posição privilegiada de seus falantes dentro da estrutura socioeconômica vigente. Esse posicionamento social garantiu o seu posicionamento linguístico, e a distância de grande parte dos demais grupos dessa norma culta, tida como mais correta, garante, em contrapartida, sua permanência nesse lugar de autoridade.

Por fim, uma última discussão que se faz do conceito de norma culta é a distinção entre sua forma escrita e sua forma oral. Apesar de ambas serem

ramificações da mesma norma, elas apresentam diferenças características por se tratarem de manifestações diferentes da mesma substância. A oralidade, mesmo em situações de alto monitoramento, vai permitir maior gama de variedades que não estejam prescritas na gramática normativa, enquanto que essas mesmas variedades na escrita, especialmente na mais formal, não são bem vistas. Essa distância entre a fala e a escrita faz que se tenham, de certa maneira, duas normas cultas, uma para cada forma, contribuindo para maior elitização, devido à distância ainda maior que se cria entre essa norma culta e os falantes que não a dominam.

Assim, de modo geral, nesta seção, dissertou-se, com base em Faraco (2008), sobre o conceito de norma e, estritamente, sobre o conceito de norma culta e de suas implicações linguísticas e sociais. Ademais, definiu-se quem é o grupo de falantes da norma culta e como eles se relacionam fundamentalmente com o papel social desempenhado por essa norma. E, por último, fez-se uma breve distinção entre norma culta oral e norma culta escrita, uma vez que, para os fins desta dissertação, apenas a norma culta oral será abordada.

O próximo capítulo trará a revisão bibliográfica de estudos realizados anteriormente por outros pesquisadores sobre os processos morfofonológicos escolhidos para análise: /S/ como marca de plural, palatalização das oclusivas alveolares /D/ e /T/, apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/ e variantes róticas em coda silábica.

## 4 EXPLORANDO AS MUDANÇAS: MORFOFONOLOGIA EM FOCO

Neste capítulo, fazemos uma revisão bibliográfica de estudos realizados, tanto na área da Dialetologia quanto na Sociolinguística, sobre os processos morfofonológicos: /S/ como marca de plural, palatalização das oclusivas alveolares /D/ e /T/, apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/ e variantes róticas em coda silábica.

### 4.1 /S/ Como marca de plural

Nos estudos linguísticos, define-se, de forma breve, o plural como a expressão de uma quantidade, em oposição a uma unidade, sendo uma característica comum às línguas naturais que se faz observável na noção gramatical de número. Câmara Jr. (1970) afirma que a flexão de número ocorre tanto em verbos quanto em nomes e, de maneira geral, traz uma marca gramatical, expressando, de modo concreto, a oposição entre um único elemento e o conjunto de elementos. Entretanto, o mesmo autor pontua duas exceções à concepção exposta: os coletivos, como uma situação especial, uma vez que o singular traz em si o sentido de plural, e casos inversos, como a palavra *núpcias*, em que o plural se refere a um conceito que, linguisticamente, é indecomponível. Dessa maneira, percebe-se que a flexão de número cria um contraste entre aquilo que se entende ser a forma singular e a forma plural.

Pensando estritamente no PB, o plural se forma regularmente, num primeiro momento, a partir da adição de um morfema /S/ ao fim da palavra, como em *porta - portas*, sem que haja demais alterações fonológicas. Esta forma, por seu caráter medular, é o que, geralmente, engloba as novas formações lexicais provenientes de outros idiomas. No entanto, esta não se coloca como a única formação de plural, havendo outros casos, estes ocasionando alterações fonológicas, que não serão alvo deste trabalho.

De acordo com Câmara Jr. (1970; 1975), o morfema flexional de plural é, analisando fonologicamente, o arquifonema /S/, este possuindo quatro alofones em posição pós-vocálica final, sendo eles: fricativa, alveolar, surda; fricativa, palatal, surda; fricativa, alveolar, sonora; e fricativa, palatal, sonora. Faz-se necessário ressaltar que o /S/, no Português, não preenche apenas a coda morfológica, ou seja,

a que marca o plural, mas também preenche a coda lexical, não marcando, portanto, a flexão de número. Sobre este tópico, Bortoni-Ricardo (2004) destaca que ter essa distinção clara é fundamental. Segundo ela, há uma tendência por parte dos falantes em suprimir o /S/ pós-vocálico, especialmente quando este constitui a marca de plural, em comparação com a supressão quando o /S/ é parte integrante da palavra:

[...] convém fazer a distinção entre o /s/ pós-vocálico que é morfema de plural (ou seja, é o elemento que contém a marca de plural) e o /s/ que não é morfema de plural. Vejamos exemplos do /s/ como marca de plural: aluno + s, lâmpada + s, coelho + s. Vejamos agora palavras monomorfêmicas (formadas por um único morfema em que o /s/ é parte do morfema lexical: lápis, pires, Paris, atrás, etc (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 88).

Observando as pesquisas realizadas sobre o tema, nota-se que há uma grande quantidade de trabalhos que vai trazer a perda da marca de plural dentro do PB, tanto do ponto de vista morfológico quanto do sintático, dentre os quais destacam-se os realizados por Braga e Scherre (1976), Scherre (1978, 1988), Ponte (1979), Braga (1977), Guy (1980, 1981), Carvalho Nina (1980) e Câmara Jr. (1975).

Braga e Scherre, em 1976, realizaram um estudo considerado pioneiro sobre a influência da saliência fônica na concordância de número entre elementos do sintagma nominal. Nesse trabalho, analisaram-se os falantes que residiam no Rio de Janeiro de classes sociais e origens geográficas diversas, estabelecendo uma escala de diferenciação em cinco níveis, sendo: a) /S/ e abertura vocálica (ovo/óvus); b) /S/ e mudança silábica (imóvel/imóveis); c) /ES/ em palavras finalizadas em /R/ (flor/flores); d) /S/ em plural regular<sup>6</sup> (livro/livros); e) /ES/ em palavras que terminam em /S/ (rapaz/rapazes). A partir dessa escala, conclui-se que formas mais salientes vão favorecer mais marcas de plural, enquanto as formas menos salientes vão desfavorecer a marcação de plural. Ademais, essa escala vai ser produtiva em todas as classes sociais analisadas, mas se mostra mais evidente na classe média e média alta do que nas demais.

Outro estudo de Scherre (1978), também realizado sobre o falar do Rio de Janeiro, retoma a escala apresentada e afirma que falantes escolarizados vão ter seu comportamento linguístico regido pelo princípio da saliência. Os resultados mostraram que os casos de concordância de palavras no plural regular têm probabilidade baixa, sendo superados apenas por casos de inserção de /ES/ em

---

<sup>6</sup> O plural regular, segundo Braga e Scherre (1976), configura-se pelos casos de vocábulos terminados em vogal ou vogal + nasal que terão seu plural formado pela adição do morfema -s sem nenhuma alteração morfofonêmica ou silábica.

palavras terminadas em /S/. A pesquisa de Ponte (1979), realizada com falantes de Porto Alegre semianalfabetos, traz resultados semelhantes, tendo o plural regular como o fator que menos favorece o fenômeno da pluralização. Scherre (1988), em consonância com os estudos citados, vai verificar que o plural regular é a forma que mais desfavorece a aplicação da regra.

Para além da variável saliência fônica, a variável posição, que diz da posição que o elemento ocupa no sintagma, se mostra produtiva. Segundo Scherre (1988), os estudos realizados por outros pesquisadores que analisam essa variável têm resultados convergentes, apontando que a primeira posição do sintagma é a mais marcada, como em a[s](primeira posição) saia[Ø], enquanto as demais posições terão índices consideravelmente mais baixos se comparados à primeira, como em: o[s] menino[Ø](segunda posição) bonito[Ø](terceira posição). Em se tratando das posições, à exceção da primeira, há divergências de resultados: enquanto alguns pesquisadores afirmam haver uma linha decrescente na marcação de cada uma das posições, outros afirmam que não há uma linha perfeitamente decrescente, mas sim um aumento nas últimas posições (Scherre, 1988, p. 143).

Ainda sobre a variável posição, Braga (1977) verifica que falantes das classes baixa e média vão aplicar o plural com maior consistência na primeira posição, ficando inconstante na medida em que as posições vão aumentando. Scherre (1978) relaciona com a variável escolaridade e conclui que, mesmo em falantes escolarizados, a primeira posição favorece a marcação do plural e as demais posições vão proporcionar uma queda da marca de plural. Da mesma maneira, Ponte (1979), Guy (1981) e Carvalho Nina (1980) vão notar que não só na primeira posição a marca de plural se mostra altamente favorável, como também vão mostrar que, a partir da segunda posição, há uma queda brusca em termos de aplicação da regra. Assim, vê-se que a posição é uma variável fundamental, uma vez que traz certa uniformidade de resultados sobre o processo estudado. Por fim, Scherre (1988) declara que a concordância não é um fator que se coloca como necessário dentro da lógica linguística, visto que se constitui mais propriamente como marca formal do que informacional, o que motiva seu apagamento nas posições que não a primeira.

Outra variável recorrente em estudos a respeito desse processo é o contexto fonético-fonológico seguinte. Segundo Câmara Jr. (1975) e Guy (1980), existe a hipótese de que a presença de uma vogal seguinte favoreça a marcação do plural,

uma vez que a proximidade propiciará a ligação entre o /S/ final e a vogal inicial da palavra seguinte, enquanto a presença de uma consoante desfavoreça a presença da marca de plural. Entretanto, autores como Scherre (1979), Braga e Scherre (1976), Braga (1977) e Cedergren (1973) vão de encontro a essa hipótese, demonstrando que a relevância do elemento seguinte ser uma vogal ou uma consoante é baixa e, por vezes, se mostra irrelevante. Scherre (1979) não só afirma que essa divisão é irrisória, como demonstra, a partir dos seus resultados, um efeito contrário, percebendo que consoantes no contexto seguinte poderiam favorecer a aplicação do plural.

Braga (1977) propõe que o contexto seguinte seja analisado a partir dos traços do segmento que ocupa essa posição. Os resultados desse estudo apontam que elementos seguintes que tenham proximidade com os traços fonético-fonológicos do /S/ vão favorecer seu aparecimento, enquanto elementos que tenham traços distintos do /S/ vão favorecer seu apagamento. Assim, infere-se que a presença de /S/ no início do vocábulo seguinte (as saias) vai ser um fator produtivo para a marca formal de plural. Por fim, Scherre (1988) estabelece que o contexto fonético-fonológico seguinte tem menor influência na marcação do plural quando comparado a outras variáveis, no entanto, a polarização presente nos resultados das pesquisas realizadas sobre esse fenômeno fazem que se mostre interessante analisar a relevância e a produtividade dessa variável.

Em se tratando das variáveis sociais, Scherre (1988) demonstra que a escolaridade do falante reflete, em relação diretamente proporcional, no uso do plural: quanto maior o tempo que o falante frequentou a escola, maior a probabilidade de ele utilizar a marcação formal de plural em todos os elementos do sintagma. Já a variável sexo, homem ou mulher, não se mostrou relevante, uma vez que a diferença entre eles foi muito pequena, apesar de as mulheres estarem levemente mais inclinadas a utilizar as formas de prestígio. Da mesma maneira, a variável faixa etária não se mostrou relevante, no entanto, Scherre (1988) não a desconsidera, afirmando que outros estudos podem mostrá-la como influente.

Em resumo, o /S/ como marca de plural conta com uma extensa pesquisa no cenário brasileiro, que apresenta diversas conclusões e hipóteses acerca do fenômeno, as quais são trazidas algumas neste trabalho. Para os fins desta pesquisa, selecionaram-se dois fatores linguísticos fundamentados nos estudos sociolinguísticos apresentados: a posição e o contexto seguinte. A partir dessa

seleção, verificamos se a presença da marca de plural vai estar, na maior parte das vezes, na primeira posição, seguido do apagamento nas demais posições, como em as meninaØ bonitaØ, e se a presença de /S/ no início do contexto seguinte vai favorecer a marca de plural.

#### 4.2 Palatalização das oclusivas alveolares /D/ e /T/

A palatalização das oclusivas alveolares no PB, segundo Hora (1990) e Almeida (2000), caracteriza os falares brasileiros, seja por sua predominância, seja por sua ausência ou baixa aplicação. Esse processo de palatalização, como traz Cristófaró Silva, Barboza, Guimarães e Nascimento (2012), caracteriza-se como um caso de distribuição complementar, onde as consoantes africadas vão ocorrer quando seguidas da vogal [i] e as oclusivas alveolares quando seguidas das demais vogais. Pensando no aspecto regional de aparecimento dessas variáveis, os autores supracitados comentam:

As variedades regionais que apresentam africadas são ditas serem palatalizantes e as variedades regionais que não apresentam africadas são ditas serem não palatalizantes. [...] Assim, quando a palatalização se aplica, temos exemplos como [tʃ]ia e [tʃ]apa sendo que tanto africadas quanto oclusivas alveolares ocorrem em variedades palatalizantes. Por outro lado, quando a palatalização não se aplica, temos exemplos como [t]ia e [t]apa, sendo que somente oclusivas alveolares ocorrem em variedades não palatalizantes (Cristófaró Silva *et al*, 2012, p. 61).

Sendo a palatalização das oclusivas alveolares um fator crucial quando se trata de marcação dialetal, alguns fatores são pontuados por Cristófaró Silva *et al*. (2012, p. 62), sendo eles: 1) falantes das mais distintas variedades do PB vão reconhecer a palatalização como característica de falares diferentes; 2) em algumas variedades regionais brasileiras, a palatalização já se encontra consolidada como uma mudança sonora; 3) as africadas podem ter emergido a partir de uma oclusiva que sofreu alterações articatórias, uma vez que se notam similaridades entre elas; 4) a palatalização interage com outros casos de variação sonora, contribuindo, dessa forma, para a criação de novos padrões sonoros que podem reorganizar a gramática fonológica da nossa língua.

Fazendo um breve panorama dos estudos realizados sobre a palatalização das oclusivas alveolares, iniciamos destacando Bisol (1986), cuja pesquisa foca em quatro comunidades do Rio Grande do Sul e aponta que a aplicação se relaciona

com duas regras principais: a palatalização das oclusivas dentais /T/ e /D/ diante de // antecedida de /T/ e /D/ e seguida de /S/ e /Z/. A autora também relaciona o fenômeno com o contato do dialeto gaúcho com outras línguas:

O contato do dialeto gaúcho com línguas que não possuem a palatalização das oclusivas ou que não seguem os cânones da língua portuguesa (espanhol, italiano, alemão) vem embargando o caminho da expansão da regra, reforçando-lhe a restrição peculiar nas comunidades monolíngües e acentuando-lhe o caráter de regra adquirido nas comunidades bilíngües (Bisol, 1986, p. 170).

A mesma pesquisadora, em 1991, realizou outro estudo no Rio Grande do Sul, desta vez investigando mais precisamente a palatalização das oclusivas dentais diante de [i] e os fatores que proporcionariam esse processo. Em se tratando da variável faixa etária, notou-se que os mais jovens palatalizaram mais do que os mais velhos, o que a levou a concluir que o fenômeno se encontrava em expansão.

Pagotto (2001) estudou o mesmo fenômeno, mas na localidade de Florianópolis, separando a cidade em três regiões: Região Urbana Central, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão. Para além dos fatores extralinguísticos como idade, escolaridade, localidade e sexo, foram analisados os seguintes fatores linguísticos: sonoridade, contexto antecedente, natureza da vogal seguinte, contexto seguinte à vogal, posição da sílaba na palavra, posição da sílaba com relação ao acento da palavra, acento de frase sobre a sílaba em que se encontra a variável, posição morfológica da variável e classe de palavras. Estes fatores se mostraram mais relevantes e condicionam, de forma significativa, o fenômeno estudado.

Passando para outros estudos, destaca-se Carvalho (2002), com seu trabalho investigativo das comunidades pesqueiras na localidade do Rio de Janeiro. Em se tratando das variáveis sociais, averiguou que os mais jovens eram mais propensos a realizar a palatalização de /D/ e /T/ e os falantes das áreas mais situadas no interior aplicavam com maior frequência a palatalização das oclusivas dentais. Já das variáveis linguísticas, destaca-se a extensão dos vocábulos, no qual palavras com até duas sílabas mais motivaram a palatalização. Ademais, as sílabas tônicas mediais também obtiveram índices mais elevados das africadas palato-alveolares.

Outro pesquisador que tem uma pesquisa dedicada ao tema, Hora (1990), realizou a sua investigação na variedade de Alagoinha (BA). De maneira geral, a palatalização, segundo esse estudo, vai ser mais frequente nas classes sociais

média e alta, em estilos mais formais. Já a variável sexo não se mostra tão produtiva, uma vez que os resultados de homens e mulheres são significativamente próximos, apesar de as mulheres terem um índice de palatalização levemente mais alto. Os resultados revelam que há certa neutralidade dos mais jovens, o que pode ser visto como um indício de que a despalatalização está desestabilizando a variante de prestígio. Por fim, a variável posição indica que o contexto início de palavra e de frase favorece a palatalização das oclusivas dentais. Hora também realiza outro estudo desse mesmo fenômeno na localidade de João Pessoa (PB), desta vez analisando apenas fatores extralinguísticos e obtendo, dentre outros resultados, que os falantes com escolaridade intermediária palatalizam mais e os informantes pertencentes às faixas etárias mais elevadas tendem a aplicar mais as variantes africadas palato-alveolares.

Em suma, percebe-se que o processo de palatalização das oclusivas alveolares /D/ e /T/ vai ocorrer de forma distinta nas mais diversas localidades, apesar de apresentar similaridades. Isso se dá pelo fato elencado por Cristóvão Silva *et al.* (2012) em relação ao caráter regional desse fenômeno. Assim, é crucial que a análise desse fenômeno contemple as distinções dialetais para que haja uma melhor compreensão do processo.

#### 4.3 Apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/

A redução de /NDO/, ou apagamento do /D/, não é um processo recente, tendo sido estudado por diversos pesquisadores que visam descrever as variedades do PB. Desde a década de 20, na área da Dialetologia, com o trabalho de Amaral (1972), registra-se o aparecimento desse fenômeno que, segundo o autor, seria uma característica do dialeto caipira:

[...] como se vê, ainda este brasileirismo, parecendo original, talvez tenha a sua genealogia transatlântica. É de notar-se, porém, que a fórmula mais comum não é a que aí fica registrada, mas a forma de gerúndio, posposta ao infinitivo “estar”, que tem o mesmo sentido, e é de uso vulgaríssimo: “Aquela torre parece que tá quereno caí” (Amaral, 1972, p.159).

Posteriormente, observando as pesquisas dialetológicas, Marroquim (1934) e Teixeira (1938) vão discutir esse processo, atribuindo-o à influência de línguas africanas:

[...] os africanos teriam sentido dificuldade em pronunciar o grupo, e, por menor esforço, tê-lo-iam modificado, como o simplificou pelo mesmo motivo o resto da população, sem que uns imitassem outros. No grupo dialetal aquilano-umbro-romano dá-se o mesmo fenômeno, outrora mais generalizado na Itália, sem suspeita de influência africana (Marroquim, 1934, p. 86).

Assim, com base nesses autores, o processo de apagamento de /d/ no gerúndio é característico do falar caipira, levando o falante e, conseqüentemente, essa variante a serem estigmatizados. Trazendo outros estudos que tratem desse tema, têm-se Dalpian e Méa (2002) e Cristófaró Silva (1996). Esta última objetiva investigar aspectos de mudança das sequências sonoras e suas novas organizações na variedade de Belo Horizonte, de forma a relacionar aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Em se tratando especificamente do morfema de gerúndio, Cristófaró Silva (1996) aponta que:

Quando temos [falãdu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente e /do/ ocorre como a sílaba final. Quando temos [falãnu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente, mas a consoante nasal irá também ocupar a posição de consoante inicial da sílaba final (Cristófaró Silva, 1996, p. 61).

Nesse processo, Cristófaró Silva (1996) comenta ainda que o apagamento nesse morfema se aplica apenas a essa forma, ou seja, apenas ao gerúndio e não acarreta em reorganização lexical, uma vez que os vocábulos que têm o mesmo contexto favorável ao apagamento de /D/ e que não portem informação morfológica das formas de gerúndio não serão afetados.

A partir deste ponto, faz-se necessária uma distinção de nomenclatura, visto que autores distintos terão concepções diferentes sobre este tópico. Cristófaró Silva (1996) o entende como caso de redução, Mollica e Mattos (1989) o entendem como assimilação e Ferreira (2010), Vieira (2011) e Almeida e Oliveira (2017) o consideram como apagamento ou queda. Bagno (2007) afirma que essa supressão de /D/ nos morfemas de gerúndio acontece por assimilação da seguinte forma:

O /d/ que é assimilado pelo /n/. Disso resulta, primeiramente, uma consoante dupla /nn/, que logo se simplifica em /n/. Esse é um traço gradual do português brasileiro, porque mesmo os falantes mais escolarizados tendem a pronunciar, na fala menos monitorada, a terminação dos gerúndios como [-ndu], com um /d/ muito fraquinho, ou fracamente como [-nu] (Bagno, 2007, p. 214).

No entanto, pensando na ótica trazida por Spencer (1996) e Cristófaró Silva (2015), o apagamento é um processo fonológico no qual um segmento, seja ele

consonantal ou vocálico, é cancelado, enquanto que a assimilação é um fenômeno pelo qual um determinado elemento assume propriedades de um outro elemento adjacente. Dessa forma, pressupõe-se que utilizar o termo apagamento para o presente fenômeno seja mais pertinente, dado que /D/ e /N/ já têm o mesmo ponto articulatório. Na mesma direção, Cagliari (2002) comenta que se faz mais adequado utilizar o termo apagamento, já que se trata de uma eliminação completa do segmento.

Dentre os estudos realizados sobre esse processo, temos Perini (2010), que, ao estudar o fenômeno em Minas Gerais e outras localidades, chega à conclusão de que:

[...] essa redução é morfologicamente condicionada (não é resultado de uma regra fonológica), pois só afeta esse sufixo; outras palavras terminadas em -ndo mantêm o [d]: quando, Fernando, lindo, dividendo não se pronunciam \*quano, \*Fernano, \*lino, \*divideno. Vendo pode se reduzir a veno se for o gerúndio de ver, mas não se for o presente de vender (Perini, 2010, p. 353).

Nos estudos de Mota e Nascimento (2004), a queda de /D/ se mostrou mais produtiva em contextos mais espontâneos da fala, no qual o falante não destina tanto sua atenção para o fator linguístico. Dessa maneira, elas constatarem que essa variação estaria presente apenas no nível fonético, ainda não sendo vista como forma lexical e forma não-padrão do gerúndio, uma vez que as duas formas vão alternar entre si, demonstrando certo grau de consciência do falante sobre o apagamento (Mota; Nascimento, 2004, p. 7). Já Vieira (2011) vai indicar que a queda de /D/ no morfema de gerúndio indica mudança em progresso, além de observar que as variáveis de gênero e faixa etária irão influenciar fortemente essa queda.

Pesquisadores como Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) observam esse fenômeno na localidade de Fortaleza a partir da análise dos segmentos anteriores e subsequentes e a extensão do item lexical; dentre as variáveis sociais, verificou-se a escolaridade, a faixa etária e o sexo dos entrevistados. A partir dos resultados, os pesquisadores citados elaboraram uma ordem de relevância dos aspectos elegidos, que seria: 1) escolaridade; 2) faixa etária; 3) contexto fonético antecedente; 4) gênero; 5) contexto fonético subsequente. Usando-se essa ordem de relevância como base, o estudo chegou às seguintes conclusões: a) os falantes com baixa escolaridade se mostraram mais propensos a apagar o /D/; b) os falantes mais jovens tendem a privilegiar a realização de /D/; c) as mulheres estão mais propensas

a utilizar o apagamento se comparadas aos homens nas mesmas condições (Nascimento, Araújo, Carvalho, 2013).

Com resultados semelhantes tem-se o estudo de Ferreira (2010), que se volta para o falar da localidade de São José do Rio Preto. Apesar de ter em seu estudo variáveis linguísticas e sociais, estas últimas se mostraram consideravelmente mais produtivas e, segundo a autora, determinantes para o estudo do apagamento. Assim como na pesquisa de Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), a escolaridade é inversamente proporcional ao apagamento, ou seja, quanto maior a escolaridade, menor será o apagamento. No entanto, esses dois estudos divergem em relação aos resultados voltados para a influência da variável sexo, visto que Ferreira (2010) conclui que homens favorecem mais a queda de /D/.

Desse modo, a partir do que foi observado com este breve panorama do apagamento de /D/ no morfema de gerúndio, vê-se que este fenômeno é estudado desde as primeiras pesquisas dialetológicas sobre o PB. Desde então, os estudos vêm se refinando, tanto nas terminologias utilizadas para o processo quanto nas metodologias utilizadas para seu estudo. Perpassando pelos trabalhos sobre a temática, verificam-se algumas divergências, nas teorias e nas conclusões, especificamente em relação à nomenclatura que deve ser utilizada para este fenômeno e às variáveis que se mostram mais produtivas. Apesar disso, a maioria dos estudos indica que esse fenômeno sofre certo estigma, uma vez que os falantes mais escolarizados tendem a evitá-lo, mesmo que haja uma expansão e, conseqüentemente, uma mudança em curso.

#### 4.4 Variantes róticas em coda silábica

Os róticos e seus diversos processos são observados não só no PB, como em várias outras línguas, consistindo em fenômenos antigos. De maneira geral, conforme Hora (2006, p. 93), os róticos apresentam um comportamento variável, tendo uma gama de variantes. Neste aspecto, reside uma das fundamentais fontes da complexidade fonético-fonológica quando se pensa nos estudos sobre essas variantes nas mais diversas línguas. Na literatura brasileira, mais especificamente, diversos pesquisadores se debruçam sobre o assunto, como Câmara Jr. (1978), que aborda as diferenças entre o 'r-forte' e 'r-fraco', estas comumente utilizadas para observar o contraste fonológico no contexto intervocálico. Bisol (2010) destaca ainda

que as variantes róticas vão ser realizadas a depender do contexto linguístico e do dialeto que possui o falante, no entanto, em determinadas posições, o aparecimento de algumas variantes é mais constante, mesmo categórica, e independe dos fatores citados anteriormente. Almeida (2018), em sua dissertação de mestrado sobre os róticos em coda silábica na região centro-oeste, apresenta um quadro conciso que auxilia na visão geral da caracterização dos róticos, de acordo com os ponto e modo articulatórios:

**Quadro 2 - Definição dos Róticos do PB**

Vibrante	Para Bisol (2010, p. 211), “o som vibrante ocorre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. Os movimentos vibráteis são feitos pela ponta ou pelo dorso da língua, que bate repetidamente contra a arcada dentária superior, contra os alvéolos ou ainda contra o véu palatino”.
Aproximante	Seara (2011, p. 55) salienta que a aproximante é “articulada com uma constrição que é maior do que a requerida para uma vogal, mas não radical o suficiente para produzir turbulência da corrente de ar. São produzidas com a cavidade nasal bloqueada pelo véu do palato, impedindo a passagem de ar pelas narinas”.
Tepe	Classificado entre as consoantes líquidas e róticas. Para Cristóforo-Silva (2012, p. 34), o tepe ocorre quando “o articulador ativo toca rapidamente o articulador passivo, ocorrendo uma rápida obstrução da passagem da corrente de ar através da boca”.
Retroflexo	Segundo Cristóforo-Silva (2012), o retroflexo apresenta o palato duro como articulador passivo e a ponta da língua como articulador ativo. A produção dessa variante geralmente se dá com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção do palato duro.
Fricativas	Crystal (2000, p. 123) declara que as fricativas são realizadas “quando dois órgãos se aproximam tanto que o ar que passa entre eles produz uma fricção audível”, podendo esses sons serem surdos ou sonoros. Dessa forma, os róticos fricativos também são produzidos por um estreitamento do canal fonador.
Retroflexo Fricativizado	Não encontramos, na literatura, a descrição do retroflexo fricativizado. Conforme nossa análise de oitiva, ele se inicia como uma aproximante retroflexa e é finalizado com uma nítida fricativização. Pensamos, <i>a priori</i> , que poderia se tratar da variante espirantizada descrita por Reinecke (2006) como um som que ocorre “na passagem das zonas articulatórias anteriores para as posteriores, chegamos, após a vibrante alveolar espirantizada, à zona velar” (REINECKE, 2006, p.159).
Tepe Fricativizado	Como ocorreu com a variante retroflexa fricativizada, também não encontramos, na literatura, a descrição do tepe fricativizado. Acreditamos se tratar da mesma variante classificada por Reinecke (2006) como tepe alveolar

<p>espirantizado: “temos uma aspiração ou fricção adicional. Essa variante compartilha com o tepe descrito acima o estouro. Porém, a energia antes do estouro, no tepe espirantizado, não diminui tanto quanto no tepe alveolar sem espirantização, e tampouco apresenta sua energia tão concentrada no momento do desbloqueio. A impressão auditiva é de que o desbloqueamento, ou a batida do tepe e a fricção aconteçam simultaneamente [...]” (REINECKE, 2006, p.38).</p>
---

**Fonte:** Almeida (2018, p. 54-55).

Observando o quadro de Almeida (2018), percebe-se que os róticos apresentam diversas maneiras de produção e, conseqüentemente, diferentes variantes, presentes nas variedades do PB, que vão ser determinadas tanto por aspectos sociais quanto por aspectos linguísticos. Neste último, mais estritamente, Bisol (2010), Callou, Leite e Moraes (1996) e Monaretto (1997) vão apontar que o contexto mais favorável de ocorrência de variação é a coda, seja ela medial ou final. Também é na coda que acontece mais frequentemente o processo do apagamento dos róticos, como afirma Oliveira (2009), citando seu trabalho de 1983, no qual diz que o apagamento do /R/ é mais recorrente em posição final de palavra e em verbos do que em outras categorias. Desse modo, vê-se que vários trabalhos já documentam a variação, a presença e a ausência do /R/. Partindo dessas pesquisas, especialmente as que tratam dos róticos em coda silábica, pretende-se revisar as análises deste processo.

No território brasileiro, os estudos sobre os róticos começaram com autores como Marroquim (1934), Nascentes (1953) e Amaral (1972). Amaral (1972), ao retratar o dialeto caipira, declara que a variante retroflexa predomina na fala de pessoas com pouca escolaridade, de regiões mais rurais, caracterizando-o como “r caipira”, e, por essas particularidades, cairia em desuso. Para além dessas observações, ele também nota a queda do /R/ no final dos vocábulos. Por sua vez, Nascentes (1953) afirma que o /R/ em coda final é pronunciado de forma leve pelas classes mais cultas, enquanto que, nas classes mais desprestigiadas, o apagamento vai prevalecer. Marroquim (1934) chega a resultados similares ao analisar o falar nordestino:

Na língua do povo todas as palavras terminam em vogal. Apenas o s subsiste excepcionalmente no artigo, nos numerais e demonstrativos [...]. O r e o l caem invariavelmente: lugá, corrê, andá, alugué, animá, papé, currá. Nas classes cultas, no falar descuidado e cotidiano, cai o r final quando à palavra, em meio da frase se segue outra que comece por consoante: “vou pedi licença ao professô pra sair”. De qualquer forma, mesmo nas cidades, a

pronúncia vulgar faz soar levemente o r final, e não será exagero afirmar que a inclinação é para eliminá-lo no falar corrente. Só a escola e a instrução corrigem essa tendência (Marroquim, 1934, p. 61).

Passando para outros estudos, tem-se o trabalho de Callou *et al.* (1998) que aborda o enfraquecimento do /R/ em posição de coda, em final de palavra, no dialeto carioca, em tempo real e tempo aparente. Como principal resultado, vê-se que o apagamento do rótico final adota o padrão de gradação etária, além de ser “considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social” (Callou *et al.*, 1998, p. 13). Já Monaretto (2000) traz os resultados de seu estudo sobre o enfraquecimento e queda do /R/ no sul do país. De acordo com as conclusões obtidas, classe morfológica, localidade, dimensão da palavra, idade e escolaridade são variáveis relevantes para o condicionamento da queda da vibrante. Ademais, os índices entre as categorias verbo e nome são consideravelmente díspares e, divergindo de resultados de localidades como o Rio de Janeiro, o sul do Brasil se mostra como uma região mais conservadora na questão do apagamento, este prevalecendo apenas em posição final, não sendo tão produtiva na medial.

A pesquisa de Gregio (2012) vai trazer as produções das variantes róticas em posição de coda silábica a partir de amostras de fala de informantes do Nordeste, Sudeste e Sul do país. Suas conclusões mostram que os entrevistados das localidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Santos, João Pessoa e Quiterianópolis usam a variante fricativa. Já os falantes de Porto Alegre utilizam o tepe. Por fim, os falantes de São Paulo usam a variante aproximante retroflexa. De modo semelhante, Callou, Serra e Cunha (2015) analisam a queda do /R/ em coda medial e final em nove capitais do Nordeste, tendo como resultado que o apagamento dos róticos está ligado às mudanças na articulação, acarretando em um gradativo enfraquecimento e, como consequência, sua queda.

Ao estudar a comunidade paulista, Mendes e Oushiro (2014) constatam que, na função de morfema de infinitivo, a queda dos róticos é praticamente categórica, o que traz a hipótese de o processo estar em estágios mais avançados de mudança. Assim como em pesquisas realizadas anteriormente por outros estudiosos, notou-se que as taxas de apagamento eram maiores em verbos do que em outras classes. Em se tratando do grau de monitoramento do falante, a fala espontânea se mostrou mais favorável ao apagamento, enquanto os estilos mais monitorados, como a

leitura, desfavorecem a queda dos róticos. Segundo os autores, essa diferença entre os estilos mais monitorados e os mais espontâneos se deve a pressões sociais normativas, que classificam que o “falar bem” está relacionado a falar de maneira próxima a como se escreve.

Seguindo a mesma perspectiva dos estudos acima trazidos, Costa (2015) reitera a produtividade da queda do /R/ em coda na variedade oral da Língua Portuguesa. A pesquisadora comenta que, de maneira geral, as consoantes são capazes de ocupar posições classificadas como fortes ou fracas, no qual o ataque, ou *onset*, é visto como uma posição forte e a coda é entendida como fraca ou instável. Isto posto, a coda demonstra ser o local mais suscetível a sofrer mudanças e variações. Ademais, Costa (2015) conclui que vocábulos com mais de uma sílaba são mais propensos a sofrer o apagamento.

O trabalho de Oliveira (2018), por sua vez, objetivou analisar a realização dos róticos em coda externa, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), de forma comparativa entre as cidades Caçapava do Sul e Santa Maria, Criciúma e Lages, Guarapuava e Campo Mourão da região Sul do país. Os resultados apontaram para a produção das variantes aproximante retroflexa e o tepe em verbos e em não verbos e indicaram alta frequência de queda do /R/ na categoria verbo em todas as localidades selecionadas.

Destacam-se também os resultados encontrados nas cartas linguísticas que compõem o ALiB (2014), que apontam para os róticos mais produtivos em 25 das capitais brasileiras, além de sua presença ou ausência considerando a posição em coda silábica, interna ou externa, e a classe de palavras, verbo ou nome. Esse conjunto de cartas organizado em um atlas de dois volumes complementa os estudos dentro das áreas da Dialetologia e da Sociolinguística uma vez que dão um panorama geral dos fenômenos linguísticos presentes no falar brasileiro.

Dessa forma, vê-se que os róticos já foram extensamente estudados no PB. Nesta breve revisão, foram trazidos estudos utilizados para a produção desta dissertação e que dialogam, teórica e metodologicamente, com ela. Por fim, os trabalhos aqui trazidos contribuem para a Sociolinguística brasileira, não só por seu papel de documentar o processo estudado, mas por fornecer material de estudo e consulta das diferentes variantes linguísticas.

No capítulo seguinte, explicitaremos as escolhas metodológicas que compõem esse trabalho, especificamente o cenário em que se realiza esta pesquisa,

as variantes linguísticas e sociais a serem analisadas, a composição do grupo dos entrevistados, como se realizou a coleta de dados e quais os métodos quantitativos e qualitativos utilizados para a análise dos dados.

## **5 NOS BASTIDORES DA PESQUISA: CAMINHOS E ESCOLHAS NA INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA UNIVERSITÁRIA**

No presente capítulo, são apresentadas as escolhas metodológicas que vão guiar as análises realizadas nesta dissertação. Num primeiro momento, fala-se do cenário de pesquisa, a UEL, destacando os cursos escolhidos para análise: Direito, Letras e Pedagogia. Em seguida, explicou-se o roteiro utilizado para a realização das entrevistas, bem como explicitados quais são os participantes da pesquisa. Após, tratou-se da coleta de dados e das variáveis analisadas. Por fim, foram descritos os métodos quantitativos e as ferramentas escolhidas para o tratamento dos dados.

### **5.1 Cenário da Pesquisa - Um Breve Histórico da UEL**

A UEL se localiza no Estado do Paraná, na cidade de Londrina. Fundada pelo Decreto n.º 18.110, de 28 de janeiro de 1970, quando incorpora cinco Faculdades, criadas na década de 50: Direito, Filosofia e Odontologia. Com mais de 50 anos de atividade, oferta cerca de 52 cursos de graduação, entre bacharelado e licenciatura, e cerca de 191 pós-graduações, entre residências, especializações, mestrados e doutorados. No projeto inicial da universidade, os professores e os cursos ofertados foram agregados em departamentos e estes em centros de estudos, atualmente compondo nove centros, divididos nas grandes áreas do conhecimento.

Após constituir-se enquanto universidade, passou a abranger um total de 13 cursos de graduação: História, Geografia, Letras Anglo-Portuguesas e Letras Franco-Portuguesas, Pedagogia, Ciências, Direito, Odontologia, Medicina, Farmácia e Bioquímica, Ciências Biomédicas, Ciências Econômicas e Administração. Seguindo no panorama, em 1987, pela Lei Estadual 9.663 de 16/07/91, implementou-se o ensino gratuito para o nível de graduação, tornando-se, portanto, autarquia, o que garante autonomia didático-científica, administrativa e de gestão, mas a mantém financiada pelo Governo Estadual, que se responsabiliza pela maior parte da sua manutenção.

Desse modo, nota-se que a UEL se mostra como um importante espaço de ensino, pesquisa e extensão, não só para a cidade em que se localiza, uma vez que alavanca o desenvolvimento da região, mas também para o cenário nacional. Dentre

os diversos cursos oferecidos pela instituição, destacam-se aqui, brevemente, os três selecionados para compor essa dissertação: Direito, Letras Português e Pedagogia.

O primeiro curso aqui apresentado, Direito, foi criado pelo Decreto Estadual n.º 2.781 em 04 de junho de 1956, sendo suas atividades autorizadas a partir de 07 de março de 1958 pelo Decreto Federal n.º 43.309, entretanto o reconhecimento da faculdade aconteceu apenas em 06 de outubro de 1960, através do Decreto Federal n.º 49.064. Em se tratando de sua estrutura, o curso de Direito conta com dois departamentos: o de Direito Público e o de Direito Privado, ambos ligados ao Centro de Estudos Sociais Aplicados. Para além dos departamentos, o curso conta com um escritório de aplicação de assuntos jurídicos, o EAAJ.

Por sua vez, o curso de Letras era inicialmente dividido em Letras Anglo-Portuguesas e Letras Franco-Portuguesas, entretanto, hoje, divide-se em dois departamentos: o Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, que conta com os cursos de Letras Inglês, Letras Espanhol e Letras Francês, e o Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, que se constitui pelo curso de Letras Português. A autorização para o seu funcionamento se deu pelo Decreto número 43.143, em 3 de fevereiro de 1958, dois anos após a sua criação. Já o reconhecimento pelo MEC aconteceu dois anos depois, em 1960. Em se tratando especificamente do curso de Letras Português, o seu departamento é constituído pela graduação e por três programas de pós-graduação *stricto sensu* e dois cursos de pós-graduação *lato sensu*.

Por fim, traz-se o curso de Pedagogia. Fundado em 1960, ele é concebido na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina, obtendo sua liberação com o Decreto n.º 43143, de 03 de fevereiro de 1958. Já em 28 de maio de 1960, foi publicado o Decreto 29.916 que criava os cursos de Pedagogia e Didática, este último permanecendo apenas por dois anos, 1962 e 1963, período após o qual passa a integrar a grade curricular de Pedagogia. Ao longo dos anos, o curso consolidou-se e buscou reformulações a fim de atender as Diretrizes Curriculares Nacionais. Dessa forma, desde 2007, com a resolução CEPE/CA n.º 187/2006, eliminam-se as habilitações e têm-se como referência normativa as áreas da docência, da gestão pedagógica e da pesquisa.

Pelo que se colocou acerca dos cursos de graduação, Direito, Letras e Pedagogia, escolhemos priorizá-los para esta pesquisa, uma vez que eles têm a

Língua Portuguesa como um dos elementos essenciais. Assim, neste contexto, optamos por incluir áreas acadêmicas que têm uma maior aplicação da língua portuguesa. Estes cursos, portanto, devido à sua ênfase na linguagem e na comunicação, alinham-se de maneira mais direta com os objetivos deste trabalho.

## 5.2 Roteiro da Entrevista

Buscando atender aos objetivos desta pesquisa, foi proposto um roteiro de entrevista baseado nos modelos de Pinto e Fraga (2011), Botassini (2013), Oushiro (2015), com cerca de vinte a trinta minutos de duração. Essa entrevista tinha como objetivo obter amostras de fala espontâneas e monitoradas, leitura e avaliações linguísticas dos sujeitos. O roteiro da entrevista se divide em cinco momentos: perguntas sobre o perfil do informante, questionamentos sobre a experiência dentro da universidade e a relação com a cidade, questionário fonético-fonológico (QFF), perguntas sobre a avaliação linguística e a leitura de um texto.

A primeira parte, focada no perfil do informante, composta de 14 perguntas, visava obter dados como idade, origem, trabalho e demais ocupações, ou seja, ter um panorama do entrevistado bem como sair de um grau mais monitorado, comum no início das entrevistas devido ao nervosismo ou mesmo ao desconforto de estar sendo gravado, para um grau semimonitorado. Como afirma Labov (1966), esse momento de descontração é fundamental para que o informante se sinta mais à vontade com o entrevistador e consiga sentir-se mais livre para falar de forma cada vez mais espontânea, mesmo que o Paradoxo do Observador continue a estar presente durante toda a conversa.

A segunda parte engloba a vivência do informante na cidade, na universidade e no curso, com colegas e professores. Para isso, foram elaboradas 05 perguntas específicas sobre o curso, a motivação para escolhê-lo e as expectativas em relação ao curso e ao mercado de trabalho. Nesse momento, objetivava-se que os entrevistados estivessem mais habituados com a pesquisadora e fossem gradualmente atingindo uma fala mais espontânea, até que, por fim, pedia-se um relato pessoal, tanto positivo quanto negativo, que se conectassem às experiências tidas dentro do ambiente acadêmico. Aqui, tem-se um distanciamento ainda menor do entrevistado e, por se tratar da narração de um fato que traz uma emoção, a fala torna-se mais espontânea. Assim, como trazido nos estudos de Labov (2006 [1966];

2008), no relato pessoal, o informante está mais atento ao conteúdo do que aos aspectos linguísticos, o que diminui significativamente o seu monitoramento e permite que haja uma fala mais espontânea e próxima do seu vernáculo. Além disso, a entrevistadora fazia parte da comunidade universitária e estava na mesma faixa etária dos entrevistados, o que auxiliou com a identificação deles com a entrevistadora e pesquisadora, tornando o ambiente da entrevista mais descontraído e os participantes, mais solícitos a contribuir com a pesquisa, como se vê a partir de comentários feitos ao longo da conversa:

**Trecho 1**

Entrevistada: [...] a gente conversa sobre tudo, tem uma abertura maior sobre tudo, e é uma coisa que me marcou demais foi que no primeiro dia de aula os professores falaram que a UEL é como se fosse uma vida paralela, assim, você tem a sua vida... você fez faculdade lá?

Entrevistadora: Sim, sim, estou lá desde a graduação.

Entrevistada: Nossa, que sonho, tipo, você tem a sua vida fora da UEL, você tem sua vida dentro da UEL, você me entende muito bem porque você também vive isso.

**Trecho 2**

Entrevistado: Ah, não, espera... e tem o grupo de pesquisa que eu participo, é verdade, eu não posso esquecer disso. Que é aos sábados de manhã, eu também participo do grupo de pesquisa também, que foi o que me ajudou a fazer meu TCC e tal, iniciação científica. Então por isso também eu resolvi ajudar porque eu sei da importância da pesquisa e quanto que é difícil obter amostra, né. Ainda que a gente é de áreas diferentes, que é bem diferente, a pesquisa é bem diferente, é importante ajudar. A gente que é universitário sabe.

A terceira parte se constitui de um QFF retirado do ALiB. Como se tinha a perspectiva de uma entrevista mais curta, foram selecionadas 42 perguntas do total de 159 presentes no atlas. Inicialmente, haviam sido selecionadas 44 questões a serem respondidas que contemplavam os fenômenos fonético-fonológicos delineados nesta dissertação, no entanto, ao longo das entrevistas, 02 perguntas, *Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer? montar; E quanto é que se paga pra viajar daqui a Maringá? XX reais*, apresentaram um número considerável de não respostas e, por isso, foram retiradas do questionário. O QFF traz o falante para uma posição de certa consciência da língua, uma vez que as perguntas são mais focalizadas em palavras específicas e com respostas rápidas. No entanto, essa preocupação com a estrutura se divide com a preocupação com o conteúdo, com o que se fala, visto que o entrevistado precisa dar uma resposta correspondente à pergunta.

O quarto momento diz da avaliação linguística, que traz 13 perguntas sobre como o entrevistado avalia o falar das pessoas de Londrina, de pessoas de outros

lugares e o próprio falar. Além disso, aqui, nota-se, de forma especial, quais as justificativas sociais que o sujeito tem para o uso de determinadas formas linguísticas. Para isso, pediu-se que o entrevistado comentasse sobre os modos de falar de Londrina (*Como você consegue identificar que uma pessoa é londrinense como você?*) e sobre o reconhecimento de pessoas de fora (*Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de Londrina?*).

Também foram trazidas perguntas que se voltam para a opinião do entrevistado acerca dos falares, dos sotaques do Brasil (*Qual o sotaque do Brasil você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como é que as pessoas desse sotaque falam?*). Ademais, no fim da parte de avaliação linguística, solicitou-se que o falante fizesse uma avaliação de situações vividas por ele, caso houvessem, que tenham sido desconfortáveis cuja origem seja o seu modo de falar (*Você passou por alguma situação constrangedora relacionada ao seu modo de falar? e Em alguma situação você já modificou sua forma de falar para adaptá-la ao modo de falar das pessoas do lugar em que você estava?*) e que falasse sobre sua relação com a sua forma de falar (*Você sente orgulho ou vergonha devido à sua forma de falar? Ou isso pra você é irrelevante?*). Ao longo desse momento da entrevista, tentou-se fazer com que o informante elaborasse as suas respostas, objetivando comentários com justificativas, independentemente do caráter positivo ou negativo dos comentários.

A quinta parte da entrevista se deu com a leitura de um texto em voz alta. O texto escolhido, *Parábola dos Sete Vimes*, retirado do ALiB, tem por objetivo alcançar um alto nível de monitoramento do sujeito. Nesse ponto, há uma preocupação maior com a forma, com a estética da linguagem, do que com o conteúdo, o que permite a observação de como o informante se porta em um ambiente notadamente monitorado. Além disso, na leitura, o entrevistado possuía o texto em mãos e via a grafia da palavra, o que o auxiliou na execução de maneira mais precisa. Por fim, destaca-se que esse texto foi escolhido por sua relevância no estudo das variantes linguísticas, uma vez que ele abarca não só as que se objetiva tratar nesta dissertação, mas várias outras, que podem vir a ser analisadas em trabalhos futuros, enriquecendo as possibilidades analíticas das entrevistas realizadas.

Tem-se aqui, portanto, um grau ascendente de monitoramento ao longo da entrevista, que começa buscando o mais espontâneo possível e vai para o que se entende por mais monitorado, assim como realizado por Oushiro (2015). Apesar

desta pesquisa se utilizar de parte do questionário do ALiB, optou-se por não seguir a ordem proposta pelo atlas, uma vez que se tinha por objetivo aumentar gradativamente o grau de monitoramento e a aplicação do QFF no início não converge com esse propósito. Ademais, essa parte também possibilitaria ao informante ter certa consciência linguística, podendo levá-lo a observar e supervisionar a própria fala. A inserção de um foco na língua logo no começo da conversa poderia levar o entrevistado a não alcançar graus mais espontâneos na fala, interferindo nos processos do relato pessoal e nas perguntas sobre a universidade, bem como poderiam contribuir para um maior desconforto do informante e, conseqüentemente, uma menor abertura para responder questões de caráter mais pessoal.

Ressalta-se que todas as entrevistas foram conduzidas por esta pesquisadora, o que garantiu que as questões fossem sempre feitas na mesma ordem e as perguntas fossem formuladas de maneira similar. Desta maneira, as respostas estão localizadas nos mesmos momentos da entrevista, permitindo que haja maior compatibilidade para realizar comparações dos processos morfofonológicos, uma vez que a experiência da entrevista foi semelhante para todos os entrevistados.

### 5.3 Participantes da Pesquisa

Para a presente pesquisa, escolheram-se 12 alunos, estratificados em sexo, idade, curso e ano de graduação em três áreas acadêmicas distintas: Letras Português, Direito e Pedagogia. Por conta do tempo destinado para a conclusão do Mestrado, não foram escolhidos mais cursos da universidade, entretanto objetiva-se ampliar a coleta de dados trazendo outros cursos em trabalhos futuros, de forma que se consiga ter um panorama mais completo da universidade como um todo. Elaborou-se uma primeira seleção, cujo critério era ser aluno de um curso de graduação, eliminando, portanto, alunos de mestrado, doutorado e especializações, visto que, para analisar essas outras categorias, seria necessária a criação de outras divisões para análise. Assim, partindo das 52 graduações, fez-se uma segunda seleção, selecionando aquelas que tivessem, mesmo que de maneiras distintas, um trabalho com a língua portuguesa no seu currículo. Desta segunda triagem, optou-se por aqueles cursos cujo trabalho com a língua portuguesa era

mais direto, dessa forma, subtraindo os cursos de Letras Francês, Letras Inglês e Letras Espanhol, uma vez que há um direcionamento maior nestes cursos para línguas estrangeiras.

Em se tratando dos entrevistados, eles foram divididos, num primeiro momento, por curso e, em seguida, pelo ano que estavam no momento da entrevista, primeiro ano ou último. Também foram divididos de acordo com o seu sexo, homem ou mulher, assim, neste estudo, não serão considerados os gêneros<sup>7</sup> dos informantes. Já a idade é uma categoria sem divisões, já que todos os entrevistados se encontram na mesma faixa etária, entre 20 e 25 anos. Os participantes foram segmentados de acordo com a origem, a partir de dois grupos: informantes de Londrina e informantes de outras cidades. Apesar de os informantes que não são da cidade de Londrina não serem das mesmas localidades, optou-se por colocá-los no mesmo grupo, uma vez que se entendeu que essa junção não seria prejudicial à análise considerando os objetivos desta dissertação. Para melhor visualização dos dados, elaborou-se um quadro com as informações gerais dos entrevistados:

**Quadro 3** - Quadro Geral dos Participantes

Participantes	Local de origem	Local de origem dos pais	Outros Lugares que morou
Participante 1 Homem/ Direito/ primeiro ano	Sertanópolis	Pai: Cambé Mãe: Sertanópolis	Bela Vista, Ribeirão Preto e Morro Agudo
Participante 2 Mulher/ Direito/ primeiro ano	Ourinhos	Ourinhos	-
Participante 3 Homem/ Direito/ último ano	Jaú	Jaú	-
Participante 4 Mulher/ Direito/ último ano	Bela Vista do Paraíso	Pai: Bela Vista do Paraíso Mãe: Sertanópolis	São Paulo, Sertanópolis
Participante 5	Londrina	Pai: Sertanópolis	-

<sup>7</sup> Nesta pesquisa, opta-se pela categorização por sexo em detrimento da identidade de gênero, fundamentando tal escolha na observação de que esta classificação se revela mais proeminente em contextos mais abrangentes do que aqueles contemplados no âmbito específico deste estudo. Não obstante, é crucial reconhecer que a avaliação do fenômeno em questão pode ser realizada de maneira mais aprofundada em termos de gênero do que de sexo. Isso se justifica pelo fato de que a categoria "sexo" remete predominantemente a uma dimensão biológica, ao passo que o "gênero" é concebido como uma construção social.

Homem/ Letras/ primeiro ano		Mãe: Londrina	
Participante 6 Mulher/ Letras/ Primeiro ano	Londrina	Pai: Miraselva Mãe: Apucarana	-
Participante 7 Homem/ Letras/ último ano	Curitiba	Curitiba	Maringá
Participante 8 Mulher/ Letras/ último ano	Londrina	Pai: Ceará Mãe: Londrina	-
Participante 9 Homem/ Pedagogia/ primeiro ano	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	-
Participante 10 mulher/ Pedagogia/ primeiro ano	Londrina	Mandaguaçu	-
Participante 11 homem/ Pedagogia/ último ano	Londrina	Londrina	-
Participante 12 mulher/ Pedagogia/ último ano	Assaí	Pai: Assaí Mãe: Tocantins	Tocantins, Rolândia

Fonte: autoria própria.

#### 5.4 Coleta de Dados

Os dados utilizados para esta pesquisa foram obtidos por meio de gravações individuais registradas no programa *Online Voice Recorder*<sup>8</sup> com estudantes da UEL. Ao longo do processo, algumas entrevistas foram descartadas por dificuldades técnicas ou incompletude das perguntas respondidas, sendo, para esta dissertação, selecionadas apenas entrevistas em que o percurso do questionário foi completo.

<sup>8</sup> O aplicativo de gravação de voz, *Online Voice Recorder*, configura-se como uma ferramenta online, permitindo sua utilização direta a partir do navegador. Esta aplicação viabiliza a gravação da voz do usuário mediante o uso de um microfone, com a capacidade de salvar o arquivo resultante no formato mp3. A integridade e confidencialidade dos áudios são garantidas, assegurando que todas as gravações permaneçam exclusivamente acessíveis ao usuário, sem qualquer envio para os servidores de armazenamento. Além disso, proporciona-se ao usuário a flexibilidade de ajustar as configurações do microfone por meio das ferramentas disponíveis no *Adobe Flash Player*, possibilitando a redução de eco e a adaptação do volume conforme necessário. Link para acesso: <https://online-voice-recorder.com/pt/>

Para o recrutamento dos participantes, optou-se pela utilização de ferramentas como o Whatsapp, Facebook, Instagram e recomendação de outros entrevistados. Cada informante, a partir do momento em que aceitava participar da entrevista, assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado pela pesquisadora, antes de iniciar as gravações. O termo consiste em uma autorização para que a fala dos indivíduos possa estar presente em trabalhos de natureza científica. Também era esclarecido aos entrevistados que sua participação seria anônima e que quaisquer trechos que viessem a ser transcritos na dissertação não apresentariam nenhum tipo de identificação dele ou de demais pessoas que viessem a ser citadas. Assim, garantem-se os direitos e a dignidade dos sujeitos do estudo, em conformidade com o que solicita o Comitê de Ética. Ressalta-se que o projeto desta dissertação foi aprovado pelo Comitê de Ética em 20 de março de 2023 sob o número de parecer 5.952.545.

## 5.5 Variáveis Analisadas

Ao realizar uma análise prévia das entrevistas, notaram-se algumas variantes que se mostraram produtivas, sendo elas: palatalização de /T/ e /D/; variantes róticas; /S/ como marca de plural; apagamento da bilabial /B/; apagamento da oclusiva [d] no gerúndio; monotongação; ditongação; alçamento das vogais pretônicas e postônicas. Entretanto, foram selecionadas para esta análise as quatro mais produtivas: palatalização de /T/ e /D/; variantes róticas; /S/ como marca de plural; apagamento de /D/ no gerúndio. Para a elaboração dos critérios de análise de cada uma das variantes, levaram-se em consideração estudos anteriores realizados sobre esses processos morfofonológicos. Além disso, ressalta-se que o caráter identitário também foi considerado para a seleção dessas variáveis, uma vez que a análise deste trabalho busca considerar a variação linguística entrelaçada aos traços individuais de cada participante.

Para a palatalização de /T/ (tia ~tʃia) e /D/ (dia ~ dʒia), analisou-se o contexto seguinte às oclusivas alveolares, ou seja, se eram ou não seguidas de //, hipotetizando-se que, quando o falante optar por falar //, irá se utilizar de [dʒ] e, com a vogal /E/, irá preferir o [d]. Por sua vez, o /T/, a princípio, não parece apresentar tal preferência por alguma determinada vogal, no entanto, este fator será considerado na análise. Ademais, foi analisado se as oclusivas estão no começo, meio ou fim da

palavra. Para o apagamento de /D/ no gerúndio (cantando ~ cantan<sub>∅</sub>o), tinha-se por objetivo verificar se o processo estaria presente de forma recorrente na variável culta, por isso, analisou-se este fenômeno majoritariamente a partir das variáveis sociais.

A fim de investigar o /S/ como marca de plural (coisas ~ coisa<sub>∅</sub>), foram estabelecidos dois critérios de análise linguística. Segundo Scherre (1978; 1988), a eliminação das marcas de plural acontece, de forma geral, unicamente no determinante ou nos elementos que estão dispostos mais à esquerda do sintagma nominal, ou seja, na primeira casa, por isso, escolheu-se a posição da palavra no sintagma como primeiro critério. Já para o segundo critério, verificou-se o contexto seguinte, buscando comprovar a hipótese de que o /S/ iniciando o vocábulo seguinte iria favorecer a presença do /S/ como marca de plural da palavra anterior (a[s] saias)<sup>9</sup>.

As variantes róticas, por sua vez, tiveram como primeiro critério estar em posição de coda silábica ( par.tir), medial ou final. Destaca-se, no entanto, que os contextos de coda silábica final em que houve ressilabação e a ocorrência da variante tepe como resultado do /R/ deixar de ser coda e passar a ser ataque, como em *mar aberto*, foram excluídos da amostra que compõem a análise desta dissertação. Verificou-se também a ocorrência de apagamento (comer ~ come<sub>∅</sub>), com o intuito de verificar a hipótese de que há uma gradação no fenômeno de apagamento dos róticos, dependendo do tipo de rótico em questão, isto é, róticos percebidos como mais fortes, como o retroflexo, apresentarão menor índice de apagamento, ao passo que os róticos considerados mais fracos, como o glotal, apresentarão maior incidência de supressão. Assim, para a análise dos róticos, classificaram-se os vocábulos a partir de sua dimensão e da posição do /R/ na palavra: início, meio ou no final. Para mais, dividiram-se os vocábulos em duas categorias: verbo e nome.

Essas variáveis serão analisadas de duas formas nesta dissertação: tanto por um viés quantitativo quanto por um qualitativo. Na primeira parte da análise, a quantitativa, foram verificadas as variantes morfofonológicas mais produtivas na fala universitária, por meio da linguagem de programação *Python*. Na segunda parte, a

---

<sup>9</sup> Para abordar especificamente o fenômeno em questão, evidenciou-se a necessidade de empregar um programa de análise acústica, visto que a avaliação auditiva isolada não se revelaria adequada para verificar a presença ou a ausência da variante. Diante dessa consideração, optou-se pela utilização do software *Spectra Plus*.

qualitativa, objetiva-se entender as variantes linguísticas e a sua relação com a formação da identidade, a partir da análise de aspectos particulares que explicitam a marca identitária de cada entrevistado.

## 5.6 Métodos Quantitativos

Dentro da área da Sociolinguística, coloca-se, em primeiro plano, um estudo legítimo dos dados linguísticos, cuja coleta ocorre por diversos instrumentos. Nos últimos anos, com o crescimento e o aprimoramento das metodologias computacionais, a ciência da computação tem se aproximado cada vez mais dos estudos sociolinguísticos de forma a agregar novos métodos e ferramentas com alta capacidade para o processamento de dados linguísticos, como expõe Moreira Filho (2021):

O ensino da habilidade de criação de programas por meio de linguagens de programação é, com toda certeza, um elemento eficaz na confluência das ciências exatas com as humanidades e um novo caminho que se apresenta para estudantes, pesquisadores e professores de línguas naturais (Moreira Filho, 2021, p. 17).

Dessa maneira, os dados desta pesquisa foram analisados utilizando a linguagem de programação *Python* para o tratamento e preparação dos dados, para as análises estatísticas e, por fim, para a confecção dos gráficos e tabelas.

O Python é uma linguagem de programação considerada de alto nível, ou seja, é composta de uma sintaxe mais simplificada e mais próxima da linguagem humana, o que facilita sua aprendizagem, sendo sua aplicação projetada especificamente para a ciência de dados. Essa linguagem de programação foi lançada na década de 90 pelo holandês Guido Van Rossum e, inicialmente, foi pensada para facilitar o trabalho de programadores e desenvolvedores, facilitando a escrita de códigos, tanto para aplicações simples quanto para programas complexos. Desde sua criação, o código é aberto, gratuito, tendo a capacidade de rodar na maior parte dos sistemas operacionais. Dentre os recursos que o *Python* oferece, estão a tipagem dinâmica e forte, a orientação a objetos, multiparadigmas, a biblioteca padrão e via módulos e frameworks que são desenvolvidos pelos usuários e podem ser complementados por eles.

Em se tratando de seu funcionamento, por conta de sua sintaxe simplificada, os códigos escritos em *Python* são, de maneira geral, menores e mais legíveis, com

menos exigências estruturais, se comparados a outras linguagens de programação como C ou C++, facilitando a aprendizagem por ser mais intuitivo para o usuário. Além disso, essa linguagem permite sua execução tanto pelo próprio computador quanto por terminais de comando, como *CPython* ou *PyPy*, para bancos de dados maiores. Por fim, o *Python* pode ser utilizado como uma linguagem de *scripts* para aplicações *web*, onde rodará ao lado do servidor, expandindo suas funcionalidades, o que motiva sua aplicação em bibliotecas matemáticas, como *NumPy* e *Scipy*, em projetos de inteligência artificial e *machine learning*<sup>10</sup>. Dessa forma, percebe-se, como já apontado por Moreira Filho (2021, p. 19), que o computador e suas linguagens têm capacidade de realizar análises complexas, capacidade esta maior do que a de programas disponíveis no que se trata de agilidade de refinamento do tratamento dos dados.

Pensando especificamente no meio científico, diversas áreas já o utilizam pelas suas características de legibilidade, facilidade de uso e pelas bibliotecas, que já contam com estruturas criadas pela comunidade que podem ser reaproveitadas como base para novos códigos. Como se trata de um instrumento ainda pouco aplicado na área da Sociolinguística brasileira, faz-se imprescindível relatar as vantagens de se empregar essa linguagem. Moreira Filho (2021), sobre os benefícios do *Python*, comenta:

Atualmente, Python é uma das linguagens de programação mais populares, servindo a diversos propósitos. É considerada também a língua franca para conectar tecnologias, soluções e aplicações científicas. O seu poder computacional e a disponibilidade de bibliotecas para o carregamento de dados, visualização, estatística, processamento de línguas naturais, aprendizado de máquina e tratamento de imagens, além de sua interatividade com o código, são suas características mais atrativas. Contudo, uma característica essencial da linguagem Python é o fato de ser uma linguagem de fácil aprendizado (Moreira Filho, 2021, p. 21).

Desse modo, para um sociolinguista, como para pesquisadores em geral, criar os próprios instrumentos de análise e entender como eles funcionam é vantajoso, visto que, com isso, coloca-se a possibilidade de realizar análises não só mais rápidas, como também mais precisas. Faz-se necessário destacar que a utilização dessa ferramenta não descaracteriza ou anula os resultados obtidos a

---

<sup>10</sup> As expressões pertencentes ao campo da linguagem de programação serão mantidas em inglês, ao invés de serem traduzidas para o português, em razão do uso generalizado da língua inglesa na área de programação.

partir de outros programas, uma vez que, de maneira geral, os modelos estatísticos são similares e geram resultados nas mesmas medidas matemáticas.

Assim como outros programas utilizados por estudos sociolinguísticos, existe a possibilidade da criação de *scripts* e rotinas automatizadas que poupam o pesquisador de certas tarefas repetitivas e que, a depender do tamanho do *corpus*, seriam impossíveis de se realizar manualmente, o *Python*, por sua vez, é um instrumento mais flexível nesse processo, além de se mostrar mais flexível quando se trata de análises estatísticas. Além disto, a ampla disponibilidade de bibliotecas e constante atualização por parte da comunidade torna possível a construção dialogada, não sendo necessário criar do zero, mas sim criar a partir de uma base de códigos já existentes. Por fim, destaca-se a portabilidade dessa linguagem para os diversos sistemas operacionais, sendo compatível, a exemplo, com *Windows*, *macOS*, *Linux* e *Unix*.

Especificamente para a Sociolinguística, o *Python* mostra sua eficiência a partir de dois motivos principais: a criação de tabelas e gráficos e a leitura dos dados em arquivos de textos (TXT). Diferentemente de programas utilizados dentro da área, o *Python* não necessita da criação manual de códigos para cada aparecimento das variáveis, uma vez que ele reconhece o alfabeto fonético e realiza a leitura da transcrição fonética, desde que esta esteja em TXT, e faz a triagem inicial dos dados, de forma a poupar tempo de trabalho do linguista. Uma vez criados os códigos e rodados os dados, a própria linguagem cria os gráficos e tabelas a partir do que foi analisado e do que se mostrou mais produtivo após o cruzamento de fatores linguísticos e extralinguísticos. Isso facilita a conferência por parte do pesquisador, visto que os resultados são trazidos de forma mais visual.

O primeiro passo antes da estruturação do código é o preparo do arquivo da entrevista para que o programa possa fazer a decodificação correta. Faz-se necessário destacar que existem diversos caminhos para realizar a estruturação dos dados em *Python*, que vão depender das escolhas do pesquisador e da forma como ele escreve o *script*. Para esta pesquisa em específico, escolheu-se, para a organização inicial, trazer os dados extralinguísticos analisados no início do arquivo da entrevista, como se vê abaixo:

**Figura 1 - Estruturação dos dados extralinguísticos**

```
In [7]: from docx import Document
from pandas import DataFrame, concat
import pandas as pd
import re
import os

In [10]: def read_docx(file_path):
doc = Document(file_path)
return doc

In [11]: def read_docx(file_path):
doc = Document(file_path)
full_text = []
for para in doc.paragraphs:
full_text.append(para.text)
return "\n".join(full_text)

In [12]: file_path = "../data/subject_1.docx"
text = read_docx(file_path)
print(text)

SUJEITO: SUJEITO_1
CURSO: DIREITO
SEX: HOMEM
ANO: ULTIMO
CIDADE: OUTRA
Entrevistadora: Ele, ele pega, pode ficar normal, tá? Ele pega o som bem bom. E pra começar eu queria saber o seu nome completo, a sua idade e o período que você tá do curso?
```

Fonte: autoria própria

Também seria possível trazer esses dados extralinguísticos como um código no nome do arquivo, no entanto, para melhor visualização, optou-se por trazer logo antes da entrevista, no próprio arquivo. Todos os documentos foram inicialmente escritos em *word* e armazenados no *Google Drive* para prevenir a perda das entrevistas e pela possibilidade de conversão direta para arquivos TXT, facilitando, dessa forma, a inclusão das entrevistas no *script*.

Para a base do código, foram utilizadas bibliotecas já existentes, sendo elas: *Pandas*, *Regular Expressions* e *Os*, como se vê na figura abaixo:

**Figura 2 - Bibliotecas utilizadas para a estruturação dos dados**

```
from docx import Document
from pandas import DataFrame, concat
import pandas as pd
import re
import os

def read_docx(file_path):
doc = Document(file_path)
return doc

def read_docx(file_path):
doc = Document(file_path)
full_text = []
for para in doc.paragraphs:
full_text.append(para.text)
return "\n".join(full_text)
```

Fonte: autoria própria

Cada uma das bibliotecas desempenhou uma função específica na estruturação e análise dos dados. O *Pandas* foi utilizado para estruturar, organizar e alterar, quando necessário, as tabelas, gerando as estatísticas, sendo, portanto, a biblioteca base do código. Por sua vez, as *Regular Expressions* foram utilizadas para uso dentro do *Python* de forma a definir os padrões encontrados nas transcrições fonéticas, ou seja, elas são uma simbologia que identificou os padrões específicos, tanto linguísticos como extralinguísticos, uma vez que estes últimos estavam descritos no início de cada transcrição, como demonstrado abaixo:

Figura 3 - Biblioteca *Regular Expressions* aplicada ao código

```
def df_find_cases(file_path):
    words_for_table = [] # Use a list to store repeated entries
    sujeito_list = [] # Initialize sujeito_list outside the loop
    curso_list = [] # Initialize curso_list outside the loop
    sexo_list = [] # Initialize sexo_list outside the loop
    ano_list = [] # Initialize ano_list outside the loop
    cidade_list = [] # Initialize cidade_list outside the loop

    # Iterate through all files in the specified directory
    for filename in os.listdir(directory_path):
        if filename.endswith(".docx"):
            file_path = os.path.join(directory_path, filename)
            text = read_docx(file_path)

            ### WORDS WITH PATTERN ###
            pattern = r'\S*[\^\\]*(?:ndü|ndo|nödü|nôdo)[^\\]*\S*'
            matches = re.findall(pattern, text)
            words_for_table.extend(matches)

            ##### SUJEITOS #####
            sujeito_match = re.search(r'\bSUJEITO:\s*(\S+)', text)
            if sujeito_match:
                sujeito_list.extend([sujeito_match.group(1)] * len(matches))
            else:
                sujeito_list.extend(['Not Specified'] * len(matches))

            ##### CURSO #####
            curso_match = re.search(r'\bCURSO:\s*(\S+)', text)
            if curso_match:
                curso_list.extend([curso_match.group(1)] * len(matches))
            else:
                curso_list.extend(['Not Specified'] * len(matches))

            ##### SEXO #####
            sexo_match = re.search(r'\bSEXO:\s*(\S+)', text)
            if sexo_match:
                sexo_list.extend([sexo_match.group(1)] * len(matches))
            else:
                sexo_list.extend(['Not Specified'] * len(matches))

            ##### ANO #####
            ano_match = re.search(r'\bANO:\s*(\S+)', text)
            if ano_match:
                ano_list.extend([ano_match.group(1)] * len(matches))
            else:
                ano_list.extend(['Not Specified'] * len(matches))

            ##### CIDADE #####
```

Fonte: autoria própria

Por fim, a biblioteca *Os* foi utilizada para encontrar, criar e manipular estruturas de diretórios específicos dentro do *Python*, executando comandos de maneira a obter informações do sistema analisado. Tanto esta biblioteca como a biblioteca *Pandas* foram utilizadas ao longo de toda estruturação do código,

tornando-se inviável representar sua utilização em uma figura. No entanto, todos os códigos desenvolvidos serão disponibilizados como *open source* na plataforma *Github*.

Para realizar a leitura dos dados, o código foi construído em duas etapas: a primeira trazendo os dados em sua forma bruta, ou seja, antes de aplicar qualquer técnica estatística ou realizar qualquer transformação, como visto na figura abaixo:

**Figura 4 - Contagem dos dados**

```
In [19]: def create_apagamento_plural(row):
         if row['palavra'].endswith('[s]'):
             return 'Não'
         elif row['palavra'].endswith('[es]'):
             return 'Sim'
         return None

In [20]: df['apagamento_plural'] = df.apply(create_apagamento_plural, axis=1)
         df
```

```
Out[20]:
```

	palavra	palavra_depois	sujeito	curso	sexo	ano	cidade	marca_de_plural	apagamento_plural
0	sere[s]	humano[Os]	SUJEITO_6	PEDAGOGIA	MULHER	PRIMEIRO	LONDRINA	caso_1	Nãc
1	criança[s]	mas	SUJEITO_6	PEDAGOGIA	MULHER	PRIMEIRO	LONDRINA	caso_1	Nãc
2	a[s]	minha[Os]	SUJEITO_6	PEDAGOGIA	MULHER	PRIMEIRO	LONDRINA	caso_1	Nãc
3	expecta[tɥ]va[Os]	no	SUJEITO_6	PEDAGOGIA	MULHER	PRIMEIRO	LONDRINA	caso_2	Sim
4	expecta[tɥ]va[s]	Eu	SUJEITO_6	PEDAGOGIA	MULHER	PRIMEIRO	LONDRINA	caso_1	Nãc
...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
781	Fiê[s]	ao	SUJEITO_1	DIREITO	HOMEM	PRIMEIRO	OUTRA	caso_1	Nãc
782	felize[s]	e	SUJEITO_1	DIREITO	HOMEM	PRIMEIRO	OUTRA	caso_1	Nãc
783	fo[ɹ(n)][tɥ]s]	como	SUJEITO_1	DIREITO	HOMEM	PRIMEIRO	OUTRA	caso_1	Nãc
784	leõe[s]	o[s]	SUJEITO_1	DIREITO	HOMEM	PRIMEIRO	OUTRA	caso_1	Nãc
785	if[ɹ(n)]mão[s]	desta	SUJEITO_1	DIREITO	HOMEM	PRIMEIRO	OUTRA	caso_1	Nãc

786 rows × 9 columns

Fonte: autoria própria

Já na segunda etapa, têm-se a análise estatística. O Python traz a possibilidade de análise nas principais medidas estatísticas, como média, moda, mediana, percentual, desvio padrão, peso relativo, quartis, regressão, ANOVA, entre outras, entretanto, para os fins deste trabalho e pela quantidade de informantes selecionados, optou-se pela porcentagem, como se vê na figura a seguir:

**Figura 5 - Análise estatística dos dados**

```
Out[21]: palavra palavra_depois sujeito curso sexo ano cidade marca_de_plural apagamento_plural
```

```
In [24]: frequency_table = df['apagamento_plural'].value_counts()
         percentage_table = df['apagamento_plural'].value_counts(normalize=True) * 100

         # Combine counts and percentages into a single DataFrame
         result_df = pd.DataFrame({'Contagem': frequency_table, 'Porcentagem': percentage_table})
         result_df
```

Fonte: autoria própria

Vê-se, portanto, que, para a Sociolinguística, como para as demais áreas do conhecimento, é importante a utilização de uma postura multidisciplinar, mesmo nas metodologias, especialmente no tratamento dos dados, atentando-se para a utilização apropriada das tecnologias disponíveis. Ressalta-se, também, que toda linguagem de programação precisa ser empregada com olhar crítico e postura analítica, uma vez que os dados por si só darão as respostas esperadas quando as perguntas corretas forem aplicadas. Assim, salienta-se a importância da atenção do pesquisador na codificação e na análise das variáveis, independentemente da plataforma escolhida para compor o estudo.

O próximo capítulo trará a análise quantitativa dos processos morfofonológicos selecionados para esta dissertação com base nos dados coletados e no aporte teórico trazido nos capítulos anteriores.

## 6 SONS DA UNIVERSIDADE: VARIANTES MORFOFONOLÓGICAS MAIS PRODUTIVAS NA FALA UNIVERSITÁRIA

Neste capítulo, serão trazidas as análises quantitativas de cada um dos processos linguísticos estudados: /S/ como marca de plural; palatalização das oclusivas alveolares /D/ e /T/; apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/; variantes róticas em coda silábica.

### 6.1 /S/ Como Marca de Plural

Como análise preliminar do processo de marcação do plural, verificou-se sua realização e apagamento:

**Tabela 1** - Realização e apagamento de /S/ como marca de plural nos cursos de Letras, Pedagogia e Direito

/S/ como marca de plural	Total de ocorrências/ aplicação da regra	Porcentagem
Realização	786/699	88.931298%
Apagamento	786/87	11.068702%

Fonte: autoria própria

Na tabela 1, constata-se que o /S/ (coisas ~ coisa $\emptyset$ ) teve maior realização do que apagamento, com cerca de 88,9% das ocorrências. Tal resultado converge com os resultados encontrados em outras pesquisas, como a de Scherre (1988), que mostra que o grau de escolaridade do falante vai refletir de maneira diretamente proporcional ao uso do plural. Como este estudo trata de estudantes universitários, ou seja, sujeitos com um alto grau de escolaridade, vê-se que há uma tendência de utilizar o plural, mostrando que esse processo ainda é visto como uma marca significativa do falar culto.

Refinando a análise, os informantes foram estratificados de acordo com o sexo:

**Tabela 2** - Atuação da variável sexo no uso do /S/ como marca do plural

Variável sexo	Realização	Apagamento
Homens Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	377/332 (88.063660%)	377/45 (11.936340%)
Mulheres Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	409/367 (89.731051%)	409/42 (10.268949%)

Fonte: autoria própria

Vê-se, portanto, na tabela 2, que tanto homens quanto mulheres obtiveram um percentual alto de realização do plural, com 88,06% e 89,73% respectivamente. Como já demonstrado nos estudos de Scherre (1988), a variável sexo exerce menor influência nesse processo linguístico, o que se confirma com os dados obtidos nesta pesquisa. Em seguida, na tabela 3, buscou-se verificar o fenômeno entre os primeiros e últimos anos de todos os cursos, como visto abaixo:

**Tabela 3** - Atuação da variável ano do curso no uso do /S/ como marca do plural nos cursos de Letras, Pedagogia e Direito

Variável ano dos cursos	Realização Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Apagamento Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Primeiro ano	348/312 (83.421053%)	348/63 (16.578947%)
Último ano	406/382 (94.088670%)	406/24 (5.911330%)

Fonte: autoria própria

Ao realizar uma análise abrangendo os primeiros e últimos anos, constata-se uma elevação significativa na manifestação da concordância plural, registrando uma progressão aproximada de 10,66%. Tal fenômeno denota que, ao longo do tempo, os discentes manifestam uma propensão crescente à formalização do plural, associada ao contexto acadêmico que permeia sua formação. Ou seja, ao término do percurso curricular, os informantes, imersos por um período mais prolongado, tendem a intensificar sua participação e interação na comunidade acadêmica, resultando em uma maior assimilação das variantes linguísticas presentes neste ambiente. A afinidade progressiva com as formas linguísticas predominantes na referida comunidade evidencia-se como uma consequência da valorização da

variante culta, que permeia as práticas comunicativas acadêmicas, motivando os estudantes a internalizar tal norma linguística como parte integrante de sua fala, visando assim a uma efetiva inserção na comunidade à qual pertencem.

Por fim, os entrevistados foram divididos de acordo com os cursos de graduação:

**Tabela 4** - Atuação da variável curso de graduação no uso do /S/ como marca do plural

Variável curso de graduação	Realização Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Apagamento Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Direito	253/212 (83.794466%)	253/41 (16.205534%)
Letras	228/228 (100.000000%)	228/0 (0.000000%)
Pedagogia	305/259 (84.918033%)	305/46 (15.081967%)

Fonte: autoria própria

Na tabela 4, destaca-se que os alunos matriculados no curso de Letras evidenciaram, de maneira consistente ao longo das entrevistas, a utilização do fonema /S/ como marcador de plural. Esse fenômeno linguístico revela-se particularmente significativo devido à natureza intrínseca do curso de Letras, em que os estudantes, em razão de sua filiação a essa área específica, demonstram uma autoexigência mais acentuada em relação às normas linguísticas. Além disso, destaca-se que a constante imersão desses estudantes no contexto linguístico e normativo da língua portuguesa pode impeli-los a optar pela adesão a uma norma mais culta na marcação do plural. Este comportamento é influenciado pela exigência inerente ao curso, que valoriza a proficiência no idioma e o conhecimento da norma culta.

Essa inclinação linguística também pode estar intrinsecamente ligada à pressão social exercida pelo ambiente acadêmico, onde se verifica uma expectativa de conformidade à norma culta da língua. Tal conformidade, observada de maneira contínua durante os relatos pessoais dos estudantes, sugere uma internalização da norma erudita como uma prática linguística constante, mesmo em contextos mais informais. Ademais, esse comportamento linguístico pode ser interpretado como uma resposta à demanda social presente no meio acadêmico, que instiga os

estudantes a aderirem, de forma sistemática, à norma culta da língua, reforçando assim a sua identidade acadêmica.

Por fim, é relevante considerar que essa atitude linguística pode ser atribuída, em parte, à consciência dos estudantes de estarem sendo submetidos a entrevistas. Esta consciência pode conduzi-los a uma adoção deliberada da norma culta, alinhando-se, dessa maneira, à imagem preconcebida e esperada para os alunos matriculados no curso de Letras. Essa consciência linguística, potencializada pelo contexto da entrevista, reflete não apenas uma adequação à expectativa externa, mas também uma internalização da norma culta como parte integrante da identidade linguística e social dos estudantes de Letras.

Em seguida, destaca-se o curso de Pedagogia, com 84.91%, seguido pelo curso de Direito (83.79%), com alta frequência de realização do /S/ como marca de plural, o que pode ser atribuído, como visto no curso de Letras, a uma pressão social exercida pelo ambiente acadêmico, bem como uma internalização da norma culta. Apesar de uma percentagem alta de realização, faz-se necessário observar esse dado com maior atenção, uma vez que, quando partimos para as análises individuais de cada entrevistado do curso de Direito, percebemos que eles realizam, em sua grande maioria, o plural de uma maneira distinta do que, de maneira geral, se espera, fator a ser mais amplamente discutido no capítulo seguinte. No entanto, é inegável que a presença desse processo na fala da maior parte dos estudantes de Direito afeta, diretamente, os resultados quantitativos.

Assim, as altas frequências dos cursos não podem ser vistas e analisadas como similares, mas, a partir dessas diferenças, aponta-se para um panorama mais amplo de que, de fato, os cursos colocam-se como comunidades de prática, já que são participantes da mesma comunidade de fala, mas apresentam distinções significativas a partir de suas vivências enquanto grupo. Isso faz-se mais evidente nesse momento quando se nota que os estudantes de Direito também tentam utilizar a norma culta, mas, em certos aspectos, não a internalizaram, ou seja, há a consciência de que certos fatores compõem a norma culta, como a marcação do plural, entretanto não têm o domínio das regras que permeiam esse aspecto e, no anseio de não errar, realizam o plural de uma forma distinta.

Faz-se interessante analisar a proximidade entre os resultados dos cursos de Direito e Pedagogia e como a análise qualitativa auxilia na interpretação desses resultados percentuais aparentemente próximos, porém, de certa forma,

divergentes. Enquanto os alunos de Direito realizam uma marcação diferente do plural, os estudantes de Pedagogia realizam a marcação em consonância com o que é visto nos estudos de Scherre (1988) e Braga (1977), o que nos mostra que, possivelmente, a pressão social exercida pelo meio acadêmico para a aderência da norma culta seja maior no curso de Direito do que em Pedagogia. Ademais, isso pode indicar que possivelmente haja um domínio mais alto e maior internalização da norma culta por parte dos estudantes de Pedagogia do que visto em Direito.

Por fim, ressalta-se que, inicialmente, objetivou-se também verificar o contexto linguístico posterior, observando se o início da próxima palavra ser /S/ influenciaria na marcação ou não do plural e a posição da palavra na sentença. Entretanto, já nas análises iniciais, esses fatores não se mostraram produtivos e, por isso, foram retirados da análise final.

## 6.2 Palatalização das Oclusivas Alveolares /D/ e /T/

Em se tratando da palatalização de /D/ e /T/, iniciou-se a análise estratificando as vogais, uma vez que pesquisas como a de Cristófarro Silva, Barboza, Guimarães e Nascimento (2012) afirmam que as consoantes africadas vão ocorrer quando seguidas da vogal média alta /i/ e as oclusivas alveolares quando forem seguidas das demais vogais, como é possível observar na tabela abaixo:

**Tabela 5** - Atuação da variável vogal da sílaba alvo na palatalização da oclusiva /d/

Variável vogal da sílaba alvo	[d] - não palatalizado Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	[dʒ] - palatalizado Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
[e]	33/33 (100.000000%)	33/0 (0.000000%)
[i]	999/18 (1.801802%)	999/981 (98.198198%)

Fonte: autoria própria

Conforme a Tabela 5, é possível observar que a não palatalização da oclusiva /D/ seguida da vogal média anterior /e/ é categórica. Esse resultado encontra respaldo nos estudos de Bisol (1986) e Cristófarro Silva, Barboza, Guimarães e

Nascimento (2012) e é semelhante ao que ocorre com a oclusiva alveolar surda /t/, conforme a Tabela 6 demonstra a seguir:

**Tabela 6** - Atuação da variável vogal da sílaba alvo na palatalização da oclusiva /t/

Variável vogal da sílaba alvo	[t] - não palatalizado total de ocorrências/aplicação da regra (%)	[tʃ] - palatalizado total de ocorrências/aplicação da regra (%)
[e]	13/13 (100.000000%)	13/0 (0.000000%)
[i]	1150/29 (2.52174%)	1150/1121 (97.478260%)

Fonte: autoria própria

Os resultados da Tabela 6 convergem com os resultados referentes à oclusiva alveolar /d/ (Tabela 5) apresentados anteriormente e com os resultados da pesquisa de Almeida (2004) que também verificam o uso categórico das oclusivas alveolares antes de /e/ no português falado em Cuiabá.

A análise inicial concentrou-se na posição da variável no vocábulo, abrangendo o início, o meio e o fim. Importa salientar que as palavras monossilábicas, enquanto uma categoria autônoma nesta análise, revelaram-se pouco produtivas, sendo, portanto, excluídas. Todavia, constatou-se que, para este fenômeno, a posição no vocábulo não suscitou resultados significativos, indicando uma estabilidade nas ocorrências, tanto nas posições inicial, medial quanto final. Adicionalmente, observou-se que os dados pertinentes a esta análise já se encontravam devidamente representados nas tabelas precedentes (tabela 5 e tabela 6), motivando a decisão de não incorporar a posição da variável no vocábulo na análise final.

### 6.3 Apagamento de /D/ no Morfema de Gerúndio /NDO/

A variável /D/ dentro do morfema de gerúndio /NDO/ foi analisada, num primeiro momento, a partir de seu apagamento ou realização, obtendo-se os seguintes resultados:

**Tabela 7** - Realização e apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/ nos cursos de Letras, Pedagogia e Direito

/D/ no morfema de gerúndio /NDO/	Total de ocorrências/ aplicação da regra	Porcentagem
-NDO (cant <u>ando</u> )	232/28	12.121212%
-N∅O (cantan <u>o</u> )	232/203	87.878788%

Fonte: autoria própria

Observa-se, portanto, na tabela 7, que o apagamento se mostrou quase categórico na fala dos universitários dos três cursos analisados, com cerca de 87,8% das ocorrências, o que aponta para uma inserção do processo de apagamento na fala culta. Diferentemente do que foi visto em estudos anteriores, como o de Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) e o de Ferreira (2010), a exemplo, que afirmavam que a escolaridade é inversamente proporcional ao apagamento, vê-se que, neste caso, um grau de escolaridade mais alto não impediu o apagamento, indicando que esse processo está gradativamente sendo menos estigmatizado. Não é possível, no entanto, afirmar que esse processo é livre de estigmas, uma vez que todas as realizações da variável /D/ ocorreram ao longo da leitura do texto, ou seja, em um momento altamente monitorado. Isso indica que, quando cientes de que estão sendo observados, os entrevistados optam por não apagar o /D/, mostrando que há certa preferência em momentos mais monitorados e, conseqüentemente, mais formais, pela realização da variável, o que pode indicar que existe certo preconceito, ainda que brando.

Após a análise geral, os estudantes foram estratificados de acordo com o sexo, homem e mulher, como visto abaixo:

**Tabela 8** - Atuação da variável sexo no uso de /d/ no morfema de gerúndio /NDO/

Variável sexo	Homens Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Mulheres Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
-NDO (cant <u>ando</u> )	120/13 (10.833333%)	111/15 (13.513514%)
-N∅O (cantan <u>o</u> )	120/107 (89.166667%)	111/96 (86.486486%)

Fonte: autoria própria

Nos estudos anteriores, verificou-se que houve certa divergência de resultados em se tratando da estratificação de acordo com o sexo. Ferreira (2010) conclui que os homens favorecem mais o apagamento, enquanto Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) vão afirmar que as mulheres são mais propensas a utilizar o apagamento. Em se tratando dos dados desta pesquisa, nota-se que as mulheres (13,51%) tiveram um índice de realização levemente maior que o dos homens (10,83%). Tais resultados, apesar de próximos, podem indicar que este fenômeno está, de fato, perdendo seu estigma e passando a constituir a norma culta, uma vez que as mulheres, segundo Labov (1972), tendem a utilizar menos variantes estigmatizadas do que os homens, com a prerrogativa de que ambos façam parte do mesmo grupo social e estejam nas mesmas condições.

Verificou-se, também, o processo na variável social curso de graduação dos estudantes, disposto na tabela abaixo:

**Tabela 9** - Atuação da variável curso de graduação no uso de /d/ no morfema de gerúndio /NDO/

Variável curso de graduação	-NDO (cantando) Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	-NØO (cantanøo) Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Direito	74/10 (13.513514%)	74/64 (86.486486%)
Letras	71/12 (16.901408%)	71/59 (83.098592%)
Pedagogia	86/6 (6.976744%)	86/80 (93.023256%)

Fonte: autoria própria

A partir dos resultados obtidos, conforme apresentados na tabela 9, destaca-se que o curso de Pedagogia emerge como o mais produtivo em relação ao apagamento. Embora os cursos de Letras e Direito também demonstrem um índice elevado de ocorrências desse fenômeno, é notável que os informantes do curso de Letras exibem uma propensão relativamente inferior à prática do apagamento, quando comparados aos seus pares de outros cursos. Neste contexto, nota-se que a variável curso, para este processo, é um fator de distinção baixo. Encerrando a avaliação, procedeu-se à análise da produtividade do fenômeno entre os anos iniciais e finais dos cursos; entretanto, esta estratificação revelou-se pouco produtiva, justificando sua exclusão da análise final.

#### 6.4 Variantes Róticas em Coda Silábica

Para a análise dos róticos, estratificamos primeiramente a classe de palavras, pois, conforme alguns estudos atestam (Callou *et al.*, 1998; Monaretto, 2002; Oliveira, 2009; Almeida, 2018, entre outros), os róticos em coda silábica externa de verbos estão mais suscetíveis ao apagamento. Oliveira (2009), por exemplo, afirma que os verbos são mais produtivos quando se trata do apagamento dos róticos, o que motiva uma divisão categórica mais simples, em que se consideram apenas dois grupos: verbos e nomes, estando todas as outras classes inseridas nesta última. Sendo assim, optou-se por seguir esse mesmo método de agrupamento, como visto na tabela abaixo:

**Tabela 10** - Atuação da variável classe de palavra na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica nos cursos de Letras, Pedagogia e Direito

Variável classe de palavra	Apagamento Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Realização Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Nome	941/56 (5.951116%)	941/885 (94.048884%)
Verbo	1022/371 (36.301370%)	1022/651 (63.698630%)

Fonte: autoria própria

Observa-se, a partir da tabela 10, que a porcentagem de realização dos róticos em nomes, 94,04%, foi mais alta do que em verbos, 63,69%. Entretanto, a realização em verbos mostrou-se mais alta do que o esperado, uma vez que se imaginava que o apagamento em verbos fosse quase categórico, como mostram Almeida e Kailer (2020), ao analisarem os róticos no interior de Santa Catarina, em se tratando de contexto menos monitorado, o relato a exemplo, o apagamento dos róticos em coda externa de verbos é categórico. Esse resultado pode ter sido obtido por tratar-se de uma comunidade de fala que preza pela norma culta, indicando que pode ainda haver certo preconceito no apagamento, mesmo que em verbos. Também se pode pensar que, como os informantes foram entrevistados no espaço da universidade, a identidade acadêmica predomine no falar dos estudantes, mesmo que de forma inconsciente, ou seja, pode haver certa tendência a manter uma fala mais culta, mesmo durante momentos mais descontraídos, por estar dentro da

universidade, sendo entrevistados enquanto alunos representantes de seus respectivos cursos.

Após a análise por classe de palavras, segmentaram-se os dados a partir do sexo dos informantes:

**Tabela 11** - Atuação da variável sexo na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

Variável sexo	Apagamento Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Realização Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Homem	947/220 (23.231257%)	947/727 (76.768743%)
Mulher	1016/207 (20.374016%)	1016/809 (79.625984%)

Fonte: autoria própria

Nota-se, na tabela 11, que os homens vão apagar os róticos mais do que as mulheres, ainda que esse número seja apenas levemente mais alto, com cerca de 3% de diferença. Isso, de certa forma, corrobora que, dentro da comunidade acadêmica, há certo preconceito no apagamento dos róticos, uma vez que, segundo Labov (1972), as mulheres tendem a utilizar variantes de maior prestígio do que os homens, numa situação em que ambos estejam num mesmo contexto de análise e no mesmo grupo social. Assim, infere-se que esse processo não está totalmente inserido na norma culta.

Em um terceiro momento, verificaram-se o apagamento e a realização dos róticos em cada um dos cursos escolhidos:

**Tabela 12** - Atuação da variável curso de graduação na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

Variável curso de graduação	Apagamento Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Realização Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Direito	627/180 (27.397260%)	627/447 (72.602740%)
Letras	554/20 (3.610108%)	554/534 (96.389892%)
Pedagogia	752/227 (30.186170%)	752/525 (69.813830%)

Fonte: autoria própria

Em se tratando dos cursos, constata-se, na tabela 12, que Letras é o curso com menor índice de apagamento (3,61%), seguido por Direito (27,3%) e Pedagogia (30,18%). A diferença entre os cursos de Direito e Pedagogia é relativamente baixa, já o curso de Letras se distancia significativamente dos outros dois. Isso pode indicar que a influência da norma culta se faz mais presente nele e que há uma possível maior demanda social de que os estudantes do curso tenham aderência a essa norma, reforçando, de forma consciente ou não, a sua identidade acadêmica e sua identidade enquanto grupo. Estreitando a análise, estratificaram-se os dados de acordo com o ano cursado pelos entrevistados:

**Tabela 13** - Atuação da variável ano do curso na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

Variável ano dos cursos	Apagamento Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Realização Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Primeiro ano	1038/233 (22.447013%)	1038/805 (77.552987%)
Último ano	925/194 (20.972973%)	925/731 (79.027027%)

Fonte: autoria própria

Evidencia-se, na tabela 13, que há uma variação de apenas 2% entre primeiros e últimos anos, o que demonstra que esse fenômeno linguístico se apresenta estável na língua e, por isso, as ocorrências entre os anos se dá de forma semelhante no início e no final do curso. Passando para fatores mais estritamente linguísticos de categorização, tem-se o apagamento ou realização a partir da posição da coda, sendo interna ou externa:

**Tabela 14** - Atuação da variável coda na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

Variável coda	Apagamento Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Realização Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Externa	1072/426 (39.738806%)	1072/646 (60.261194%)
Interna	891/1 (0.112233%)	891/890 (99.887767%)

Fonte: autoria própria

Segundo a pesquisa de Bisol (2010), Callou, Leite e Moraes (1996), Monaretto (1997) e Brescancini e Monaretto (2008), a exemplo, o contexto da coda é mais favorável à ocorrência de variação, sendo a coda externa mais passível de apagamento. Verifica-se, na tabela 14, que os resultados obtidos dialogam com as pesquisas acima, uma vez que o percentual de apagamento em coda interna é quase nulo. Apesar disso, a realização dos róticos em coda externa (60,24%) é significativamente mais alta do que o apagamento (39,73%). Tal apuração ressalta que, na comunidade acadêmica, pode haver ainda certo preconceito com o apagamento, mesmo em contextos que sejam considerados como categóricos por estudos realizados por outros pesquisadores.

Por fim, analisaram-se o apagamento e a realização dos róticos a partir da dimensão da palavra:

**Tabela 15** - Atuação da variável dimensão da palavra na implementação da regra variável de apagamento do /R/ em coda silábica

Variável dimensão da palavra	Apagamento Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)	Realização Total de ocorrências/ aplicação da regra (%)
Pequena	339/16 (4.719764%)	339/323 (95.280236%)
Média	1085/260 (23.963134%)	1085/825 (76.036866%)
Grande	539/151 (28.014842%)	539/388 (71.985158%)

Fonte: autoria própria

Constata-se que o apagamento foi diretamente proporcional ao tamanho da palavra, ou seja, quanto maior a palavra, maior a chance de apagamento, fato este que já havia sido comprovado em estudos anteriores, como o de Monaretto (2000). Assim, verifica-se que o falar universitário apresenta resultados, nesta categoria de análise, convergentes com outros falares estudados.

Neste capítulo, analisaram-se, portanto, os dados obtidos de forma quantitativa dos processos linguísticos selecionados para esse estudo: /S/ como marca de plural; palatalização das oclusivas alveolares /D/ e /T/; apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/; variantes róticas em coda silábica. Nas análises iniciais, alguns fatores foram retirados por não se mostrarem produtivos: o contexto linguístico posterior e a posição da palavra na sentença na marcação de plural; a

posição no vocábulo e a variável sexo na palatalização; a estratificação nos anos dos cursos no apagamento de /D/ no morfema de gerúndio. Para a análise final, verificou-se que, de forma geral, há uma predisposição dos estudantes a adotar a norma culta da língua, o que será abordado mais adiante, apesar de ser possível notar que existem mudanças em andamento no próprio falar culto, ou seja, estão sendo incorporadas nele variantes que antes eram consideradas estigmatizadas e, gradativamente, estão perdendo o estigma. Ademais, foi possível observar que os cursos apresentam características específicas de produção da norma culta e das variáveis, mesmo quando se trata de um contexto similar de produção.

No próximo capítulo, realiza-se a análise qualitativa dos 12 entrevistados, dando ênfase nos aspectos identitários e nas bases teóricas dos conceitos de identidade, preconceito e estigma, comunidade de fala e de prática e norma culta.

## 7 VOZES E IDENTIDADES: UM RETRATO LINGUÍSTICO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Neste capítulo, traremos a análise qualitativa dos 12 entrevistados, com especial ênfase na abordagem dos elementos identitários individuais de cada sujeito e na forma pela qual tais elementos se manifestam nas entrevistas realizadas, a partir do embasamento teórico de autores como Orlandi (1995; 1996; 2002; 2009), Hall (1997), Rajagopalan (1998), Oliveira (2000), Silva (2000), Woodward (2000), Bacila (2005), Bagno (2005), Faraco (2008) e Goffman (2017).

### 7.1 Homem - Direito - Primeiro Ano

O entrevistado do sexo masculino do primeiro ano de Direito nasceu e cresceu em Sertanópolis, mas no final da adolescência morou em outras localidades, como Bela Vista, Ribeirão Preto e Morro Agudo, mudando-se para a cidade de Cambé, região metropolitana de Londrina, após passar no vestibular, contabilizando cerca de um ano de moradia no local. Em sua fala, um processo significativo é a marcação de plural. Como já abordado dentro do referencial teórico desta dissertação, a partir de autores como Scherre (1988) e Braga (1977), o plural geralmente é marcado no início da sentença, ou seja, no primeiro vocábulo a trazer o plural. No entanto, este entrevistado faz a marcação, ao longo de toda a entrevista, à exceção do momento da leitura do texto, no segundo vocábulo da sentença, como ilustrado abaixo:

**Trecho 1:** Tipo... É mais ou menos isso. Eu, eu gosto bastante, mas tem alguma[Ø] coisa[s] que me deixam muito frustrado.

**Trecho 2:** Tipo, a coisa mais chocante que aconteceu no[Ø] último[s] tempo[Ø] foi, tipo, uma casa que estava sangrando, tipo, é muito, é muito bizarro.

**Trecho 3:** Tem um aluno, tem um, um do[Ø] aluno[s], ele não escreve nada no quadro e ele fala e fala e fala.

A ausência desse processo durante a leitura pode ser atribuída à disponibilidade do texto em suas mãos e à capacidade de visualizar a estrutura lexical das palavras, facilitando, assim, a execução mais precisa no que tange ao uso do plural. Apesar dessa manifestação, é relevante observar que, ao longo de toda a entrevista, o entrevistado não faz menção explícita à norma culta, ao padrão linguístico ou à existência de um falar considerado linguisticamente correto.

Essa aparente omissão não deve ser interpretada como falta de consideração por parte do entrevistado em relação a essa dimensão linguística, pois, como coloca Faraco (2008), os falantes não são parte apenas de uma categoria linguística, mas também de uma social, o que vai colocar a língua como instrumento de controle e de manutenção e obtenção de poder. Faz-se possível argumentar que a ausência de abordagem explícita sugere que o processo de aderência à norma culta e a identificação com o grupo que valoriza essa modalidade linguística ocorrem em um plano mais profundo e, possivelmente, inconsciente. Além disso, essa lacuna pode indicar que o entrevistado internaliza a pressão de aderir a esse grupo de falantes que preza pela norma culta do português, mesmo que essa percepção não seja necessariamente consciente, o que ressalta que a posse da língua é a posse de um lugar de pertencimento (Mendoza-Denton, 2004).

Em uma perspectiva contraposta, pode-se deduzir que o entrevistado evita fazer comentários explícitos sobre a norma culta, possivelmente devido à sua consciência de que não possui um domínio completo dessa modalidade linguística. Nesse sentido, ele pode optar por não abordar esse tópico para evitar revelar eventuais limitações em seu domínio da norma culta, apontado para uma estratégia de autopreservação. O entrevistado, ao longo da conversa, aborda também o aspecto regional, como evidenciado no excerto abaixo:

**Entrevistadora:** Perfeito, é isso mesmo. Agora a gente vai pra última parte da nossa entrevista, tá? E assim, você já falou que foi pra alguns lugares, né? Enfim, você já viajou um pouquinho, já morou em outros lugares. Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era de fora?

**Entrevistado:** Percebiam.

**Entrevistadora:** Como que elas percebiam?

**Entrevistado:** Falaram que eu tinha um sotaque muito carregado. Então, eu falava, mas eu não tenho sotaque. Daí tipo fala porta. Quando eu falava porta, daí, eu via que o R é bem carregado. Eu falei, nossa, é verdade, tem um sotaque. Nem palavra tá?

É notável como, previamente ao contato com sujeitos de distintas origens geográficas, ele não parecia consciente das nuances de seu próprio sotaque. No entanto, após encontrar-se com indivíduos de diferentes regiões, ele tem a percepção de que seu próprio sotaque é percebido pelos outros com uma conotação, por vezes, depreciativa, perceptível a partir do uso do adjetivo *carregado*. Contudo, o entrevistado exibe certo orgulho em relação a essa percepção, uma vez que, ao longo da entrevista, ele não manifesta qualquer intenção de suavizar ou

atenuar as características distintivas de sua variante linguística, notadamente o fenômeno da retroflexão do fonema /R/.

Isso fica ainda mais evidente quando é indagado se ele adapta seu modo de falar em função de seu interlocutor, ao que ele responde negativamente:

**Entrevistadora:** Beleza. E em alguma situação, né? Seja em viagem a passeio, a trabalho ou mesmo na universidade, você já modificou o seu sotaque e a sua forma de falar pra adaptar ao modo de falar das pessoas do lugar onde você estava?

**Entrevistado:** Não. Nunca fiz isso. Tipo, não curto mudar como eu falo e tals.

Além disso, quando se explora a questão do orgulho em relação à sua maneira de falar, o entrevistado prontamente confirma que, de fato, possui uma percepção positiva e um senso de identidade vinculados a seu sotaque regional:

**Entrevistadora:** Perfeito. E você sente orgulho ou vergonha da sua forma de falar ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistado:** Ah eu, eu não sei tipo não é irrelevante porque eu gosto do jeito que eu falo, eu tenho um orgulho, eu acho legal.

Observa-se, portanto, que o informante em questão nutre uma percepção positiva de seu sotaque regional, demonstrando um grau de orgulho associado às suas variantes linguísticas locais. Essa afeição por seu falar regional se manifesta em sua atitude de não alternância de marcas regionais em sua fala. Ademais, nota-se que, quando se trata do contexto da norma culta, uma dinâmica distinta emerge, voltada para uma pressão sociolinguística que se origina do contexto em que o informante está inserido, do grupo social que compõe sua esfera de relações e de como o falante coloca a sua identidade em sistemas classificatórios (Woodward, 2000). Esse contexto sociolinguístico exerce uma influência que se traduz na tendência do informante em se esforçar para alinhar sua identidade linguística com a norma culta. Tal movimento denota uma tensão intrínseca entre sua identidade linguística e a necessidade de se adequar a determinadas normas sociais, delineando uma complexidade no que tange à sua fala e à interação entre a identidade individual e o contexto social que o permeia.

## 7.2 Mulher - Direito - Primeiro Ano

A entrevistada do sexo feminino do primeiro ano de Direito nasceu e criou-se em Ourinhos, mudando-se para Londrina após a aprovação no vestibular,

contabilizando cerca de um ano na localidade. Similarmente ao participante previamente abordado neste estudo, que compartilha a área de estudo com a entrevistada, a informante exibe uma tendência à marcação distinta de plural, a qual se manifesta, em geral, no segundo vocábulo das sentenças, ao invés de ocorrer no primeiro vocábulo, como seria esperado segundo os estudos de Scherre (1988) e Braga (1977). Este fenômeno linguístico pode ser ilustrado através do seguinte trecho retirado de sua entrevista:

**Entrevistada:** Escolhi direito primeiro porque eu sempre gostei muito mais da parte de humanas, da[?] matéria[s] e aí foi um um do[?] curso[s] que me chamou mais atenção. E porque meu bisavô era advogado.

Na leitura do texto, a participante não realiza essa marca distinta de plural, uma tendência que pode ser atribuída à sua ativa imersão no processo de leitura, que, por sua vez, desobriga-a de conceber elaborações linguísticas, encarregando-lhe apenas da execução das expressões preexistentes no material textual. Entretanto, o surgimento dessa marca durante o curso da entrevista possibilita uma reflexão sobre a influência de pressões sociais que a participante enfrenta em relação à observância da norma culta da língua. Tal opção por uma expressão mais formal em sua fala, declarada em determinado ponto da entrevista e trazido abaixo, denota um discernimento consciente por parte da participante em relação à importância de alinhar-se com as convenções linguísticas cultas, sugerindo uma escolha consciente no sentido de conformar-se a essa norma:

**Entrevistadora:** Uhum. Não, é, realmente, não, não é muito legal, né, e em alguma situação né? Seja em viagem, a passeio, trabalho, mesmo na universidade, você já modificou a sua forma de falar pra adaptar ela ao modo de falar das pessoas o lugar onde você estava?

**Entrevistado:** Acho que mudar o sotaque, assim, não, mas às vezes, não sei se conta, tipo, às vezes, falar mais formal.

A inclinação da participante em direção à formalidade pode ser interpretada como uma manifestação de seu esforço em se aproximar da norma culta da língua. Essa preferência linguística reforça a noção de que o grupo social ao qual a participante está vinculada atribui elevado valor à utilização desta norma em particular, destacando a influência do contexto sociocultural na determinação de suas escolhas linguísticas (Faraco, 2008).

No contexto da consideração das variáveis regionais, nota-se uma postura mais consciente adotada pela entrevistada em relação às suas formas linguísticas

que trazem traços distintivos da região, especialmente quando confrontadas com variantes provenientes de distintas localidades, como evidenciado no seguinte trecho:

**Entrevistadora:** Entendi, e falando um pouco sobre você. Você já passou alguma situação constrangedora na universidade ou fora dela relacionada ao seu modo de falar ou ao seu sotaque.

**Entrevistado:** Acho que às vezes quando eu ia pra, minha família tem uma parte em São Paulo. Eu puxo muito R. E aí lá, tipo, nossa, fala porta pra gente ver, fala porteira, não, e era muito chato isso. Aí, não tenha sido constrangedor, mas uma situação chata assim, eu acho chato.

Embora afirme que os comentários em questão não eram percebidos por ela como fonte de constrangimento, é perceptível que a sua percepção registra um certo desconforto subjacente a tais interações, como explicitado em um momento subsequente na entrevista:

**Entrevistadora:** Ok, e você sente orgulho ou vergonha devido a sua forma de falar ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistada:** Eu nunca tinha falado pra pensar. Acho que pra mim é algo irrelevante, não é algo que eu dou muita bola, eu nem ligo muito. Mas quando vou visitar os parentes em São Paulo acho que eu mudo um pouco, deixo meu sotaque menos carregado, nem é porque eu não goste, é mais pra não ter ninguém falando nada, ter mais paz.

A partir do excerto em consideração, é possível verificar que a participante não endossa uma avaliação negativa de sua variante linguística regional, todavia, ela também não assume uma postura positiva em relação a esta, preferindo manter-se em uma posição de neutralidade. No entanto, a análise mostra que sua resposta não se traduz em uma completa indiferença, pois ela revela uma predisposição em suavizar seu sotaque quando confrontada com indivíduos que previamente a avaliaram de maneira crítica em virtude de sua pronúncia regional. Esse comportamento sinaliza um nível de desconforto em relação à sua identidade linguística e, por extensão, a necessidade de ajustá-la para sentir-se mais à vontade em determinados contextos sociais (Woodward, 2000). Consequentemente, a percepção e a avaliação de terceiros exercem uma influência direta sobre as escolhas comunicativas da participante, demonstrando a adaptabilidade de sua identidade linguística em consonância com o contexto social no qual se insere, delineando a profunda interação entre o indivíduo e as expectativas sociais que permeiam sua fala.

Além disso, pode-se avaliar também a questão da lealdade linguística da entrevistada. Segundo Botassini (2015, p. 122-123), a (des)lealdade diz da atitude frente a um grupo linguístico. Tal atitude, positiva ou negativa, pode ter as mais distintas motivações, como o desejo de pertencer a um determinado grupo, seja por pressões sociais ou para alcançar um *status* social maior, ou a vontade de reafirmar o orgulho de sua identidade linguística. Entende-se, dessa forma, que uma visão positiva irá conectar-se à lealdade linguística ao ponto que uma visão negativa, que manifeste vergonha ou aversão, irá ligar-se à deslealdade linguística. Assim, infere-se que, no caso desta participante, existe uma situação de deslealdade e que sua postura não é, de fato, neutra, mas sim apresenta certo teor negativo em relação à sua variante regional.

### 7.3 Homem - Direito - Último Ano

O participante do sexo masculino do último ano de Direito é nascido e criado em Jaú, cidade do interior de São Paulo e mudou-se para Londrina por conta da faculdade, estando na cidade a cerca de 5 anos. Buscou-se, dentre os estudos já feitos sobre o estado de São Paulo, informações sobre as características fonético-fonológicas dessa cidade e das regiões próximas, no entanto, não foram encontrados atlas ou pesquisas realizadas que tenham como foco essa localidade ou localidades próximas. Dessa forma, a única fonte acerca da constituição fonético-fonológica da cidade de Jaú é o próprio informante que, ao longo da entrevista, cita alguns aspectos observados por ele: a palatalização dos fonemas /D/ e /T/ diante das vogais /E/ e /I/. Já em Londrina, esses segmentos são realizados como africados, [dʒ] e [tʃ].

De forma geral, as africadas estão mais presentes na fala do informante, no entanto, a frequência de alternância é alta, uma vez que a realização das oclusivas está próximo das africadas. Considerando o que foi dito pelo entrevistado acerca do falar da sua cidade, Jaú, e o uso das africadas em Londrina, há uma tendência no falar desse informante de seguir as características londrinenses. Levando em conta a variedade de origem, entende-se que está ocorrendo uma palatização. Sobre esse fenômeno, Cristóforo Silva *et al.* (2012) destacam quatro fatores, dos quais se trazem aqui três: 1) o caráter regional; 2) o caráter de mudança sonora consolidada; 3) o caráter típicos desses sons.

O primeiro fator diz sobre como a palatização ou não do /D/ e /T/ vai ser uma marca dialetal, ou seja, é característico de determinados falares e evidencia a identidade do falante. Neste caso, percebe-se que há uma tentativa do entrevistado de se aproximar do falar de Londrina, processo este que é percebido por ele, como se faz perceptível em suas próprias declarações:

**Entrevistado:** Inclusive hoje eu me percebi tentando dar uma aliviada no meu D e T. Tipo, inconscientemente, sabe? Falei, ai, vou aliviar [...]

Este processo também pode estar relacionado a uma percepção negativa do informante em relação à sua variedade de origem, uma vez que a língua antes de pertencer a um determinado sujeito, pertence a um grupo, que a transmite para ele, de maneira que ele possa pertencer àquela comunidade. Há, portanto, uma diferenciação inicial que faz parte do simbólico e identitário, em que aquele que não conhece aquela língua, ou variedade, está exterior ao grupo, enquanto quem a conhece e domina, ou faz um esforço para a possuir, é visto como membro. Assim, a língua, ou uma variedade linguística, não é apenas uma ferramenta utilizada pelos sujeitos de uma comunidade, mas é um símbolo de pertencimento, de sua identidade linguística.

Com isso em vista, verifica-se que as escolhas linguísticas, conscientes ou não, estão vinculadas ao seu processo identitário, já que os "atos linguísticos são atos de identidade" (Tabouret-Keller, 1997, p. 315). Dessa forma, entende-se que o falante terá diferentes camadas de identidade, várias facetas, que auxiliaram nas suas construções linguísticas e, conseqüentemente, identitárias, ou seja, o sujeito é atravessado por suas identidades que, por sua vez, não são estáticas, mas sim dinâmicas, fluidas e diretamente interligadas aos seus papéis sociais.

Os falantes, assim sendo, são atores sociais competentes e que usam a língua em prol de seus interesses, no entanto, essas escolhas identitárias são construídas não apenas internamente, mas também concernentes às pressões e às interações sociais exercidas no/com o sujeito, o que reitera que tais aspectos não são categorias fechadas e imutáveis, mas sim processuais e em constante estado transformativo. Tomando o que foi colocado como ponto de partida e a entrevista realizada, nota-se que o falante teve uma experiência negativa com o grupo, no que tange à sua identidade linguística:

**Entrevistadora:** Você falou que você acaba, acabou pegando um pouco do sotaque da região, né? Com o tempo. Mas você já passou por alguma situação na faculdade talvez um pouco constrangedora ou desconfortável relacionada ao seu modo de falar, ao seu sotaque?

**Entrevistado:** Sim, sim, sim. Eu... já brincaram muito comigo, hoje, eu vejo que realmente era brincadeira, tranquilo, por causa do meu D e T. Eles são um pouco mais fortes. Então, tipo, [d]ia, [t]ia. Pessoal brincava muito, mas não tipo constrangedor, mas enchia um pouco o saco porque era sempre a mesma coisa. Tipo, era algo, porra, gente, é só o jeito que eu falo. Para, não precisa toda hora ficar falando isso.

Nesse trecho da entrevista, o entrevistado comenta que houve algumas situações no ambiente universitário que o fizeram se sentir desconfortável, apesar de ele considerar como uma brincadeira e de afirmar que essa experiência não o afetou muito. No entanto, em um momento posterior da conversa, ele relata que essa brincadeira feita pelos membros da sua comunidade foi tomada por ele como uma avaliação negativa de sua identidade linguística e que isso o motivou a afastar-se dela e aderir a do grupo:

**Entrevistadora:** E você falou, né? Que acabou incorporando, né? Assim meio que naturalmente um pouco do sotaque da região. Mas em alguma situação você já modificou, assim, intencionalmente a sua forma de falar pra adaptar ao modo de falar das pessoas do lugar onde você estava?

**Entrevistado:** Já, já, até hoje. Inclusive hoje eu me percebi tentando dar uma aliviada no meu D e T. Tipo, inconscientemente, sabe? Falei, ai, vou aliviar, mas não tipo, agora é o meu natural, mas de vez em quando eu falo um tipo e é algo que eu acho que talvez tenha marcas dessas, dessas brincadeiras anteriores, mas é o que vira e mexe eu acabo fazendo isso e eu percebo que eu faço, mas acho que só.

Nota-se, então, um esforço do falante em pertencer linguística e identitariamente a esse grupo. Esse processo, como visto no excerto acima, ocorre de forma parcialmente consciente, uma vez que ele reconhece essa alternância identitária no momento da fala. Essa oscilação identitária se manifesta de forma muito característica, sobretudo, na recorrente alternância entre [d] e [dʒ], [t] e [tʃ], explicitando a intrínseca relação dos fatores sociais e linguísticos na construção da identidade do sujeito.

Apesar dessa constante alternância, linguística e identitária, quando questionado acerca de sua forma de falar, o entrevistado dá a seguinte resposta:

**Entrevistadora:** E você sente orgulho ou vergonha da sua forma de falar ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistado:** Ah, orgulho porque mostra de onde eu sou, mostra minhas raízes e ninguém aqui tem que ter, tem que honrar de onde a gente veio.

Nesta parte em específico, a percepção que ele tem de sua variedade linguística é reafirmada pela sua atitude, uma vez que ele, nesta resposta, não

realiza a alternância, assumindo a sua variedade de origem e não mais a londrinense, diferentemente de todo o resto da entrevista, onde as duas se intercalam. Aqui, fica explícita a força da pressão social no sujeito e na construção de suas identidades, além de corroborar que o falante não a constitui sozinho, mas em conjunto com os outros membros do grupo.

#### 7.4 Mulher - Direito - Último Ano

A participante do sexo feminino do último ano de Direito nasceu e cresceu na cidade de Bela Vista do Paraíso e mudou-se para Londrina ao ingressar na UEL, contabilizando cerca de 5 anos morando na localidade. Em sua entrevista, destacam-se os comentários sobre a percepção do que é sotaque. Segundo Marchesan (2004), sotaque caracteriza-se pela forma de falar ou pronunciar que é particular de um determinado grupo, diferenciando-o de outros, geralmente associado ao aspecto regional. No entanto, a entrevistada entende que o sotaque esteja relacionado a gírias, como se percebe no trecho abaixo:

**Entrevistadora:** Você pode dar um exemplo, assim, no que você geralmente presta atenção?

**Entrevistada:** Geralmente é coisa engraçada, por exemplo, eu tenho amigos que quando eu conheci, são amigos recentes, de uns três anos atrás. Quando eu conheci, eles trocavam muitas palavras propositalmente, assim, mas é um sotaque, tipo: dá de fazer, dá de ser feito. Foi isso que eu achei engraçado e, inclusive, acabo falando sem perceber, isso é sotaque que eu peguei. Mas é nesse sentido, geralmente quando eu acho uma coisa bonitinho ou engraçadinho, mas não é frequente não.

A participante manifesta uma compreensão do conceito de sotaque como um conjunto de gírias adquiridas ao longo do tempo, um elemento que, embora seja considerado parte de sua identidade linguística, é abordado com certa conotação negativa. Este entendimento tem como base a percepção de que o sotaque não é algo estável, seja ele intencional ou humorístico, apesar da observação de que o uso ocasional de gírias pode ocorrer quando está desatenta. A noção dessa percepção do sotaque pode, de maneira direta, ter influenciado o modo como a participante identifica as características distintivas da variedade linguística local em Londrina, conforme ilustrado em sua resposta.

Ou seja, a entrevistada articula o sotaque como uma manifestação variável e, por vezes, inconsciente de gírias adquiridas, sendo esta concepção indissociável de sua identidade linguística. No entanto, ao mesmo tempo, ela aborda essa

característica com um juízo depreciativo, sublinhando sua instabilidade, falta de intencionalidade e o possível humor da utilização de gírias, ainda que admita a ocorrência ocasional de seu emprego sem pleno conhecimento. Tal entendimento do sotaque, evidentemente, pode ter tido uma influência direta na forma como a participante reconhece e interpreta os traços distintivos do falar londrinense, como exemplificado em sua resposta:

**Entrevistadora:** E como é que as pessoas de Londrina falam?

**Entrevistada:** Acho que falam, falam como eu, falam como eu estou habituada a ouvir, a gente não tem nenhuma característica diferente não, a gente não tem sotaque, isso é mais as pessoas de fora, a gente é normal, é neutro.

Para além de não identificar marcas londrinenses, ela acredita que não há sotaque em Londrina, tendo a cidade, portanto, um sotaque neutro. Da mesma forma, a entrevistada afirma que o sotaque está presente em outras localidades, logo, em outros falares que não o seu. Dessa forma, diferentemente do que se espera, ou seja, uma alternância do sotaque regional, geralmente estigmatizado, ela entende que o seu modo de falar seja o modo neutro, sem sotaque. Ademais, em sua fala, ela utiliza o adjetivo *normal* para definir o seu falar, reforçando que não reconhece na sua identidade linguística um dialeto regional.

Quando questionada sobre ter orgulho ou vergonha da sua forma de falar, sua resposta trouxe a questão do português padrão:

**Entrevistadora:** E você sente orgulho ou vergonha da sua forma de falar, do seu sotaque, ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistado:** Ah, sem tabu, mas não vejo muita diferença, mas acho que é gostoso falar assim, do jeito certo.

Embora a entrevistada não altere suas variantes regionais, nota-se como a marcação do plural permeou todas as fases da entrevista, mesmo nos momentos de maior espontaneidade. Este fenômeno revela-se um reflexo das complexas dinâmicas de identidade linguística em jogo. Apesar da falta de autoconsciência da entrevistada em relação ao uso de uma variante regional específica, seu emprego consistente do plural demonstra uma aspiração àquilo que se poderia denominar como uma noção normativa de correção linguística.

Este fenômeno linguístico aponta para uma relação entre a entrevistada e o conceito de norma culta. A utilização do plural, nesse contexto, sugere uma busca por alinhamento com essa norma da língua portuguesa, que suplanta as

características regionais. Em contrapartida, esse empenho pode ser interpretado como uma manifestação de identidade linguística que não está estritamente vinculada a uma região geográfica, mas sim à noção de conformidade com uma variante considerada correta e socialmente aceitável (Silva, 2000), indicando um deslocamento do foco da identidade regional para uma identidade associada a um padrão culto da língua.

Apesar da consistente marcação do plural durante o curso da entrevista, é perceptível que sua produção ocorre de maneira divergente do padrão antecipado em diversos momentos da interação linguística. Destaca-se, particularmente, o emprego de plural em vocábulos que naturalmente não requerem tal flexão, conforme exemplificado no trecho abaixo:

**Entrevistadora:** E o que você está achando do curso?

**Entrevistada:** No geral, assim?

**Entrevistadora:** Isso. No geral.

**Entrevistada:** Eu acho... eu gosto[s] do[s] curso, no[s] sentido... eu gosto[s] dos professores, no geral, e acho que nesse aspecto eu gosto bastante, sabe? Só a integração, assim, que não me pegou, mas a parte[s] das disciplinas, eu acho um bom curso.

Essa prática, atribuída à entrevistada, encontra justificativa no fenômeno de valorização social de discursos linguísticos tidos como corretos e à intrínseca aspiração de aderir à norma culta. Deste modo, têm-se a manifestação da busca por conformidade às expectativas estabelecidas em relação àquilo que é considerado linguisticamente adequado, mesmo quando esta não se faz estritamente necessária, configurando-se, portanto, como hipercorreção. Assim, esse processo pode ser compreendido como um reflexo das complexas dinâmicas sociolinguísticas e da importância socialmente conferida à norma culta.

## 7.5 Homem - Pedagogia - Primeiro Ano

O entrevistado, matriculado no primeiro ano do curso de Pedagogia, originário da cidade do Rio de Janeiro e residente em Londrina desde sua mudança motivada por uma oferta de emprego, um ano antes de ingressar na UEL, apresenta uma perspectiva propícia para a investigação de variações linguísticas resultantes de sua origem geográfica. Conforme revelado pelos dados disponibilizados pelo ALiB (2014), o Rio de Janeiro é caracterizado pela prevalência das variantes róticas fricativa glotal e fricativa velar, e expressa também uma gama de variantes lexicais

que, em algumas instâncias, podem divergir daquelas encontradas em Londrina. Nesse contexto, a indagação sobre possíveis modificações em sua fala em situações específicas objetiva aprofundar a compreensão da percepção do informante acerca de sua própria variante linguística. A resposta obtida revela nuances significativas, pois o entrevistado manifesta:

**Entrevistadora:** E em alguma situação, né? Você já modificou a sua forma de falar, talvez o seu sotaque, pra adaptar o modo de falar das pessoas do lugar onde você estava?

**Entrevistado:** Não. Pelo que é impossível fazer isso, né, ser construído historicamente, mudar de sotaque, mudar, num tem como, né?

A entrevistadora, ao indagar sobre a possibilidade de modificação na forma de falar do entrevistado, busca explorar as dinâmicas de adaptação linguística em contextos específicos. A resposta do entrevistado, contudo, reflete uma perspectiva enraizada na visão da linguagem como um fenômeno historicamente construído e, portanto, imune a alterações voluntárias, particularmente no que se refere ao sotaque. Do ponto de vista sociolinguístico, a resposta do entrevistado reflete uma visão sobre a estabilidade e a historicidade da linguagem, implicando que o sotaque é uma característica intrínseca e inalterável, moldada ao longo do tempo e influenciada por fatores históricos. Essa perspectiva pode ser interpretada como uma concepção da linguagem ancorada em aspectos estruturais e sociais, refletindo um entendimento sobre a linguagem como um fenômeno dinâmico, mas que se mantém invariável em termos de sotaque.

Além disso, a resposta do entrevistado possui implicações identitárias significativas. Ao afirmar que é *impossível fazer isso* em relação à modificação do sotaque, ele parece expressar uma conexão inalterável com sua identidade linguística, reforçando a ideia de que o sotaque é intrinsecamente ligado à sua história e identidade pessoal. Isso sugere uma percepção da linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como um elemento constituinte da identidade individual, que resistiria a adaptações conscientes. Apesar de apresentar uma avaliação positiva de seu modo de falar, o entrevistado relata que, por vezes, teve suas variantes regionais avaliadas negativamente:

**Entrevistadora:** Entendi. E você já passou por alguma situação constrangedora, talvez um pouco desconfortável, né? Às vezes nem tão constrangedora, mas um pouco desconfortável, relacionada ao seu sotaque, ao seu modo de falar.

**Entrevistado:** Com certeza, sem dúvida. Olha, eu vivo diariamente na minha instituição, na própria instituição de trabalho. Eu vim pra cá e eu fui primeiro colocado geral no concurso, né? E eu constato que por ser do Rio de Janeiro e outras características também, a gente recebe, a gente é vítima de alvo de bastante preconceitos, a gente é preterido, por exemplo, nas promoções, nas atividades, né, sem justificativa. Isso é diário no meu trabalho. E na universidade também, sempre tem um professor que pede pra repetir o que eu falei em uma apresentação porque diz que não entendeu. E quando eu morava no Rio isso não acontecia, então sei que é por conta do sotaque, o povo daqui não entende muito bem meu sotaque, tem dificuldade de entender. Eu também não entendia o sotaque deles quando eu me mudei pra cá, mas eu não vou ficar falando mal também dos caras, sabe? Mas já tive problemas com isso, de ter nota baixa porque o professor falou que não entendia meu sotaque e ele também nem se deu ao trabalho. Então a gente vê que é preterido.

A análise do fragmento acima suscita reflexões acerca de intrincadas questões relacionadas à identidade e ao preconceito linguístico que permeiam a experiência do entrevistado. O diálogo revela uma vivência marcada pela discriminação linguística, na qual o sotaque do entrevistado, vinculado à sua origem no Rio de Janeiro, emerge como objeto de preconceito, já que se nota, como afirma Orlandi (2009), uma tentativa de apagamento e silenciamento. Destaca-se que o entrevistado, mesmo ostentando êxito em sua instituição, se vê alvo de preconceitos, evidenciando a persistência de atitudes discriminatórias. A menção à sua posição como primeiro colocado geral ressalta não apenas sua competência profissional, mas também salienta que tal conquista não se mostra suficiente para transpor as barreiras impostas pelo preconceito linguístico. O entrevistado relata enfrentar situações constrangedoras e desconfortáveis devido ao seu sotaque, indicando que sua mudança resultou em uma alteração perceptível em seu *status* social, agora marcado por preconceitos e dificuldades de compreensão.

Faz-se pertinente notar que, na esfera universitária, o entrevistado se depara com resistência, sendo frequentemente instado a repetir sua fala em apresentações, sob a alegação de suposta incompreensão por parte de professores. Este comportamento revela-se como uma manifestação inequívoca de intolerância linguística, na qual o entrevistado é prejudicado de maneira injustificada, exemplificando o que traz de forma teórica Bagno (2005) ao afirmar que o preconceito enraiza-se de tal forma que termina por integrar a mentalidade e as ações dos sujeitos. Ademais, o entrevistado demonstra uma atitude reflexiva e ponderada ao reconhecer que, durante sua residência no Rio de Janeiro, experimentava um tratamento distinto. Tal percepção ressalta a dinâmica complexa

das relações sociais e evidencia a mutabilidade das dinâmicas de poder e estigma ao longo das mudanças de contexto geográfico e social.

Apesar da percepção por vezes negativa da sua variedade linguística, o informante não realiza nenhuma oscilação em sua fala, mantendo-se fiel às suas variantes regionais. Por fim, quando abordado acerca de ter orgulho de sua forma de falar, faz o seguinte comentário:

**Entrevistadora:** Perfeito. E você sente orgulho ou vergonha do seu sotaque, da sua forma de falar? Ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistado:** É irrelevante.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Entrevistado:** Me sinto... eu não acredito que isso justifique, defina a pessoa pelo sotaque, pela cor da pele. Pra mim é indiferente e vejo que quem se incomode com isso é que é o problema e não eu. O problema não tá em mim, tá em quem define isso como um problema. Quem quer continuar na ignorância, não é problema meu.

O fragmento em análise revela que, não obstante o entrevistado se depare rotineiramente com circunstâncias adversas que contrariam a manifestação de sua fala, ele empreende esforços para preservar a lealdade à sua identidade linguística (Botassini, 2015), solidificando-a mesmo em meio a um ambiente que, em princípio, poderia se configurar como um fator desencorajador. Adicionalmente, ressalta-se que o informante traz uma percepção consciente acerca de sua identidade linguística, considerando-a intrínseca à sua individualidade, e, de maneira notável, reprova as tentativas de menosprezo de sua variedade.

Observa-se, portanto, que o participante não internaliza as avaliações depreciativas em virtude de sua identidade linguística, preferindo resolutamente manter intactos os atributos que a compõem. Este comportamento reflete uma postura de resistência diante das pressões normativas que poderiam incitar a assimilação de padrões linguísticos hegemônicos, corroborando com a perspectiva do entrevistado de que sua identidade linguística é uma dimensão inalienável de sua própria subjetividade. Ao enraizar sua identidade na diversidade linguística, o entrevistado desqualifica as atitudes depreciativas que emergem de preconceitos linguísticos. Tal atitude denota uma consciência crítica diante da heterogeneidade linguística em contextos socioculturais que, muitas vezes, tendem a privilegiar determinadas variedades linguísticas em detrimento de outras.

## 7.6 Mulher - Pedagogia - Primeiro Ano

A discente do primeiro ano do curso de Pedagogia, natural de Londrina, viveu na cidade durante toda a vida o que, por conseguinte, influenciou a configuração de sua variedade linguística de maneira inerente à variedade regional. No entanto, quando questionada sobre variantes linguísticas, a entrevistada expressou uma avaliação desfavorável em relação à sua própria fala:

**Entrevistadora:** E tem algum que te irrita, que cê não goste muito, talvez não tenha tanta preferência ou você ache que soa meio esquisito, alguma coisa assim.

**Entrevistada:** Não é o esquisito, eu acho feio. É o porta, portão, é o nosso mesmo do, do sul. Por exemplo, tem nomes que nem Bernardo, que tem vários /R/ juntos fica, na minha concepção, fica feio, fica estranho de ficar falando.

Observa-se que a entrevistada descreve a variante rótica retroflexa a partir do emprego de adjetivos de conotação negativa, tais como *esquisito*, *feio* e *estranho*. Este fenômeno poderia ser interpretado como um indicativo de uma predisposição por parte da entrevistada em distanciar-se dessa variante, uma vez que a avalia de maneira desfavorável. Contudo, é pertinente ressaltar que, ao longo da entrevista, a participante não manifesta qualquer oscilação entre diferentes variantes linguísticas, mantendo-se consistentemente fiel à variedade linguística da região de Londrina. Notavelmente, quando questionada sobre a possibilidade de ter, em alguma situação específica, modificado seu sotaque, a entrevistada oferece a seguinte resposta:

**Entrevistadora:** Entendi. E em alguma situação, né? Tipo, viagem, trabalho, mesmo na própria universidade, enfim, você já modificou o seu sotaque, a sua forma de falar pra adaptar ao modo das pessoas do lugar onde você estava?

**Entrevistada:** Não, mas eu evitava de falar as palavras. Por exemplo, que nem tem uma, tem uma amiga minha que ela é daqui de Londrina mesmo e ela fala bergamota pra uma mexerica, tangerina, e aí de tanto ela falar isso, todas as vezes que a gente vai conversar com ela, a gente fala bergamota, porque ela sabe o que a gente tá falando, mas, por exemplo, quando a gente vai falar que nem mandioca, que tem aipim, macaxeira, tem vários, eu evito de falar. Eu evito de falar a palavra que tem diferença pra todo mundo, pra não causar discussão, às vezes a pessoa não entender e aí entrar num debate.

A partir da análise do comentário da informante, é possível discernir que, embora ela não modifique aspectos fonético-fonológicos em seu falar, realiza alterações em aspectos lexicais, optando por termos mais amplamente reconhecidos e evitando deliberadamente o uso de palavras de caráter mais regional. Este

comportamento evidencia a percepção da entrevistada de que determinados elementos de sua identidade linguística devem ser omitidos em ambientes multidialetais. Tal atitude pode ser interpretada como um reflexo inconsciente de uma possível aversão ao seu modo de falar (Bergamaschi, 2006), entretanto, neste contexto específico, manifesta-se como uma escolha consciente de adaptar sua linguagem para assegurar um entendimento comum. Essa adaptação linguística parece refletir não uma reação defensiva relacionada à possível vergonha de sua variante linguística, mas uma estratégia para nivelar o discurso a fim de evitar conflitos potenciais que poderiam surgir em virtude do emprego de uma variante lexical específica. A própria entrevistada reconhece esse intento ao mencionar sua intenção de evitar possíveis desentendimentos. Este aspecto não apenas lança luz sobre o caráter multifacetado da identidade linguística da informante, mas revela a dinâmica intrínseca do ambiente em que ela se insere, evidenciando a existência de potenciais discordâncias decorrentes de divergências linguísticas.

A visão da entrevistada acerca de seu modo de falar também se revela ao ser questionada sobre ter orgulho ou não de sua variedade linguística:

**Entrevistadora:** Perfeito. E você sente orgulho ou vergonha do seu sotaque e da sua forma de falar ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistada:** Aí, é irrelevante. Pra mim é... pra mim é, muito, é característico, né, é uma, é uma característica minha, então, não tem nem porque ter vergonha ou me incomodar com isso.

A resposta fornecida pela informante revela uma notável ambiguidade, na medida em que ela emite uma avaliação desfavorável em relação à variante retroflexa, preponderante em todas as ocorrências de sua fala. Entretanto, quando indagada sobre seu orgulho em relação à sua forma de falar, a entrevistada considera a questão como irrelevante, atribuindo as características de seu falar a elementos intrínsecos de sua identidade, desprovidos de valoração positiva ou negativa. Este discernimento suscita a reflexão sobre a complexidade inerente à percepção que a informante detém sobre sua própria linguagem.

A avaliação apresentada pela entrevistada enfatiza que as escolhas linguísticas por ela realizadas, as quais minimizam traços regionais, estão mais intimamente relacionadas à sua percepção do ambiente que a circunda e à dinâmica interpessoal do que a uma visão intrinsecamente negativa em relação aos termos mais regionais. Mesmo a avaliação desfavorável da variante retroflexa parece estar

sujeita à influência externa, derivada do grupo social ao qual a entrevistada está inserida, em contraponto a uma opinião internalizada. Este fenômeno sugere que a contínua utilização da variante retroflexa pode ser atribuída, em parte, à consideração da informante em relação às expectativas e normas sociais, e não necessariamente a uma resistência pessoal. Portanto, é plausível inferir que a informante, ao adotar uma postura mais crítica em relação à variante retroflexa, possa estar internalizando percepções e padrões normativos externos, os quais podem, de certa forma, moldar sua atitude em relação ao uso persistente desta variante específica.

### 7.7 Homem - Pedagogia - Último Ano

O informante do sexo masculino do último ano de Pedagogia nasceu e criou-se na localidade de Londrina, o que é reiterado a partir das variantes utilizadas por ele, que são características da região, como a variante rótica retroflexa. Apesar disso, quando questionado sobre ter um sotaque que venha a ter predileção, ele cita o sotaque nordestino:

**Entrevistadora:** E tem algum sotaque do Brasil que você goste mais, tenha preferência, ache mais bonito?

**Entrevistado:** Sim, do Nordeste.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Entrevistado:** Que eu acho que, não sei lá que puxa o /R/, mas e... é, também tem a questão do jeito de falar e também tem a questão de ter uma banda que eu gosto bastante, que é Nação Zumbi, eu gosto bastante, eu gosto do jeito que o pessoal fala, assim, eu acho que é um jeito mais harmonioso, sabe? É gostoso de ouvir.

**Entrevistadora:** Perfeito. E tem algum te irrita, que não goste tanto, soe estranho para você?

**Entrevistado:** Ah, eu acho que não.

**Entrevistadora:** Nenhum?

**Entrevistado:** Não.

Observa-se que, apesar da predileção manifesta do participante pelo sotaque nordestino, não se evidencia, em seu falar, qualquer interferência dessa variedade na configuração de seu próprio sotaque. Importa salientar, adicionalmente, que a avaliação positiva atribuída ao falar nordestino não se traduz em uma avaliação negativa de seu próprio sotaque, nem de quaisquer outros, uma vez que o informante declara não nutrir avaliações negativas em relação a nenhum tipo de sotaque. Nesse contexto, torna-se evidente que a apreciação positiva de uma variedade linguística distinta está intrinsecamente vinculada à afinidade musical do

participante, sem, contudo, induzir a modificações em seu próprio modo de expressão. No entanto, é relevante notar que o informante, em um momento subsequente da entrevista, manifesta certa dificuldade em reconhecer as variantes linguísticas caracterizadoras da fala londrinense. Tal fenômeno, sugerindo uma certa inabilidade em identificar e discernir as características específicas do falar local, ressalta nuances na percepção do participante em relação às variantes dialetais presentes em sua própria comunidade linguística:

**Entrevistadora:** E como é que as pessoas, aqui de Londrina, falam?

**Entrevistado:** Ah, é difícil falar, é que, pra mim, elas falam normal, parece normal, sabe? Porque eu sei que têm as especificidades da nossa região, sabe? É... mas assim eu não consigo desti... distinguir, assim, se puxa muito o R, ou se puxa muito o S, se faz algo mais nasa ... nasal ou menos. Mas, por isso que eu falo, parece que a gente não tem, daqui de Londrina, não tem tanto sotaque, sabe? Mas assim, se a gente for para qualquer outro lugar, o pessoal vai falar que a gente tem sotaque, sim.

Verifica-se que o participante utiliza a locução *parece normal* para caracterizar o sotaque inerente à localidade de Londrina. Essa expressão revela-se como um reflexo da familiaridade do entrevistado com a sonoridade linguística predominante em seu ambiente cotidiano, conferindo-lhe a percepção de normalidade. Tal fenômeno pode ser atribuído à repetição auditiva constante desse sotaque no âmbito cotidiano do informante, conduzindo-o a internalizar essa variante como a norma padrão da fala local. Ademais, é pertinente considerar que, em muitas instâncias, os falantes tendem a subestimar a singularidade de sua própria variedade linguística, especialmente quando não se encontram em situações de confronto explícito entre diferentes variantes.

Não obstante, é crucial enfatizar que essa utilização da expressão *parece normal* não implica necessariamente uma concepção de que Londrina seja destituída de sotaque. Em vez disso, denota uma manifesta conformidade do falante diante de um padrão linguístico internalizado pelo hábito e pela ausência de um contexto de confronto explicitamente comparativo de variantes. Por fim, faz-se necessário destacar que a visão que o entrevistado tem da língua irá influenciar em sua forma de abordar essa temática em sala de aula, inferindo que o participante siga profissionalmente na área cursada. Percebe-se que há certo desconhecimento do que seja a variação linguística e como ela se manifesta, ideia que pode ser transferida aos alunos e, talvez, perpetuar conceitos que possam levar ao preconceito linguístico em certo grau. Além disso, a expressão “parece normal” leva

a acreditar que exista um falar que não seja normal, o que, mesmo que de forma inconsciente, auxilia na conservação de estigmas existentes.

### 7.8 Mulher - Pedagogia - Último Ano

A participante do último ano de Pedagogia nasceu na localidade de Assaí e, durante o final da adolescência, mudou-se para Palmas, Tocantins, e, em seguida, por conta da faculdade, mudou-se para Rolândia, onde reside atualmente. Seu pai é natural de Assaí e sua mãe é natural de Araguaína, Tocantins. Apesar disso, sua variedade é referente à região de Londrina, o que se justifica por ter passado grande parte da vida na região. Embora tenha um histórico linguístico diverso, a entrevistada não comenta sobre as variantes linguísticas regionais, voltando suas respostas sempre para aspectos mais normativos da língua, como se vê no excerto abaixo:

**Entrevistada:** Eu, eu presto muita atenção na pronúncia das palavras, sabe? Por exemplo, pessoas que falam... problema, né? Fala *probrema*. Assim, quando troca uma letrinha ou outra, acho que pelo fato de ser professora, né? Isso acaba me pegando muito.

Observa-se que a avaliação normativa desempenha um papel preponderante na configuração da percepção linguística da participante. Emerge de suas declarações a constatação de que as dimensões normativas exercem uma influência mais acentuada sobre sua consciência linguística, sendo percebidas como mais relevantes e capazes de captar sua atenção de maneira mais incisiva. Além disso, ela expressa que tal fenômeno pode ser justificado pela sua ocupação como docente. Este dado revela que a posição social que a entrevistada ocupa como professora instiga a formação de sua perspectiva normativa, indicando uma vinculação intrínseca entre sua identidade profissional e sua visão em relação à norma linguística. Nesse sentido, evidencia-se a compreensão da entrevistada de que sua inserção no campo educacional não apenas a orienta, mas a estimula a adotar uma postura específica em relação à norma, corroborando a tese de que há uma pressão social intrínseca para que profissionais ligados à educação, bem como aqueles inseridos no ambiente universitário, adiram à norma culta.

Destaca-se ainda que a não conformidade com os padrões normativos parece constituir um elemento que não apenas atrai sua atenção, mas lhe causa

desconforto, mesmo que essa reação não esteja plenamente explícita em sua fala. Notam-se também esses aspectos abordados quando a entrevistada é instigada a refletir sobre a possibilidade de ajustar sua fala em determinadas situações:

**Entrevistadora:** E em alguma situação seja na universidade, seja fora dela, fora, fora de Londrina, enfim... Você já modificou sua forma de falar pra adaptar o modo de falar das pessoas do lugar onde você estava?

**Entrevistada:** Ah, tentar falar de forma mais formal. Mas sotaque não.

O presente comentário elucida a inclinação da entrevistada em direção à conformidade com o padrão culto da língua, indicando uma busca consciente por alinhamento linguístico que se insere, possivelmente, no contexto universitário que frequenta e em sua posição de docente. Este traço distintivo de sua identidade linguística destaca-se como uma ênfase notável, superando, inclusive, considerações regionais que, em sua fala, ocupam uma posição menos proeminente. Emerge, assim, a percepção de que a entrevistada atribui maior relevância à adesão aos preceitos da norma culta em detrimento de aspectos regionais, evidenciando uma preferência marcada por um registro linguístico mais formal e revelando a ação de uma força atrativa em direção a essa norma que se concretiza na fala (Faraco, 2008).

Este posicionamento da informante não apenas atesta suas próprias valorações linguísticas, mas também denota a presença de imperativos contextuais que moldam suas preferências linguísticas. A positiva avaliação da entrevistada em relação à norma culta e a um falar mais formal revela-se, portanto, como um reflexo não apenas de seu discernimento pessoal, mas como uma resposta adaptativa às expectativas e demandas impostas pelo contexto acadêmico e profissional que integra. A análise de sua inclinação para um registro mais formal não se limita a uma perspectiva individual, mas se desdobra em um fenômeno sociolinguístico, evidenciando a interseção entre identidade linguística, normas sociais e o ambiente educacional que permeia sua trajetória.

## 7.9 Homem - Letras - Primeiro Ano

O informante do primeiro ano de Letras Vernáculas nasceu na localidade de Londrina, além de ter morado na cidade durante toda a vida e ter pais também nascidos e criados na cidade. Dessa forma, espera-se que ele adote a variante

retroflexa. No entanto, o participante só utiliza o retroflexo duas vezes durante o relato pessoal nos vocábulos *perdido* e *encontrar*. Em todos os outros casos, predomina o tepe, como se observa abaixo:

**Entrevistado:** Eu acho que é um cu[r]so com bastante opo[r]tunidade e às vezes deixa a cabeça do aluno um pouco pe[r]dida po[r]que é várias matérias que uma parece que confronta a outra e no começo a gente fica um pouco pe[.]dido, mas depois eu consegui me encontra[.] melho[r].

Em um determinado momento da entrevista, o participante comenta sobre a variante retroflexa, como indicado abaixo:

**Entrevistadora:** Entendi. E como é que as pessoas aqui de Londrina falam?

**Entrevistado:** Tipo interior, né? Puxa o R e essas coisas.

O referido comentário, correlaciona-se com a ausência quase completa da variante retroflexa na sua fala e sugere a possibilidade de uma avaliação desfavorável por parte do entrevistado em relação ao sotaque londrinense. Este julgamento negativo parece, por conseguinte, refletir uma intenção deliberada de distanciamento por parte do entrevistado em relação à identidade linguística associada a este sotaque, em prol da adoção de outra variante fonética. Faz-se necessário ressaltar que o informante cita a variante rótica tepe quando comenta sobre adquirir outras variantes, como trazido na sequência:

**Entrevistadora:** E em alguma situação, né? Seja na universidade, seja em alguma viagem, enfim, em qualquer contexto, você já modificou a sua forma de falar pra adaptar ela ao modo de falar das pessoas, do lugar onde você estava.

**Entrevistado:** Sim, sim, já.

**Entrevistadora:** Pode contar alguma situação assim mais específica?

**Entrevistado:** Quando eu fui pra Curitiba, eu acabei pegando o sotaque deles, o tepe, mas não proposital. Foi uma coisa que foi acontecendo ali, sabe.

O comentário acima não somente evidencia a preferência do entrevistado pela variante tepe, mas também sugere sua inclinação em direção a um grupo específico com o qual deseja se identificar. Se o entrevistado associa a variante londrinense a uma conotação interiorana e a avalia negativamente, ele, de forma possivelmente consciente, apesar de declarar que a mudança ocorreu de maneira espontânea, demonstra um desejo de se assemelhar a uma variante regional que considera ser de maior prestígio. Adicionalmente, em outro momento da entrevista, o entrevistado discorre sobre sua apreciação em relação a outras variantes regionais e delinea sua concepção do que ele considera um "falar correto":

**Entrevistadora:** Perfeito. E tem algum que te irrite ou que você não goste tanto. Talvez soe um pouco estranho pra você.

**Entrevistado:** De Paulista.

**Entrevistadora:** E como que é o sotaque paulista?

**Entrevistado:** Eu acho que muita gíria, muito aquela, aquela coisa da malandragem me incomoda. A gente tem que ter um certo prezo pela língua, um certo cuidado com ela, não pode ficar falando gíria, abreviando as coisas, tem que falar certo, a gramática existe por um motivo, pra gente seguir ela e lá na gramática você não vai encontrar gíria de malandro, nem o R do interior, acho que isso diz muito.

Observa-se, em um primeiro momento, que o entrevistado explicita sua concepção de que a fala deve aderir às prescrições da gramática. Embora não especifique de maneira explícita, pode-se deduzir que ele se refere à gramática normativa. A atitude positiva em relação a essa gramática normativa parece incitar o entrevistado a buscar distanciamento de elementos que julga estar em discordância com seus padrões, como gírias, abreviações e, notavelmente, a própria variante rótica, tal perspectiva motivando-o a evitá-la em sua fala. Nesse sentido, a sua concepção da língua e de gramática exerce influência direta sobre sua identidade linguística, orientando suas escolhas em relação a este aspecto. A preferência pela gramática normativa, em detrimento de variantes não prescritas, implica, portanto, um processo de construção de identidade linguística que alinha o entrevistado com uma concepção de língua que valoriza a correção normativa, em detrimento de formas linguísticas percebidas como coloquiais ou não conformes às normas prescritivas. Essa dinâmica reflete a complexa interação entre atitudes linguísticas, prescrições normativas e a construção da identidade linguística individual.

#### 7.10 Mulher Letras - Primeiro Ano

A entrevistada do sexo feminino do primeiro ano de Letras Vernáculas nasceu em Londrina e residiu na cidade a vida inteira. Apesar disso, utiliza a variante tepe, distinto do retroflexo esperado para a localidade, como ilustrado a seguir:

**Entrevistada:** Ah, aqui no Brasil... eu nunca pensei, assim, tipo, talvez passar um tempo em São Paulo pra faze[r] algum cu[r]so. Mas passa[r] um tempo, não mora[r] po[r] muito tempo, sabe? E não é uma cidade assim que eu me vejo morando muito. Agora eu tenho muita vontade de mora[r] um bom tempo fora. Mas aí fora do Brasil mesmo, assim, pra estuda[r], principalmente, que lá tem muita opo[r]tunidade.

Em contraste com o participante previamente analisado, cuja fala incluiu duas ocorrências da variante retroflexa, a informante não alternou, em nenhuma

circunstância, o retroflexo, fazendo uso, consistentemente, do tepe. Nas perguntas finais, quando questionada sobre suas preferências linguísticas, a informante faz o seguinte comentário:

**Entrevistadora:** Entendi. E qual o sotaque do Brasil você mais gosta ou você talvez tenha uma preferência, acha mais bonito, tem algum?

**Entrevistada:** Ah, eu gosto muito do... do... do norte.

**Entrevistadora:** Como que é esse sotaque?

**Entrevistada:** É que eu acho que, pra mim, é, não sei, eu também posso estar errado, faz muito tempo que eu fui pra lá. Mas, pra mim, é tipo um, um carioca mais leve. Sabe? Pra mim é mais ou menos assim, então eu acho bonito, assim, porque não fica aquela coisa, assim, que fica, tipo, ai, que o /S/ fica muito chiado, sabe? O /R/ muito na garganta, fica um... fica gostoso de ouvir, eu gosto.

Com base na análise deste comentário, é possível deduzir uma inclinação aparente da entrevistada em direção à preferência da sonoridade dos fonemas róticos mais fracos, o que, por conseguinte, poderia induzi-la a evitar a utilização da variante retroflexa. Esta predileção fonética também poderia motivá-la a adotar uma postura distante em relação ao uso da variante linguística regional londrinense, com o propósito de se alinhar mais fortemente com as variantes que ela percebe como detentoras de maior prestígio. Somam-se a isso os comentários específicos acerca do falar de Londrina:

**Entrevistadora:** Entendi. E tem algum que te irrita ou às vezes nem te irrita mas talvez você não goste tanto? Tem alguma coisa assim?

**Entrevistada:** Aquele muito do sul, assim, tipo, bem puxado, sabe, aqueles que exagera bastante no /D/ e /T/... que fala tudo, não sei, parece, pra mim, eu sinto como se tivesse falando tudo um quadrado, fico meio... mas tem que ser muito também.

**Entrevistadora:** Entendi. E como é que as pessoas aqui de Londrina falam, você consegue identificar, assim?

**Entrevistada:** O que eu mais sinto é o do porta, né, interior. O /R/ puxado, mas de resto, assim... o porta, né?

Novamente, é perceptível que a participante manifesta certa aversão aos sotaques mais sulistas do Brasil, caracterizando-os com adjetivos negativos. No que tange especificamente ao sotaque londrinense, ela o concebe como uma manifestação linguística associada a um contexto interiorano. Essa perspectiva suscita a hipótese de que a participante perceba essa variedade linguística como socialmente desprestigiada, o que, por conseguinte, poderia motivá-la a adotar uma postura de distanciamento, procurando se aproximar das variantes linguísticas que ela considera mais prestigiadas.

A partir dessa análise, tem-se a conclusão de que a informante está moldando sua identidade linguística com base em aspirações sociais preexistentes e em conformidade com o que ela acredita ser de maior prestígio sociolinguístico. Dessa maneira, evidencia-se que a identidade linguística da participante não é composta unicamente das variantes características de Londrina, mas de variantes, como o tepe, que, provavelmente, julga de maior prestígio e que, em sua concepção, auxilia na imagem, na identidade que almeja projetar aos demais membros do grupo social que ela integra. Essa dinâmica entre a identidade linguística, a percepção social e a busca por prestígio ilustra a influência dos fatores sociais na configuração da identidade linguística individual.

#### 7.11 Homem - Letras - Último Ano

O informante do sexo masculino do último ano do curso de Letras Vernáculas nasceu em Curitiba, no entanto morou em Maringá antes de passar a residir em Londrina. Assim, o entrevistado oscila, em alguns momentos, entre as variantes róticas tepe e retroflexa, em especial nos momentos de relato pessoal, como está ilustrado no excerto abaixo:

**Entrevistado:** É, acho que as duas coisas que mais ma[r]caram no cu[r]so foram a minha, assim, tiveram alguns professores específicos de aulas específicas que me ma[r]caram, mas o que mais se destaca seria a pa[j]ticipação que eu tive no centro acadêmico que foi uma... teve seus momentos negativos mas, no geral, pra mim, foi um saldo muito positivo enquanto experiência, tanto política quanto humanamente, quanto dentro da minha própria fo[j]mação enquanto estudante e minha pa[j]ticipação no projeto da professora [...]

Compreende-se que o sujeito entrevistado, em virtude de sua experiência contextual nas geografias linguísticas de Londrina, onde a variante predominante é a retroflexa, e de Curitiba, caracterizada pela presença do tepe, manifesta uma notável oscilação entre essas duas realizações fonéticas. Essa oscilação revela a tessitura de sua identidade linguística, que se destaca por ter incorporado as distintivas características fônicas de ambas as localidades. Este fenômeno linguístico se insere em um contexto mais amplo de aquisição e adoção de traços fonéticos regionais e locais por indivíduos que, de alguma forma, transitam entre diferentes comunidades linguísticas.

A incorporação das características retroflexas e tepe na fala do entrevistado reflete não apenas sua vivência nas duas localidades, mas também a influência do ambiente linguístico em sua trajetória identitária. Tais elementos fonéticos são portadores de significado social e podem ser percebidos como marcadores de identidade regional, denotando o processo de hibridização e adaptação fonológica que caracteriza a dinâmica do uso da língua em contextos multilíngues e multiculturais. Faz-se necessário ressaltar que, quando questionado acerca de sua visão sobre as variantes linguísticas, o entrevistado tece o seguinte comentário:

**Entrevistadora:** E tem algum que te irrita, que você não gosta, enfim, te desagrada?

**Entrevistado:** De gente rica.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Entrevistado:** Ah, porque, não sei se é uma coisa muito minha, mas acho que é uma questão de entonação, sinto um... uma soberba na entonação. Um vocabulário que tende a ser inacessível com a simples desculpa de ser acadêmico, chique, quando a gente sabe que o propósito é a exclusão.

Verifica-se que o informante, em sua avaliação do contexto da norma culta, categoriza-a como "de gente rica" e associa tal variedade linguística a uma avaliação negativa. Esta avaliação reflete uma percepção de que a norma culta é um componente de um processo de exclusão social, ao invés de uma categoria linguisticamente inerente. Nesse sentido, o informante manifesta um juízo crítico em relação a essa variedade, apesar de pertencer a um grupo que tende a avaliá-la positivamente. Além disso, observa-se que o entrevistado enfatiza a inacessibilidade da norma culta, intrinsecamente vinculada a barreiras socioeconômicas e culturais, as quais limitam o acesso de determinados estratos sociais a essa norma linguística, reforçando a percepção do informante de que a norma culta está ligada a um elitismo social.

Esse conjunto de reflexões e percepções do entrevistado lança luz sobre questões mais amplas relacionadas à interação entre língua, classe social e exclusão social. A noção de "sotaque" atribuída à norma culta revela a confluência de fatores linguísticos e socioeconômicos na formação da identidade linguística e das atitudes linguísticas do informante. Por fim, resalta-se o comentário do informante sobre a sua percepção acerca da sua variante linguística, ilustrado abaixo:

**Entrevistadora:** E você sente orgulho ou vergonha da sua forma de falar ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistado:** Sinto orgulho.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Entrevistado:** Acho que faz muita parte da minha formação como, tanto como falante, como ser humano.

Nesse contexto, é possível observar que o entrevistado atribui um valor mais positivo à preservação da diversidade linguística do indivíduo em contraste com a adoção da variedade linguística considerada normativa pelo grupo social. Esta perspectiva demonstra a importância que o entrevistado atribui à manutenção das particularidades linguísticas que caracterizam a sua fala pessoal. Além disso, o entrevistado manifesta uma consciência de que sua forma de falar está intrinsecamente ligada à sua identidade como sujeito, ressaltando seu orgulho em relação ao seu falar. Dessa forma, reforça-se a compreensão das relações entre a variedade linguística que os indivíduos carregam e a construção de suas identidades. A atitude do entrevistado ilustra a interseção entre a linguagem e a identidade, destacando como a diversidade linguística desempenha um papel crucial na formação e na expressão da identidade individual. Portanto, essa percepção pode ser vista como um reflexo das dinâmicas socioculturais que influenciam a linguagem e sua relação com a construção da subjetividade.

#### 7.12 Mulher - Letras - Último Ano

A participante do sexo feminino do último ano do curso de Letras Vernáculas é nascida e criada na cidade de Londrina. A mãe da entrevistada também é nascida e criada em Londrina, mas o pai nasceu no Ceará, precisamente em Fortaleza, e lá residiu até os 35 anos, quando se mudou para Londrina. Segundo dados do ALiB (2014), o /R/ em coda silábica, tanto interna quanto externa, em verbos e nomes na localidade de Fortaleza, é realizado como fricativo glotal. Já na cidade de Londrina, a variante rótica predominante é a retroflexa. Essas duas variantes são distintas se pensarmos na escala dos róticos fortes e fracos, o que, de forma geral, não propicia a alternância entre elas. Entretanto, a entrevistada alterna, de forma consistente, entre esses dois róticos, como se vê no trecho abaixo:

**Entrevistada:** Bom, levando em considerações o meu histórico familia[h] que eu fui a primeira pessoa a consegui[u] um diploma de ensino superio[h], não vou dize[u] que houve uma certa influência, na ve[h]dade houve uma insistência pra que eu estudasse. A área de estudo ficou ali a livre escolha minha. Tanto que antes eu tinha feito um outro cu[u]so que não tinha nada a ve[u] com isso.

A alternância linguística identificada na fala da informante pode ser atribuída a diversos fatores, destacando-se, inicialmente, a influência paterna como um aspecto relevante. A interação da informante com seu pai ao longo de sua formação linguística pode ter desempenhado um papel crucial na adoção da variante glotal. Tal influência paterna pode ser compreendida como um aspecto importante no processo de aquisição e adaptação de padrões linguísticos, uma vez que as crianças frequentemente modelam sua linguagem com base nas figuras parentais.

Por outro lado, a escolha da variante retroflexa em sua fala pode ser relacionada à localidade em que a informante reside e à influência da variante materna. A cidade em que a informante habita pode representar um ambiente linguístico específico, no qual a variante retroflexa se destaca como a forma dominante. O ambiente linguístico local exerce uma influência significativa sobre a aquisição e a manutenção de traços linguísticos específicos, uma vez que os indivíduos tendem a se adaptar aos padrões linguísticos predominantes em sua comunidade. A identidade linguística da informante é, portanto, moldada, entre outros fatores, por essas duas variantes róticas, que se manifestam em sua fala. Além disso, ao ser questionada sobre ter uma preferência de algum sotaque, a informante faz o seguinte comentário:

**Entrevistadora:** E qual o sotaque do Brasil que você mais gosta ou você acha mais bonito?

**Entrevistada:** Nordestino.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Entrevistada:** Especialmente o R que eu acho eu acho muito charmoso a forma, ai, esqueci da palavra, que é mais... eu percebo que o R de Londrina é mais como um rosnado, mais puxado. Principalmente o R mais nordestino, ele é mais, ai meu Deus, esqueci a palavra, uma pessoa formada em letras esquecendo disso. Ela vai muito mais ao céu da boca, isso que eu quero dizer. Acho, eu acho muito mais, não vou dizer elegante, porque eu acho que isso é muito elitista dizer, mas... Tem uma sonoridade muito bonita. Acho que até muito musical, né? Pessoas que costumam lidar com música, vai poder ser mais eloquente com relação a isso, mas eu acho muito musical o sotaque nordestino.

Evidencia-se que a entrevistada exibe uma perspectiva favorável em relação ao sotaque nordestino, particularmente no que diz respeito ao uso do rótico, como se observa a partir da utilização de adjetivos positivos em sua descrição. Contrariamente, seu retrato do rótico predominante na cidade de Londrina é caracterizado por adjetivos de cunho negativo. Essa avaliação subjetiva das qualidades fonéticas dos diferentes sotaques pode, por sua vez, desempenhar um

papel relevante na manifestação da variante glotal em sua fala, contribuindo para a dinâmica de alternância linguística que se manifesta na entrevista.

Esse contraste nas apreciações da entrevistada em relação aos sotaques regionais sugere certa relação entre as escolhas linguísticas e o comportamento fonético, acentuando a interligação entre a percepção subjetiva e a produção linguística. A tendência da entrevistada em valorizar o sotaque nordestino e o uso da variante glotal pode ser resultado de influências socioculturais e de suas experiências pessoais, as quais desempenham um papel significativo na construção das atitudes linguísticas individuais. Na pergunta subsequente que indaga sobre preferências ou desgostos em relação a algum sotaque, a entrevistada fornece a seguinte resposta:

**Entrevistadora:** Perfeito. E tem algum que te irrita, que não goste...

**Entrevistada:** Sulista.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Entrevistada:** E... como que eu vou dizer? Eu sei que não é forçado, mas eu, eu não sei se a minha convivência assim da região de Londrina, mas me parece muito, muito puxado. Sulista... mais falando, sei lá, sotaque curitibano, sotaque gaúcho. Esses sotaques. Leite. Tu. Ah, não sei, me parece, me parece muito forçado embora eu saiba que não é.

Sobre a percepção negativa manifestada pela entrevistada com relação à variante retroflexa, é plausível inferir a possível presença de uma tendência em distanciar-se de tal variante, o que, por conseguinte, reflete-se em uma dissociação identitária em relação ao grupo que emprega essa variante. Tal fenômeno linguístico se concretiza através da manifestação de uma alternância entre as variantes róticas. Esse processo sugere um complexo entrelaçamento entre as atitudes linguísticas individuais e a construção da identidade sociolinguística. A oposição da entrevistada pela variante retroflexa pode ser interpretada como um ato simbólico de afiliação ou desvinculação identitária em relação a grupos sociais ou geográficos específicos. Por fim, quando questionada sobre ter orgulho ou vergonha de seu falar, a entrevistada responde:

**Entrevistadora:** E você sente orgulho ou vergonha da sua forma de falar ou pra isso ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistada:** Eu acho indiferente, eu acho que é uma mar[ç]ca de identidade regional e acho que ninguém deve ter ve[ç]gonha da fo[h]ma que fala, especialmente se descarrega um pouco da sua identidade em relação a onde você nasceu, onde você cresceu, isso é cultural e identitário e as pessoas que colocam isso numa situação de ve[h]gonha, acho que não tem consciência do que é uma identidade de uma língua.

Inicialmente, merece destaque a presença de alternância linguística na fala da informante, mesmo quando ela está sendo questionada sobre a percepção acerca de sua fala. Este fenômeno evidencia que ambas as variantes linguísticas estão entrelaçadas, apesar de sua avaliação negativa em relação a uma delas. Esta alternância linguística observada na fala da informante denota a coexistência de traços fonéticos distintos em seu repertório linguístico, mesmo durante um contexto de reflexão consciente sobre sua linguagem. Além disso, em um segundo momento, é possível observar que a informante demonstra estar consciente acerca da dimensão identitária da língua. Esse posicionamento contrasta, de certa forma, com a realidade manifestada ao longo da entrevista, onde a informante, por meio de sua alternância linguística, afasta-se de uma das variantes em questão. Este contraste entre a postura declarativa da informante e sua prática linguística observada na entrevista destaca as nuances envolvidas na relação entre identidade linguística e ação linguística (Silva, 2000), apontando para a existência de múltiplos fatores influenciando a performance linguística de um sujeito.

Neste capítulo, foram trazidas as análises qualitativas dos 12 entrevistados dos três cursos de graduação escolhidos: Direito, Letras e Pedagogia. Para isso, optou-se por analisar individualmente cada um dos participantes, de forma a entender como as suas variantes linguísticas se relacionam com a formação da identidade e explicitam a marca identitária de cada entrevistado. De maneira geral, constatou-se, por meio das entrevistas realizadas com os participantes do curso de Direito, uma inclinação à aplicação da marcação do plural no segundo termo das sentenças, excepcionando-se o momento da leitura do texto. Essa propensão não se manifesta em um dos entrevistados, haja vista sua maior atenção voltada para a palatalização das oclusivas, o que o leva a concentrar-se nesse aspecto em detrimento da marcação de plural.

No que tange aos estudantes do curso de Pedagogia, observa-se que estes tendem a abordar, em seus comentários, aspectos relacionados à variação regional, diferentemente dos alunos do curso de Direito, os quais direcionam suas considerações principalmente para aspectos da norma culta. Nota-se que, nas entrevistas realizadas neste curso, destaca-se a dimensão didática da variação linguística. Nesse contexto, pode-se verificar sobre aquilo que percebem como erros na língua portuguesa, bem como sobre a postura que um educador deve adotar ao ocupar o papel de docente. Por último, no contexto do curso de Letras, evidencia-se

uma preferência dos entrevistados pelo uso do tepe, mesmo entre aqueles que são naturais de localidades onde essa variante não predomina. Tal fato indica uma concepção subjacente sobre o que constitui uma fala correta, sugerindo a existência de uma variante considerada prestigiada. Além disso, essa preferência denota uma busca por alinhar a identidade linguística dos entrevistados a uma variante que eles percebem como portadora de maior prestígio.

No próximo capítulo, traremos as conclusões desta dissertação.

## **8 NO FIM, UM RECOMEÇO: DESAFIOS, DESCOBERTAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE**

Apresentam-se, a seguir, as conclusões obtidas a partir das análises, quantitativa e qualitativa que compõem este estudo acerca dos processos linguísticos e identitários estudados nesta dissertação: /S/ como marca de plural, palatalização das oclusivas alveolares /D/ e /T/, apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/ e variantes róticas em coda silábica.

Responde-se, dessa maneira, à pergunta de pesquisa (há variação linguística na fala culta de estudantes dos cursos de Letras, Direito e Pedagogia da UEL?), observando-se que, de fato, há variação no falar dos universitários e, portanto, é coerente afirmar que há variação na norma culta. Tomando essa afirmativa como base, descreveram-se as variantes morfofonológicas presentes nos cursos escolhidos, objetivo geral definido para este estudo. Para isso, verificou-se se há relatos de constrangimento ou preconceito linguístico, o que se mostrou verdadeiro, além de avaliar a variação do PB no ambiente universitário e a constituição da identidade linguística dos informantes, análises estas realizadas tanto a partir de métodos quantitativos quanto qualitativos, sendo estes os objetivos específicos desta pesquisa.

A partir do referencial teórico escolhido e dos objetivos definidos, verificaram-se as hipóteses levantadas. A primeira hipótese - estudantes dos primeiros anos de outras localidades trazem variantes linguísticas que diferem daquelas que caracterizam o falar londrinense e, por isso, sofrem preconceito linguístico - mostrou-se parcialmente verdadeira, uma vez que estudantes de outras localidades relataram que suas variantes linguísticas são vistas negativamente, no entanto, essa regra não foi categórica para todos os informantes. A segunda hipótese de pesquisa - estudantes dos últimos anos de outras localidades incorporam variantes linguísticas que caracterizam o falar londrinense - também se mostrou parcialmente verdadeira, já que, assim como a primeira, não foi categórica para todos os entrevistados. Já a terceira hipótese - as variantes cultas predominam no falar dos informantes universitários, independentemente do ano e do curso - foi confirmada, pois nota-se, nas análises, uma valorização dessa norma por parte da comunidade universitária. A última hipótese - há variantes linguísticas que

caracterizam o falar dos informantes de cada um dos cursos - também foi confirmada, especialmente quando observadas as análises quantitativas.

Em se tratando especificamente da parte quantitativa, observou-se que os estudantes tendem a aproximar as suas variantes das variantes dos outros sujeitos pertencentes ao mesmo grupo, fazendo que se possa caracterizar cada um dos cursos a partir de seus informantes. Nos participantes do curso de Letras, observou-se a predominância da marcação do plural, inclusive em trechos mais espontâneos da fala, e um baixo apagamento dos róticos em coda, mesmo na classe de palavra verbo que, de forma geral, em estudos realizados anteriormente por outros pesquisadores, configura-se como uma esfera que favorece o apagamento das variantes róticas. Ademais, verificou-se que houve certa frequência do aparecimento da variante rótica tepe que, na maior parte dos casos, não estava relacionada a uma origem geográfica, mas sim a um entendimento do que seja o falar culto, a norma culta e o “falar correto”, ou seja, relacionado à visão de língua que carregam os informantes desse curso e à identidade que eles desejam expor.

Por sua vez, os participantes do curso de Direito apresentam certo grau de apagamento dos róticos em coda externa na categoria de palavras verbo, entretanto ainda apresentam alguma resistência em apagar os róticos em nomes e em coda interna, tanto em verbos quanto em nomes. Nota-se que a marcação distinta do esperado de /S/ como marca de plural é quase categórica nos informantes deste curso, apesar de ocorrer de formas distintas, ou seja, alguns marcam o plural na segunda ou terceira palavra da sentença, quando o esperado seria marcar o plural no primeiro vocábulo da sentença, enquanto outros adicionam o plural em palavras em que, normalmente, não há marcação de plural. Apenas um dos informantes do curso de Direito não realiza essas marcações distintas de plural, o que pode se justificar por sua atenção estar voltada para outro processo linguístico, uma vez que ele realiza a alternância da palatalização de /D/ e /T/. Os informantes de Pedagogia, por sua vez, têm uma alta marcação de plural e realizam o apagamento dos róticos principalmente em verbos, apresentando, porém, certa resistência em apagar os róticos nas outras posições e categorias de palavras.

Dos processos analisados, apenas o apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/ ocorreu de forma similar nos três cursos analisados. De forma geral, os estudantes apagaram o /D/ ao longo da entrevista, havendo apenas alguns casos em que isso não ocorreu, todos presentes na leitura do texto. Isso se justifica ao

verificar que o momento da leitura é altamente monitorado, o que faz que o informante tenha ampla consciência de que está sendo analisado e opte por uma postura, na maioria das vezes, mais formal. Além disso, os entrevistados têm o texto em mãos, podendo ver a escrita das palavras, não se preocupando com a elaboração da fala, apenas na reprodução da materialidade linguística, o que reforça a possibilidade de realização do /D/ no morfema de gerúndio. Apesar de não haver o apagamento nesse momento, em todos os outros, faz-se categórico, apontando que este fenômeno se faz presente na fala culta e, conseqüentemente, sofre baixo ou nenhum preconceito. Isso evidencia que este fenômeno está, portanto, estável na língua.

Partindo para a norma culta, verifica-se que ela predomina na fala de todos os informantes, seja como realização, seja como tentativa. Os participantes, em sua maioria, externam que há uma tendência e, por vezes, uma exigência de que sua fala se aproxime da norma culta por estarem em um ambiente universitário. Ademais, a partir da análise do falar desses informantes, pode-se ter um panorama de como a norma culta se constitui hoje, indicando quais variantes morfofonológicas (/S/ como marca de plural, palatalização das oclusivas alveolares /D/ e /T/, apagamento de /D/ no morfema de gerúndio /NDO/ e variantes róticas em coda silábica) apresentam preconceito e quais passam a ser implementadas no falar culto. Já em questão regional, averiguou-se que estudantes dos primeiros anos vindos de outras localidades trazem variantes linguísticas distintas das que caracterizam o falar londrinense e, por vezes, sofrem preconceito linguístico. Ademais, notou-se que os informantes dos últimos anos de outras localidades tendem a incorporar as variantes linguísticas londrinenses, levando-os a apresentar uma alternância entre o falar da sua localidade de origem e Londrina. Vê-se, a partir desses resultados, que os aspectos linguísticos explicitam as escolhas identitárias e revelam a influência social na formação das identidades.

Salienta-se que alguns fatores se colocaram como limitadores deste estudo, a exemplo, a ausência de estudos anteriores sobre determinadas localidades, como Jaú e Tocantins, o que impossibilitou uma análise mais sistemática, impondo que as considerações acerca do falar dessas localidades fossem pautadas nos comentários dos entrevistados. Apesar de relevantes, os comentários dos informantes não são suficientes para sistematizar o falar de uma cidade ou de um Estado, o que fez que

as conclusões desses informantes acerca da adoção de variantes linguísticas londrinenses fossem apenas parciais.

Por fim, recomenda-se, para estudos futuros, a caráter de aprofundamento e ampliação, que sejam analisados mais cursos das diversas áreas da universidade. Um número maior de informantes de uma gama maior de cursos dará uma noção mais extensa de como se constitui o falar universitário e trará resultados ainda mais relevantes, especialmente para análises quantitativas. Além disso, para melhor compreensão da constituição dos cursos enquanto comunidades de prática, aconselha-se analisar também os aspectos lexicais, elemento não contemplado nesta pesquisa, uma vez que eles podem mostrar-se como fatores identitários produtivos.

Sublinhando, em conclusão, a pertinência intrínseca deste estudo, destaca-se a demonstração da presença de variação linguística, mesmo nos estratos da fala culta. Isto revela a importância de propor uma reflexão acerca da necessidade imperativa de abordar a diversidade linguística, especialmente nos âmbitos educacionais, notadamente nos cursos de Pedagogia e Letras. De forma geral, os três cursos selecionados, por sua natureza, desempenham um papel preponderante na formação de indivíduos destinados a assumir papéis fundamentais na sociedade, como educadores, coordenadores, diretores e juristas. Esses profissionais, ao concluírem seus cursos, devem emergir dotados de uma consciência crítica e sensibilidade em relação às distintas variedades linguísticas e em como elas atuam como as marcas identitárias dos sujeitos, capacitando-os a respeitar e a valorizar tais diversidades no contexto social em que atuarão.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A.; KAILER, D. A. Apagamento do /R/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar. In: KRAGH, K. J.; LINDSCHOUW, J. (ed.). **Les variations diasystematiques et leurs interdépendances dans les langues romanes**: actes du Colloque DIA II à Copenhague (19-21 nov. 2012)[organisé par l'Université de Copenhague en collaboration avec l'Académie Royales des sciences et belles-lettres du Danemark]. ELIPHI Éditions de linguistique et de philologie, 2015.
- ALKMIN, T. M. Sociolinguística - parte 1. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, A. N. S., OLIVEIRA, A. J. – Você fala cantano? Uma análise sistemática no morfema –ndo formador de gerúndio no português. **Letronica**: Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 200-209, janeiro-junho, 2017.
- ALMEIDA, E. de F. de. **Os róticos em coda silábica na Região Centro-Oeste do Brasil**. 2018. 244f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- ALMEIDA, M. A. B. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha**: uma análise quantitativa. 2000. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- ALMEIDA, M. M. S. As consoantes do português falado no Vale do Cuiabá. **Signum**: Estudos da linguagem, v. 7, n. 1, p. 149-163, 2004.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1972.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4. ed. Brasília: INL, 1982.
- BACILA, C. R. **Estigmas**: um estudo sobre os preconceitos. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Juris, 2005.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições

Loyola, 2005.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BARCELLOS, M. E. M.. **O falar paulistano e os significados sociais de (AN)**: correlações entre origem do ouvinte e percepção. 2020. 137 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

BERGAMASCHI, M. C. Z. **Bilingüismo de dialeto italiano-português**: atitudes lingüísticas. 2006. 154 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2006.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum**: Estudos da Linguagem, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 51–66, 2008. DOI: 10.5433/2237-4876.2008v11n2p51. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3041>. Acesso em: 2 dez. 2023.

BISOL, L. A palatalização e sua restrição variável. **Estudos**, Salvador, n. 5, p. 163-77, 1986.

BISOL, L. Palatalization and its variable restriction. **International Journal of Sociology of Language**, n. 89, p. 107-24, 1991.

BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. **Language**, v. 2, n. 2, p. 153-164, 1926.

BOAS, F. On Alternating Sounds. In: **American Anthropologist**, v. 2, p. 47-54, 1889. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/658803>. Acesso em: 20 out. 2023.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 18, n. 1, p. 102-131, 2015.

BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. M. P. **A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro**. In: Encontro Nacional de Linguística, 1o, 1976. Anais. Rio de Janeiro, PUC, 1976. p.464-77.

BRAGA, M. L. **A Concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro**. 1977. 88f. Dissertação (Mestrado). PUC, Rio de Janeiro, 1977.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M.S.; NEVES, M. F. (orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

BRITAIN, D.; MATSUMOTO, K. Language, communities, networks and practices. In: BALL, M. J. (ed.). **Clinical Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 2005.

BUENO, A. M. **Intolerância linguística e imigração**. 2006. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Semiótica e linguística geral. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**: introdução teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCK, I. (ed.). **Gramática do português falado VI**. Campinas: Unicamp, 1996.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e tempo real. **Delta**, São Paulo, v. 14, 1998.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do r no dialeto nordestino. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 14, n. 1, p.

195-219, janeiro-junho, 2015.

CAMACHO, R. G. Uma Reflexão Crítica sobre a teoria sociolinguística. In: **D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, n. 26, v. 1, p. 141-162, 2010.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

CÂMARA Jr., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1978.

CARDOSO, S. A. M. da S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, M. do S. S. de A.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel. Vol. 1, 210 p.; vol. 2, 368 p., 2014.

CARVALHO NINA, T. de J. **Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina**. 1980. 165 f. Dissertação (Mestrado). PUC, Rio Grande do Sul, 1980. 1

CARVALHO, S. D. M. **A palatalização das plosivas dentais na fala de pescadores do norte e noroeste do Rio de Janeiro**. 2002. Dissertação (Mestrado). UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

CEDERGREN, H. J. **The interplay of social and linguistic factors in Panama**. Cornell University, Ph.D. Dissertation, 1973.

CHNAIDERMAN, M. Língua(s)-linguagem(ns)-identidade(s)-movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

COLEGIADO PEDAGOGIA. **História Do Curso**. Disponível em: <https://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/licenciatura-em-pedagogia---uel/historia-do-curso.php>. Acesso em: 4 out. 2023.

Conheça a UEL. **Apresentação**. Disponível em: <https://portal.uel.br/conheca-a-uel/>. Acesso em: 4 out. 2023.

CORRÊA, T. R. A. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração**. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2019.

COSTA, I. D. Q. **Da oralidade à escrita: uma abordagem fonológica sobre o apagamento do “r” na escrita de alunos do 8o ano do Ensino Fundamental II**. 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2015.

CRISTÓFARO SILVA, T. Fonologia: Por uma análise integrada entre a morfologia e à sintaxe. **Viva Voz**, Belo Horizonte, v. 2, p. 61-70, 1996.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

CUNHA, C. **A questão da norma culta brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

CURSO DE DIREITO. **Histórico**. Disponível em: <https://www.uel.br/graduacao/direito/>. Acesso em: 4 out. 2023.

DALPIAN, L.; MÉA, C. H. P. D. **Do latim ao português: estudos fonético/fonológico**. Relatório de pesquisa referente ao Edital 05/2001-PRPGP. 2002. Disponível em: [www.unifra.br/professores/laurindo/versãofinalpesquisa2002.doc](http://www.unifra.br/professores/laurindo/versãofinalpesquisa2002.doc). Acesso em 29 de setembro de 2023.

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS E CLÁSSICAS. **Histórico**. Disponível em: <https://www.uel.br/cch/let/pages/historico.php>. Acesso em: 4 out. 2023.

ECKERT, P. **Linguistic Variation as Social Practice**. Blackwell Publishers, 2000.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: the emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. In: **Annual Review of Anthropology**, v. 41. p. 87-100,

2012.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: Desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FERREIRA, J. S. **O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto**. 2010. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2017.

GREGIO, F. N. Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. **Revista Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUCSP, p. 80-94, 2012.

GUMPERZ, J. J. The speech community. In: SILLS, D. L.; MERTON, R. K. (ed.). **International encyclopedia of the social sciences**. London: MacMillan, 1968.

GUMPERZ, J. **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

GUY, G. Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: LABOV, William. (eds). **Locating language in time and space**. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1980.

GUY, G. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. 1981. 391 p. Dissertation (Ph.D.) - University of Pennsylvania, 1981.

GUY, G. Parallel Variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.). **Variation Omnibus**. Canada, Linguistic Inc., 1981.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: **II Congresso**

**Internacional da ABRALIN**, Fortaleza. Anais, 2001. Disponível em [http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais\\_con2int\\_conf02.pdf](http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

HALL, S. The spectacle of the Other. In: HALL, S. (org). **Representation: cultural representation and signifying practices**. Londres: Sage/ The Open University, 1997.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (org). **Representation: cultural representation and signifying practices**. Londres: Sage/ The Open University, 1997.

HORA, D. da. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear**. 1990. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

HORA, D. da. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: TRAVAGLIA, L. C. (org.). **Encontro na linguagem: estudos linguísticos e literários**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

HUDSON, R. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HYMES, D. Models of interaction of language and social life. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D.(eds.). **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. de F. de . As Variantes Róticas em Coda Silábica no Interior de Santa Catarina. In: Cláudia Regina Brescancini Valéria Neto de Oliveira Monaretto. (Org.). **Sociolinguística no Brasil: Textos Selecionados**. 1ed.Porto Alegre: BC-PUCRS., 2020, v. 1, p. 1-339.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change - volume 3: cognitive and cultural**

factors. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

LE PAGE, R. B.; TABOURET-KELLER, A. **Acts of identity: creole-based approaches to language and ethnicity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LIMA, G. de O. S.; FREITAG, R. M. Ko. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

MARCHESAN, I.Q. Alterações de fala de origem musculoesquelética. In: FERREIRA L.P., BEFI-LOPES D.M., LIMONGI S.C.O. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Rocca, 2004.

MARCONDES, D.; JAPIASSU, H. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)**. São Paulo: Nacional, 1934.

MATTOS, P. B.; MOLLICA, M. C. **Dois processos de assimilação fonológica no português falado semi-espontâneo do Rio de Janeiro**. Relatório final do projeto Mecanismos funcionais do uso da língua. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

MAZZELLI, L. As políticas linguísticas monoglóssicas da Era Vargas: as proibições linguísticas em Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo. In: SAVEDRA, M., PEREIRA, T., GAIO, M. **Repertórios Plurilíngues em Situações de Contato**. Rio de Janeiro: Edições LCV: LABPEC, 2019.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. **Veredas on-line** – matemática, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014.

MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Cambridge: Blackwell, 2004 [2002].

MEYERHOFF, M. Communities of practice. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.). **The Handbook of Language Variation and Change**.

Cambridge: Blackwell, 2004.

MILROY, J. Probing under the tip of the iceberg: phonological 'normalization' and the shape of speech communities. In: ROMAINE (ed.). **Sociolinguistic variation in speech communities**. London: Arnold, 1982.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Basil Blackwell, 2 ed., 1987.

MILROY, L. Social Network. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Cambridge: Blackwell, 2004 [2002].

MONARETTO, V. N. O. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MONARETTO, V. N. O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar., 2000.

MOORE, E.; PODESVA, R. Style, indexicality, and the social meaning of tag questions. In: **Language in Society**, v. 38, p. 447-485, 2009.

MOREIRA FILHO, José Lopes. **Python para Linguística de Corpus: Guia Prático**. José Lopes Moreira Filho, 2021.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1953.

NASCIMENTO, K. R. S. do; ARAÚJO, A. A. de; CARVALHO, W. J. de A. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Veredas**, Juiz de Fora, v.2. p. 398-413. 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/21%C2%BA-ARTIGO.pdf>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

NASCIMENTO, L.; MOTA, J. A ausência do 'd' no gerúndio: com base em inquéritos experimentais do projeto ALiB. **Hyperion Letras**, Salvador, s/v, n.7, s/p. 2004. Disponível em: [http://www.hyperion.ufba.br/revista\\_7\\_04.htm](http://www.hyperion.ufba.br/revista_7_04.htm). Acesso em: 29 de set. de 2023.

NEGROMONTE, I. **A Gíria na Fala de Acadêmicos da Graduação em Agronomia da Grande Dourados - MS**. 2010. 156f. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2010.

OLIVEIRA, D. da H. Fonética e Fonologia. **Curso de Letras**, Fascículo II, UFPB, 2009. Disponível em: [http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica\\_e\\_fonologia\\_1360068796.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf). Acesso em: 25 set. 2023.

OLIVEIRA, G. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: SILVA, F.; MOURA, H. (org). **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000.

OLIVEIRA, I. da C. **Os róticos em coda silábica externa: o interior da região Sul no projeto ALiB**. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

ORLANDI, E. P. **A língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas: Editora RG, 2009.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 1996.

ORLANDI, E. P. **Língua e Conhecimento Linguístico**. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 394f. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAGOTTO, E. G. **Variação e identidade**. 2001. 454 f. Tese (Doutorado) - Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PAGOTTO, E. G. **Variação e identidade**. Maceió: EDUFAL; EDUFBA, 2004.

PATRICK, P. L. The Speech Community. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Cambridge: Blackwell, 2004 [2002].

PENNA, M. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

PINTO, C. M. A.; FRAGA, L. Professores de Língua em Formação e o /R/ Retroflexo: Um Estudo sobre Atitudes Linguísticas. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 12, n. 22, 2011. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/5774>. Acesso em: 26 out. 2023.

PODESVA, R. Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona. In: **Journal of Sociolinguistics**, n. 11, v. 4, p. 478-504, 2007.

PODESVA, R. **Three sources of stylistic meaning**. Washington D.C.: Georgetown University, 2007.

PONTE, V. M. L. **A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre**. 1979. 215 f. Dissertação (Mestrado) - PUC, Rio Grande do Sul, 1979.

PYTHON. **Python**. Disponível em: <<https://www.python.org/>>. Acesso em: 4 out. 2023.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

ROMAINE, S. **Language in society**: an introduction to sociolinguistics. London: Blackwell, 1994.

ROMAINE, S. What is a speech community? In: **Sociolinguistic variation in speech communities**. London: Edward Arnold, 1980.

RUTHERFORD, J. **Identity**: community, culture, difference. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

SAPIR, E. **Language and Personality, Selected Essays**. Berkeley: University of California Press, 1949. p. 01- 44.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAPIR, E. The Status of Linguistics as a Science. **Language**, New York/USA, v. 5, n. 4, p. 207-214, 1929.

SCHERRE, M. M. P. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. 1978. 158 f. Dissertação (Mestrado) - PUC, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. **Aspectos da Variação Gramatical**. 1979. 12 f. Trabalho final do curso (Graduação) - Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1979.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em Português**. 1988. 555 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1988.

SILVA, J. C. da (org.). **50 anos dos Cursos de Letras: da FAFILON à UEL**. Londrina: UEL, 2006.

SILVA, T. C. *et al.* Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

SPENCER, A. **Phonology**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

STURZ, E. R.; FIEPKE, R. B.. A política linguística da era Vargas e seus efeitos na vida de descendentes de imigrantes alemães de Novo Machado - RS. **Revista**

**Ribanceira**, n. 8, p. 122-133, 2017.

TABOURET-KELLER, A. Language and Identity. In: COULMAS, F. (ed.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1986.

TEIXEIRA, J. A. O falar mineiro. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, n. 45, ano 4, p. 5-100, mar., 1938.

VIEIRA, M. S. Apagamento do /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual. **Sociodialeto**, Campo Grande, v.1, n. 4, p. 1-27, jul., 2011. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011063729.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

WARDHAUGH, R. **An Introduction to Sociolinguistics**. Cambridge: Blackwell, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WHORF, B. **Language, thought, and reality**: selected writings of Benjamin Lee Whorf. Cambridge: MIT, 1956.

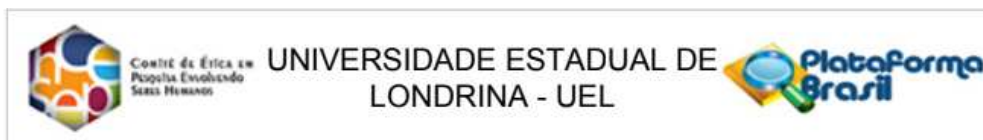
WILLIAM, L. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### Aprovação do Comitê de Ética



Continuação do Parecer: 5.952.545

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2000050.pdf	15/03/2023 20:21:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetedepesquisa1.pdf	15/03/2023 20:19:04	ANA PAULA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLNovo1.pdf	15/03/2023 20:17:10	ANA PAULA SILVA	Aceito
Outros	TERMODESIGILO.pdf	06/03/2023 12:40:28	ANA PAULA SILVA	Aceito
Outros	anuencialetras.pdf	13/02/2023 15:15:57	ANA PAULA SILVA	Aceito
Outros	anuenciadireito.pdf	13/02/2023 15:14:37	ANA PAULA SILVA	Aceito
Outros	anuenciapedagogia.pdf	13/02/2023 15:12:57	ANA PAULA SILVA	Aceito
Outros	ROTEIRO.pdf	08/02/2023 08:56:37	ANA PAULA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	declaracaonaoiniciada.pdf	08/02/2023 08:54:45	ANA PAULA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	08/02/2023 08:38:53	ANA PAULA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Avaliação da CONEP:**

Não

LONDRINA, 20 de Março de 2023

\_\_\_\_\_  
**Assinado por:**  
**Adriana Lourenço Soares Russo**  
**(Coordenador(a))**

<b>Endereço:</b> LABESC - Sala 14	<b>CEP:</b> 86.057-970
<b>Bairro:</b> Campus Universitário	
<b>UF:</b> PR	<b>Município:</b> LONDRINA
<b>Telefone:</b> (43)3371-5455	<b>E-mail:</b> cep268@uel.br

## ANEXO 2

### Roteiro para a entrevista

#### PARTE 1

Qual a sua idade?

Há quanto tempo você mora em Londrina?

Você nasceu aqui?

Seus pais nasceram aqui?

Você gosta de morar aqui?

Por que escolheu morar aqui?

*Se o informante não mora há muito tempo:* Em que outros lugares você já morou?

Como era lá comparado a Londrina?

Você costuma viajar bastante?

Hoje, tem alguma outra cidade que você tem pretensão de morar ou você tem planos de permanecer em Londrina?

Além da faculdade, você tem alguma outra ocupação? Trabalho, estágio...

Você faz o curso XXXX, seus pais te influenciaram nessa decisão ou foi uma escolha mais sua? Qual a profissão dos seus pais?

Qual o seu curso?

Em que ano você está?

#### PARTE 2

O que você acha do curso?

Quais são suas expectativas em relação ao curso (*agora que você está terminando/ como você entrou agora*)?

Por que você escolheu o curso?

Você já passou por alguma situação na universidade, no curso, seja em interação com colegas ou com professores, que foi desconfortável e te marcou negativamente?

E alguma situação feliz? Algo marcante, que te marcou positivamente, seja em interação com os colegas ou com professores?

**PARTE 3**

O objeto com que se corta o tecido?

Tesoura

Aquilo que se recosta a cabeça para dormir na cama?

Travesseiro

Aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?

Torneira

Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica*)?

Varrer

Uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

Almoço

A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma?

Colher

Um aparelho que é usado pra fazer vitamina, suco?

Liquidificador

Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?

Fervendo

O que é preciso colocar na carne para temperar? Que tem na água do mar?

Sal

Aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?

Tomate

O que é que dá sombra nas ruas, no campo?

Árvore

*(Retirada da versão final)*

Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer? (*mímica*)

Montar

E o que é que a abelha fabrica?

Mel

Um bichinho que voa e que tem as asas bonitas e coloridas?

Borboleta

Um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (*mímica*)?

Elefante

Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a....

Noite

E depois da noite, o que é que vem?

Dia

Aquilo que brilha no céu de dia?

Sol

No inverno faz frio. E no verão?

Calor

Qual é o contrário de cedo?

Tarde

O que é vem depois do treze?

Catorze

*(Retirada da versão final)*

E quanto é que se paga pra viajar daqui a Maringá?

XX reais

Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?

Trabalhar

Onde as crianças vão para aprender a ler?

Escola

Fazer assim (*mímica*) em um papel é...

Rasgar

Que cor é esta? (*mostrar*)

Azul

O nosso país...

Brasil

Quem nasce no rio de janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

Pernambucano

Quando alguém é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?

Inocente

Qual o contrário de errado?

Certo

Uma pessoa lhe conta um fato que você acha que não é verdade. Você diz que é uma...

Mentira

E isto? (*apontar*)

Dente

Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

Desmaio

Eva foi a primeira...

Mulher

O que é que o irmão de seu pai é seu?

Tio

o que se diz de uma pessoa que mede 1m90cm, dois metros?

Alta

O que é que se usa no dedo? (*ou apontar*)

Anel

O que se coloca no corpo para ficar cheiroso?

Perfume

Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?

Presente

Dar um abraço é abraçar. E fazer assim? (*mímica*)

Beijar

A pessoa que não está acordada, está? (*mímica*)

Dormindo

Quando não se sabe uma coisa, se vai...

Perguntar

Qual é o contrário de entrar?

Sair

Este é meu lado direito e este? (*mostrar*)

Esquerdo

#### PARTE 4

Você falou que já foi pra (X, Y, Z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era (*lugar de onde a pessoa veio*)? (*se sim*) como elas percebiam?

(*Em caso de ser de Londrina*) Como você consegue identificar que uma pessoa é londrinense como você?

Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de Londrina? (*se sim*) como você percebe? (*Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê*)

(*se não*) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque?

Quando você conversa com alguém, você presta atenção no jeito que a pessoa fala?

Qual o sotaque do Brasil você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como é que (*sotaque citado*) fala(m)?

E como é que as pessoas aqui de Londrina falam?

Você já passou por alguma situação constrangedora relacionada ao seu modo de falar?

Em alguma situação (*estando em viagem, a passeio ou trabalho em algum lugar fora de Londrina, ou mesmo na universidade*), você já modificou sua forma de falar para adaptá-la ao modo de falar das pessoas do lugar em que você estava?

Você sente orgulho ou vergonha devido à sua forma de falar? Ou isso pra você é irrelevante?

#### PARTE 5

Parábola dos sete vimes. Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer chamou-os a todos e depois de ter olhado inquieto e tristemente para o céu disse-lhes. Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito. Mas antes de morrer desejo que cada um de vós me vá buscar no campo do moinho um vime seco. Eu também? perguntou o mais novo. O garoto esbelto de quatro anos que estava inocentemente brincando ao sol com duas moedas num velho chapéu de feltro. Tu também, Tiago. Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao

menor deles. Quebra esse vime. Ao ouvir isto, o pequeno partiu o vime sem sem nada lhe custar. Agora parte os outros, um a um. O menino obedeceu. Trazei-me todos outro vime! Tornou o pai logo que viu o menino a partir o último sem dificuldade alguma. Quando os rapazes apareceram de novo, enfeixou os sete filmes soltos, atando-os com o fio. Toma este feixe, Paulo, parte-o. Ordenou o pai ao filho mais velho, o homem mais valente da cidade. Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se esforçar por partir o feixe acrescentou: não foste capaz, o osso é duro de roer. Não, senhor, não fui, e já me doem as mãos, respondeu o moço. Todos os outros tentaram em vão. Se fossem mil vimes em vez de sete, pior seria ,exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se estiverdes sempre unidos ninguém vos fará mal. Ao acabar de dizer isto morreu. Fiéis ao bom conselho paterno até o fim da vida foram sempre felizes e fortes com leões os sete irmãos desta história.